This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

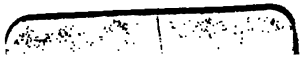
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 4740

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS



CAMÕES

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

TOMO II

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1863

869.3
C353a
1263
V.2

63-2.85 / 78

11
2676
2
3

Acta da sessão de 12 de junho de 1856

«Presidencia do sr. José Maria Grande.

«Presentes, além do sr. Presidente, os vogaes: «Andrade Corvo, Antonio de Lacerda, Brito do «Rio, e Cunha e Menezes.

«Lida a acta da antecedente conferencia, foi ap«provada sem reclamação.

«O sr. Presidente disse que sendo a ordem do «dia a discussão do parecer ácerca do drama *Ca«mões*, se ia proceder á leitura do referido pare«cer, para em seguida ser entregue á discussão.

«Em seguida foi lido pelo Secretario o parecer.

«O sr. Antonio de Lacerda, obtendo a palavra «como membro da commissão, disse que o me«recimento tanto litterario como dramatico do «drama *Camões* era incontestavel; e tão subido, «quanto era de esperar que o fosse uma produc«ção do sr. Castilho. Accrescentou que as situações «dramaticas eram tão engenhosas e bem desenvol«vidas, que a commissão se não atrevêra a preci«sar os córtes que as exigencias scenicas possam «aconselhar como vantajosos para um melhor re«sultado do drama, reservando-se para os indicar «na opportuna occasião dos ensaios. Disse mais «que, não só em attenção ao merecimento do dra«ma, como tambem á consideração e respeito que «tributava ao seu autor, entendia que o referido «drama subisse á scena, e se escolhesse para a sua «primeira representação o dia solemne da trasla-

«dação dos restos mortaes do nosso insigne poeta «Luiz de Camões; porém que exigindo a *mise en* «*scène* alguma despeza, e devendo ser esta talvez «superior ás forças do cofre do theatro normal, se «pedisse ao Governo um auxilio pecuniario a fim «de se levar a effeito tão patriotico pensamento.

«O sr. Presidente, concordando plenamente com «a opinião expendida pelo sr. Lacerda, accres- «centou que estava convencido de que a des- «peza não seria muito avultada; e ainda quando «o fosse lhe parecia que não era motivo para que «o Conselho hesitasse em empregar todos os seus «esforços sempre que á arte dramatica se pre- «tenda, como neste caso, dar todo o alento e pro- «tecção de que ella carece.

«O sr. Andrade Corvo, abundando nas idéas apre- «sentadas pelos seus collegas, terminou lamen- «tando a sorte pouco favoravel a que entre nós «estão sujeitos os autores dramaticos, especial- «mente aquelles que exclusivamente se dedicam «a este ramo de litteratura; e chamou a attenção «do Conselho sobre tão importante assumpto.

«Não havendo quem pedisse a palavra, o sr. Pre- «sidente mandou novamente ler o parecer, que de- «pois de lido foi entregue á votação, e unanime- «mente approvado.

«Em seguida o sr. Presidente disse que em con- «formidade com a votação que acabava de ter lo- «gar, se dirigiria a Sua Magestade uma consulta; «e não havendo mais objecto algum a tratar, le- «vantou a sessão. E eu Carlos da-Cunha e Mene- «zes, Secretario, redigi e assignei.

Consulta

«Senhor:—Ao Conselho Dramatico foi presen-
«te, a fim de ser examinado e avaliado o seu me-
«recimento litterario e dramatico, o drama origi-
«nal *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho.

«Depois de uma leitura reflectida, e de não me-
«nos reflectida e demorada discussão, o Conselho
«reconheceu que o drama *Camões* tinha um ele-
«vadissimo merecimento litterario; e que são tão
«portuguezas as feições que o caracterisam, tão ri-
«cos os pensamentos elevados que o adornam, e
«tão sublimes as situações que o animam, que o
«julgou digno de honrar o nosso theatro, subindo
«á primeira scena portugueza, á do theatro nor-
«mal.

«O drama *Camões*, e o poema *Camões*, são os unicos
«monumentos elevados á sua memoria por dois
«grandes poetas dignos d'elle: Garrett e Castilho;
«e persuadido está o Conselho de que o Governo
«de Vossa Magestade não consentirá que Antonio
«Feliciano de Castilho tenha de pedir esmola, como
«o escravo Antonio, para o seu *Camões*.

«Com a pratica que o Conselho tem dos chama-
«dos effeitos scenicos em Portugal, atreve-se a as-
«segurar que quando mesmo este drama tivesse
«de ser apresentado a um emprezario especulador,
«este não havia de perder o capital que empre-
«gasse para o dar ao publico com toda a pompa.

«Porém este drama não deve ser avaliado sim-
«plesmente como obra d'arte, e muito menos co-
«mo obra de especulação de theatro.

«Um drama que faz resuscitar diante dos por-
«tuguezes de hoje a era mais solemne da nossa
«historia; que põe em scena a maior gloria da
«nossa terra — um simbolo do nosso antigo valor,
«e amor da patria; o soldado, poeta e infeliz Ca-
«mões — nas armas grande, grande nas lettras, nas
«desventuras ainda maior; e finalmente essas duas
«columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos
«— Camões e D. Sebastião; este drama, modelo na
«pureza, e propriedade da linguagem, na conve-
«niencia do estilo, e no estudo e observação dos
«costumes d'aquella época, escripto por um dos
«nossos mais famosos escriptores e poetas, é uma
«obra verdadeiramente nacional, e que por si mes-
«ma excita a curiosidade, e deve prender a at-
«tenção, e promover a admiração de espectadores
«portuguezes.

«Muito mais se fôr bem interpretado pelos nos-
«sos melhores actores, e posto em scena com todo
«o esmero, e galas, que exige. Não duvída o Con-
«selho de que durante os ensaios se reconheça a
«necessidade de fazer alguns córtes, a fim de redu-
«zir o drama ás justas e convenientes proporções
«de uma producção dramatica, que hoje se destina
«para o theatro; porém que na sua origem, como
«o declara o seu autor, foi dedicado apenas á lei-
«tura de gabinete. O Conselho Dramatico, para
«gloria sua e da arte, acompanhará e assistirá á
«maior parte dos ensaios, e ahi fará as reducções
«que julgar convenientes.

«Mas antes de tudo, o Conselho tem a cumprir
«um grande dever para com o Governo de Vossa

CAMÕES

«mundo, que a padece. Saimos d'aquella primei-
«ra conferencia persuadidos de que emfim este
«problema, havido por irresoluvel, poderá che-
«gar a desatar-se.

«Assentados os fundamentos da ortografia no
«uso, analogia, e etymologia, tratarão os collabo-
«radores de ir aferindo cada uma das palavras
«do vocabulario pelos principios ou regras ge-
«raes, em que houverem concordado, e registan-
«do-as, por sua ordem alfabetica, á proporção e
«do modo como se forem approvando. Este pe-
«queno vocabulario, sem definições, e o mais
«completo que fôr possivel, será estampado pela
«mesma Imprensa Nacional para uso seu, e de to-
«das as outras que desejem adoptar o novo sys-
«tema. Alguns redactores de jornaes, e muitos
«litteratos (e, dentro em pouco, serão todos os
«litteratos e todos os redactores) abraçarão, pro-
«vavelmente sem restricções, um methodo, que,
«ainda quando em um ou outro ponto discrepe
«de suas idéas particulares, tem comtudo a im-
«mensa vantagem de nos reunir a todos nesta
«parte. É de crer que o Governo não tardará em
«contribuir para este fim, ordenando que nas se-
«cretarias de Estado e mais repartições suas de-
«pendentes se rejam por este novo diccionarinho
«como d'antes se governavam pelo Madureira; e
«insensivelmente a ortografia portugueza appare-
«cerá uma e determinada.»

Do mesmo periodico a 2 de março do mesmo anno:

«Continúa a congregar-se todos os domingos na «bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior «pontualidade e zelo, a sociedade litteraria, que «tomou a peito assentar as suspiradas e tardias «pazes entre os ortografos portuguezes. As confe- «rencias, que nunca duram menos de quatro ho- «ras, vão promettendo excellentes resultados. Por «ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes; «assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas «umas pelas outras, proceder-se-ha á sua applica- «ção a todos os vocabulos da lingua por sua ordem «alfabetica. Nenhum trabalho bem remunerado «foi jámais feito com melhor vontade e maior «affinco do que este, de que nem sequer uma glo- «ríola se póde esperar em recompensa.»

Finalmente extraimos da mesma *Revista* de 16 de março:

«No *Patriota* de 10 do corrente, lemos um ar- «tigo com este mesmo titulo, assinado A. M. da «Silva, no qual (sem que os illustres redactores «d'aquella folha accrescentassem coisa alguma «para correctivo) se combate o nobre empenho «que alguns litteratos se impozeram de assentar «as suspiradas e tardias pazes entre os ortografos «portuguezes. Figura-se ao articulista abomina- «vel audacia nesses litteratos o pretenderem elles «presentar ao publico uma proposição de escri- «tura uniforme, que, se fôr acceita, porá ponto «na vergonhosa anarchia, em que ainda a este

«respeito laborâmos, e provavelmente facilitará, «como em Hespanha, o estudo das primeiras let- «tras. Puderamos responder ao articulista que to- «das as revoluções litterarias são e foram sempre «feitas por sociedades ou individuos, e não por «autoridades governativas, que para taes coisas «não ha nem póde haver; que todos os preceptis- «tas, diccionaristas, grammaticos, e ortografos, ti- «veram sempre o direito de apresentar os seus al- «vitres, como o povo tem o de lh'os acceitar ou «recusar. O Madureira, que por muito tempo foi «nas repartições publicas o legislador do *a b c*, «não valia de certo mais que os 13 collaborado- «res d'este futuro vocabulario, cujos nomes por «sua ordem alfabetica são os seguintes: A. F. de «Castilho—A. Herculano—A. J. Ramalho e Sousa «—A. da Silva Tulio—J. A. Corrêa Leal—J. B. Al- «meida Garrett—J. C. de la Figanière—J. F. Pe- «reira Marecos—J. de Sousa Pinto de Magalhães— «J. S. Mendes Leal Junior—L. A. Rebello da Sil- «va—L. J. Moniz—S. Pinheiro Ferreira, presi- «dente.

«Assim a exhortação que elle faz a seus pios «ouvintes, para que não acceitem a novidade, é «tão vã, e tão absurda, quanto é ridiculo o seu «fundamento, que é, segundo elle diz, o menos- «preço com que a senhora *Revista Universal Lis- «bonense,* cujo illustre redactor é um dos mem- «bros da referida sociedade, parece tratar a or- «tografia e os ortografos, dizendo que d'esse tra- «balho nem sequer uma glorîola se póde esperar «em recompensa.

«Fracas são as ambições do illustre inimigo da «ortografia, se realmente cuida que de um opus- «culo ortografico innominadamente composto por «13 individuos póde porvir tamanho luzeiro de «celebridade, que a sua decima terça parte seja «ainda bastante para deslumbrar de inveja a «qualquer christão! Mas quando assim fosse, quan- «do se soubesse com evidencia que todos os mem- «bros d'esta junta haviam trabalhado com a mes- «ma intelligencia e fervor, que nenhum havia «sustentado opiniões regeitadas pela maioria, co- «mo queria o articulista que o redactor da *Re- «vista Universal,* que elle mesmo dá por um dos «da conjuração, dissesse: — «D'aqui ha-de-me por- «vir uma fama digna de ser perpetuada em mo- «numentos com estatuas!» — não seria isso abu- «sar tambem dos typos e da paciencia dos leito- «res!

«A sociedade ortografica trabalha com zelo e «assiduidade porque entende que está fazendo «obra, que todos os portuguezes judiciosos, e não «pirrhonicos, hão-de acceitar.

«E tão pouco é avára de tal honra, que de boa- «mente a repartirá com todas as pessoas, littera- «riamente habilitadas, que desejem ajudal-a. Ve- «nha o autor do artigo, e venha quem quizer, «que as portas da livraria da Imprensa Nacional «para isso estão abertas todos os domingos, desde «o meio dia até ás quatro horas da tarde. Se fo- «rem tantos os collaboradores, que não caibam «na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio, «ou no Terreiro do Paço, para dar gosto ao sr.

«Silva. Teremos comicios ortograficos, teremos a «democracia applicada á grammatica, o que não «deixará de ser curioso, ao menos pela originali-«dade.»

Aqui têem os leitores o como, a despeito de necedades ferrenhas e ingratidões prematuras, se ia teimando na boa diligencia.

Mandado pelo Governo estudar as melhores typographias de Paris e Londres para vir aperfeiçoar (como aperfeiçoou) a Nacional, saiu de Lisboa o administrador e nosso amigo Marecos, secretario que desde o principio fôra das conferencias ortograficas, e seu mui activo excitador. Desde então parou tudo. Quando regressou, havia muito que estava quebrado o fio, não foi possivel tornar-se a atal-o. Para cumulo de miserias os apontamentos do já feito tinham-se perdido. Seis annos mais tem portanto durado esta indecente e repugnantissima anarchia, que bem pudera então haver findado, com grande credito da nossa edade, e proveito ainda maior das patrias lettras.

Desde que introduzi nas escolas de leitura dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel o meu *novo methodo*, a experiencia me tem constantemente provado, o que aliás está dizendo o simples raciocinio: que a peior canceira para mestres e discipulos, e a mais ronceira rémora de progressos, é a arbitrariedade com que umas vezes lettras diversas representam o mesmo valor; outras, as mesmas lettras representam valo-

res differentes. Toda a possivel reducção e simplificação nesta parte, seria passo de gigante para o filantropico *desiderandum* de saberem todos ler.

Oxalá que esta nota, convencendo a quem possa e queira, da summa exequibilidade, dos promptos e prosperos effeitos do alvitre, concorra ao cabo para que elle vingue. Mais propozera eu agora se o ousasse, a fim de precaver cançaços e entibiamentos de vontades, e outras causas de deserção nos collaboradores antes de finda a obra; e era: que por lei se determinasse um subsidio aos litteratos que em tal se houvessem de empregar, os quaes então entendido está que deveram ser escolhidos e nomeados ou pela Academia Real das Sciencias, ou pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino, ou mesmo pelo Governo, depois de consultados e ouvidos ambos aquelles respeitaveis corpos. Se algum maligno suppozer que peço nicho para mim, por ter notado que desde o começo andei nesta diligencia, engana-se: quando isso se realizar se porventura se realizar, e por mais cedo que se realize, já eu cá não estarei; da terra do nascimento me atirou a minha estrella passa de dois annos para duzentas leguas mar em fóra; hoje, como se fosse ainda muito perto para desterro, e muito pouco para martirio, vai-me atirar peregrino para duas mil leguas, e para outro mundo, que a final me ha-de comer os ossos; pelo que, o que peço e imploro aqui, não é já para mim, nem movido de *premio vil;* é sim que

apesar de tudo, sempre, até ao fim, e com todas as véras d'alma

A minha terra amei e a minha gente.

Aqui findava a nota na 1.ª edição. Os doze annos cumpridos e accrescentados, que depois decorreram até hoje, ainda não chegaram para se acudir ao mal, sequer com alguma tentativa de remedio, que aproveitaria ou não;

.....*sed quid tentasse nocebat?*

Continúa pois, quanto á escrita, a haver tantas linguas portuguezas, quantos são os que nella escrevem.

O autor considera actualmente, e já de muito, que esta questão é alguma coisa mais que simplesmente litteraria, o que já não seria pouco: entende que nella vão interessadissimos o progresso, a politica, a civilisação de Portugal.

Claras são as razões em que se funda, e eil-as aqui:

Reformada que seja a ortografia em sentido sincera e francamente popular e democratico, isto é: arrancadas e extirpadas do escrever todas quantas difficuldades escusadas lhe têem vindo semeando e multiplicando eruditos, latinistas,

hellinistas, arabisantes, e mais sabios da escritura; achegada, quanto possivel, á recta pronuncia dos vocabulos a sua representação grafica, para logo desapparecem os maiores e mais repugnantes embaraços que tornam, e tornarão ainda por tempo largo, prenda rara e quasi que privilegio entre nós o ler e o escrever.

O ler e o escrever, que foram, que não puderam deixar de ser na origem, extremamente simplices, rigorosos, e como taes facilimos, haverão dado um passo de gigante para os maximos futuros, a que todas as outras coisas do mundo tendem harmonicamente, logo que, reconhecido, como já o é, o errado caminho que têem seguido, ousarem recuar até áquella sua tão formosa e nativa singeleza.

Então o curso completo da escola elementar, applicados os bons methodos ao ensino, ha-de perfazer-se em poucas semanas. Nenhum pretexto imaginavel se opporá mais á frequencia, commoda, attractiva, e fecunda, do ensino primario.

Quando isso fôr, já um systema geral de providencias luminosas e liberaes haverá facilitado o apparecimento e multiplicação de livros e jornaes prestadios, instructivos, moralizadores, sympathicos, e quasi gratuitos, ou gratuitos, para o povo, para o vulgo, para a plebe; e todas estas obras, umas em volumes, outras desfolhadas, caindo serenamente sobre a multidão de dia a dia, como o orvalho criador sobre as plantas sequiosas, serão absorvidas e aproveitadas, uma vez que não desdigam, por vaidosas e desca-

bidas presunções, da simpleza, da exacção, da verdade grafica, aprendida na escola; deixar-se-hão ler, e ler-se-hão com a mesma espontaneidade e gosto com que se conversa; pedirão tão pouco esforço para liberalizarem a todos toda a sua substancia, quão pouco ou nullo é o trabalho com que apprehendemos as visões e os sons, as fragrancias e os sabores, do grande livro de Deus, chamado—A NATUREZA.

A mais humilde choça terá então a sua bibliotheca; os ocios do casal, da officina, do barco, do quartel ou da cadeia, serão deleitosamente occupados por leituras fecundativas para o trabalho, para a moral, para a convivencia.

Imbuido d'estas idéas, verdades quanto a mim incontestaveis, que já muitas vezes por outras partes tenho expendido, propuz na Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1852 se nomeasse uma commissão para elaborar as bases de um novo systema ortografico, que não estivesse, como o actual, em manifesta contradicção com o espirito do seculo, que é simplificar, accelerar, e aperfeiçoar; condensar em summa a vida em todos e por todos os modos.

Nomeou-se a commissão.

Discrepancia capital de opiniões entre os vogaes, difficultou logo no principio, e dentro em breve paralisou, até que a final suprimiu de todo, os trabalhos da commissão, dos quaes só tenues e apagados vestigios encontro hoje pelas actas.

Desenganado de que por ali, e assim, não se

alcançava resultado, fiz ainda á mesma sábia corporação nova proposta, mas que não surtiu melhor effeito que a primeira.

Reduzia-se ella a que se mandasse imprimir um volume de prosa, v. gr. os *Evangelhos*, com a ortografia rigorosamente fonica, marcada na dissertação intercalar lançada de pag. 121 a 131 da 2.ª edição do meu *Methodo de leitura*.

Impresso que fosse o livro, instaurar-se-hia no edificio, e sob os auspicios da Academia, uma escola experimental de leitura pelo novo systema ortografico.

Este curso, esperava eu com fé plena e inconcussa que poria em breves dias os alumnos analfabetos a ler e a escrever com promptidão e regularidade.

Logo que se verificasse que assim era, pareciame impossivel que houvesse alguem tão ferrenho nos preconceitos, e tão adverso ao alumiamento das turbas, que votasse contra a acceitação de beneficio tão demonstrado e tão momentoso.

O meu pensamento reservado era este: que muita gente sisuda, e até por especulação, começaria a publicar para os ledores assim iniciados, outras obras com a ortografia porque elles tinham aprendido; e se as escolas publicas, honradamente encaminhadas pela autoridade superior, accedessem ao movimento civilisador dado por aquella primeira, dentro em pouco (a minha simples e santa malicia estava aqui) a maioria dos escritores, com vontade ou sem ella, murmurando ou já sem murmurar, se accom-

modaria a conformar as suas obras com o novo padrão.

Alguns teimariam sem duvida, e póde ser que muitos, na conservação do systema velho: uns, só porque era velho, e se tinham criado com elle; outros, porque lhes cheirava a latim, e a varias outras sabedorias; mas a razão publica havia de fazer nisto por derradeiro, o que já vai fazendo com o tambem formoso e simplicissimo systema metrico decimal.

Como quer que fosse porém, e ainda que nenhum d'estes resultados se chegasse a realizar, entendia eu que a impressão do tal livro com a ortografia fonica e precisa, e o ensinar-se a ler por elle num curso de tentativa, não apresentavam a minima desvantagem de que se podesse fazer objecção, por ser muito certo que os iniciados em poucos dias nesta leitura e escrita nova, podiam depois iniciar-se igualmente, mas já então com maior facilidade, na leitura e escrita velha, nessa leitura e escrita tão arripiadas de difficuldades, e para onde aliás se entra sem nenhuma luz prévia, sem nenhum preparo que attraia a vontade, facilite a comprehensão, e ajude a memoria.

Tambem esta tentativa abortou; e d'então para cá não ousei mais abalançar-me a outra alguma sobre a materia. Fiz como os tripulantes holandezes, que, em se sentindo inferiores á valentia dos temporaes, amarravam o leme, se recolhiam ao porão, fechavam a escotilha, e se entregavam á Providencia. Digo como o meu Ovidio:

Di maris et cœli (quid enim nisi vota supersunt?)
Parcite quassatæ solvere membra ratis.

A mais especiosa objecção que se tem adduzido contra a admissão d'uma ortografia fonica, inequivoca, e invariavel, funda-se em que, pronunciando-se diversamente nas diversas provincias portuguezas d'áquem e d'álem mar, cada um, regulando-se pela pronuncia do seu uso, escreveria segundo a moda peculiar de sua terra, do que resultaria ficar havendo a final muito maior numero de ortografias inconciliaveis do que ao presente.

Respondo: se é para desejar que todo o povo de um estado se harmonize entre si no fallar, o de que ninguem duvidaria, a nossa proposta, executada integralmente, e com todas as circunstancias devidas, tinha, ou tem, de realizar, em mais ou menos tempo, esse socialissimo *desideratum*.

Em poucas palavras: A Academia Real das Sciencias, por exemplo, compunha e publicava o vocabulario portuguez, escrupulosamente ortografado segundo o que ella julgasse melhor pronuncia da gente culta da capital. Mediante esse pequeno, singelo, e baratissimo voluminho, qualquer provinciano ficaria sabendo o como na capital se proferia cada palavra, conseguintemente o como a elle lhe convinha articulal-a e escrevel-a. *Lhe convinha*, repito, pois todos sabem que a tendencia geral dos habitantes da provincia é assumirem, nisto como em tudo, a moda e o exemplo da metropole. A ortografia una traria

por consequencia a pronuncia una; e a pronuncia, ao passo que se fosse identificando por toda a parte, iria reciprocamente conspirando, com energia sempre crescente, para a identificação da escrita.

Abstenho-me de cançar o leitor com os desenvolvimentos praticos e justificativos da materia; supponho-os obvios e palpaveis.

Só ponderarei por conclusão: que o modo incertissimo de escrever, até hoje usado, nenhum influxo, absolutamente nenhum, exerceu, nem podia exercer, para o aperfeiçoamento e uniformação da linguagem, em razão de andarem ahi em quasi completo divorcio o escrever e o fallar.

O que se lança ao papel é quasi sempre uma especie de *caput mortuum* latino, estranho de todo o ponto ao fallar corrente. Leva-se por guia unico um fabuloso Caronte decrepito, e ás vezes tonto, dos vocabulos defuntos, chamado diccionarista, que voga cabeceando sobre um Lethes barrento, para um paiz de sombras vãs, alheias ao mundo dos viventes.

O systema que propomos tem por base a realidade, por essencia a vida, por norte a civilisação.

Se porém soubessemos ao certo que esta revolução tão mal augurada, e com tão avessos fados

commettida até hoje, havia fatalmente de parar em lettra morta, trocariamos o nosso rogo noutro bem diverso, e mesmo contrario em grande parte:

Pediriamos que, não se querendo por modo algum escrever como se falla, e fallar como se escreve, ao menos se acudisse á anarchia grafica por meio de um codigo de preceitos, fundamentados em principios fixos, e acompanhado do competente vocabulario; e para base d'essa obra, de aliás dificilima execução, e de inevitavel estranheza, se adoptasse o mui notavel e conscienciosissimo opusculo já de muito apaesentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa, com o titulo de — *Orthographia portugueza e missão dos livros elementares, correspondencia official relativa ao Iris Classico, publicada por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* — 2.ª *edição correcta e augmentada.*

Um systema grafico tão inflexivelmente etymologico e erudito como é o que no citado livro se propõe, seria na verdade um grandissimo estorvo ao aprendisado do ler e do escrever; mas ao menos poderia acabar com a vergonha de escrevermos cada um por seu systema particular, e as mais das vezes ao acaso.

Se ainda se não quer attender á questão altamente social e humanitaria da instrucção elementar de todo o povo, se a hora da filosofia séria ainda não bateu, seja sequer tomada em alguma conta ess'outra questão de decencia litteraria, questão que tambem, lá a seu modo, é nacional.

PONTUAÇAO

É a pontuação parte mui capital da ortografia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos. Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente. D'aqui, e de se não darem, nem poderem dar, nas escolas boas regras, e boa pratica de recitar, provém que a pontuação, para a quasi totalidade dos ledores, é lettra morta. Muito é logo para desejar, persuadir, e requerer, que outro tanto, como para a correcção grafica das palavras já pedi, se haja não menos de fazer em beneficio d'este indispensavel complemento da escritura. Ousarei até accrescentar, que esta segunda reformação, quando bem feita, promette e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza*, *homem* ou *omem*, *Nympha* ou *Ninfa*, não offerecem em realidade mais que uma questiúncula filologica; ahi, o som, e o valor real, como quer que se escreva, são sempre os mesmos. Não assim a pontuação: nesta, vai interessada a logica, e a eloquencia ou poetica; isto é, a razão, e os affectos. Eis o porque me pareceu consagrar aqui algumas linhas a este assumpto.

«Magestade, e este para com a memoria de Ca-
«mões, e o drama de Antonio Feliciano de Casti-
«lho.

«Não resolveu já o Governo de Vossa Magestade
«fazer a solemne trasladação dos ossos de Camões
«para o jazigo real de S. Vicente? Seja pois esse
«tambem o dia designado para pela primeira vez
«subir á scena o drama no theatro normal.

«Adopte o Governo este drama para comme-
«morar o principe dos poetas portuguezes, na-
«quelle dia, ou noutro qualquer assinalado, or-
«denando e decretando a sua representação an-
«nual, repetida nos dois dias seguintes.

«Compense-se ao menos a falta de um mauso-
«leu, e de uma estatua a Camões, com duas ou
«tres récitas por anno, d'este drama, para que a
«côrte, a alta sociedade, e os espectadores d'entre
«todas as classes, hajam de assistir á solemnidade
«d'esta grandiosa trasladação para a scena, do Ho-
«mero portuguez, reparando assim, com algumas
«lagrimas sequer, os desabrimentos de nossos
«avós para com elle.

«Como porém o drama seja de grande especta-
«culo, ainda que na parte accessoria, e o cofre
«da administração do theatro se não ache suffi-
«cientemente habilitado para fazer face a taes
«despezas, e não o deva em conformidade do de-
«creto de 22 de setembro de 1853, o Conselho
«Dramatico não hesita em implorar, e tem ante-
«cipadamente a certeza de obter da munificen-
«cia de Vossa Magestade que o seu Governo seja
«autorisado a pôr á disposição do Commissario

«Regio junto ao theatro normal, as sommas ne-
«cessarias para levar a effeito este pensamento al-
«tamente nacional, apresentando previamente o
«referido Commissario Regio para tal fim ao Go-
«verno, o orçamento de despeza, conforme deter-
«mina o regulamento alludido.

«O Conselho julga ter cumprido um dever, res-
«peitando o direito incontestavel que assiste ao
«autor do drama e fôra indifferença mal cabida
«pelas glorias da nossa scena, senão desprezo in-
«qualificavel pelo insigne poeta que a sabe illus-
«trar, se assim não procedesse.

«Deus Guarde, Conserve, e Dilate a preciosa vida
«de Vossa Magestade.

«Inspecção do theatro de D. Maria II 5 de ju-
«lho de 1856.

«O Presidente

«José Maria Grande.»

Pareceu-me juntar para aqui todas estas noticias e peças documentaes, para que, se porventura algum dia um engenho curioso se lembrasse de es-

crever a historia litteraria do nosso theatro, tivesse á mão com que se inteirar de todo o occorrido ácerca de um drama a que o nome do protogonista só per si, á mingoa de qualquer outro merito, communicou uma importancia real e incontestavel.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

Attribue Cicero a origem da pontuação á necessidade de se tomar o folego: se d'essa razão fisica procedeu, outra houve para se ella adoptar e seguir, e foi a dialectica; porque as pausas e compartimentos dos periodos, para alguma coisa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circunscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e conseguintemente alumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocabulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de pontuação, podem exprimir conceitos, não só diversos, senão oppostos, segundo o engenho, as opiniões, os interesses, ou a ignorancia do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o autor, pela addição de certos sinaes, designasse qual era o seu.

Das obras de Heráclito, dizia Aristóteles, que se não atrevia a pontual-as, com medo de levantar testemunhos ao autor. Que seria, onde de Heráclito não fosse o escrito, nem o interprete um Aristóteles?

De Cicero até nós, todos os grammaticos em geral, têem considerado a pontuação como uma necessidade fisica dos pulmões, e uma necessidade intellectual; noutros termos: como uma commodidade, e uma clareza. Entretanto, a pontuação póde ter, tem já, e deve ter ainda mais, terceira serventia; a saber: exprimir *intenção artistica.*

A linguagem fallada foi um effeito necessario da faculdade discursiva, e da tendencia social,

providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem fallada nasceu a escritura; esse invento dos inventos, não menos admiravel que a propria linguagem; essa apotheóse e eternização das idéas mais subtis e fugitivas; essa memoria do genero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondéra, semi-prova da immortalidade do nosso espirito. Pelo facto de fallar e escrever, o homem se achou investido na realeza do Universo: o presente, ficou sendo seu dominio pela associação; o passado e o futuro, pelas lettras, que em si contéem a historia, as crenças, as legislações, e as sciencias todas.

Que immensa conquista! e que serie de portentos! A idéa, tornada palavra! saida do seio da alma como um passaro inesperado do escuro d'um bosque, viva, córáda, sonora, rapida, volante, e com a maravilhosa propriedade de poder entrar por ouvidos em milhares de almas ao mesmo tempo, para as fecundar! depois, a palavra, corporificação aérea da idéa, tão fugaz por sua natureza como o sopro, e fadada a expirar apenas nascida, ambiciona duração indefinida, e corporifica-se para os olhos! Duas encarnações do verbo humano! Nesta parte parece que toda a ambição possivel se achava satisfeita, e não havia mais que pedir ao genio: mas não era assim. A idéa, traduzindo-se na palavra fallada, tinha necessitado de criar para a mesma palavra uma escala de tons de affectos, sem os quaes só seria retratada em mortecor; assim tambem a palavra fal-

lada pedia á escritura a reproduzisse, quanto possivel, com a sua vivacidade natural, com as suas cores privativas, com a sua vehemencia ou desanimação, com a sua rapidez ou quebras, com as suas iras, com os seus amores, com as suas melancolias, com as suas indecisões, com tudo quanto, por ser seu, era parte constitutiva d'ella mesma. Coisa inexplicavel! esta obra d'arte, que tão facil devia parecer á vista das duas precedentes criações, acha-se apenas encetada!

A pontuação, que entre os antigos, e por larguissimos seculos, quasi até aos nossos dias, só serviu para os repousos da voz, como nos jardins e parques espaçosos os pequenos assentos ao longo das alamedas, e nos largos e clareiras os relvados e os canapés, a pontuação, digo, reconheceu-se que tinha de fazer mais algum beneficio do que esse, e o que d'esse procedia: o aclarar as frases. Pediu-se-lhe a expressão, a phisionomia, o caracter, o calor, o movimento das idéas: ao menos das principaes. Á virgula, ponto e virgula, dois pontos, e ponto, que só representavam pausas mais ou menos dilatadas, (como o ponto dos antigos, collocado no alto, no meio, ou no baixo da linha) accresceu a interrogação, a admiração, e a reticencia: isto é, para tres dos innumeraveis movimentos do discurso, assinaram-se notas significativas; mas os outros (contradicção inexplicavel!) permaneceram sem indicador; continuaram por isso a laborar no vago, sendo forçoso a quem lesse, adivinhar, ou conjecturar, ás vezes mais de metade da intenção do autor,

quando este em notas, ou digressões tediosas lh'a não explicasse. D'ahi, essa arrastada bagagem de advertencias, que deturpam as paginas dos dramas, e que deturpariam até as dos sermões, se elles se imprimissem para serem no pulpito reproduzidos por oradores. D'ahi tambem, o escaço recurso, de que modernamente se começam a valer, de misturar a interrogação com a admiração, a admiração ou a interrogação com a reticencia, etc. D'ahi, o haver-se forçado o pobre ponto exclamativo a expressar, ora a ironia, ora o terror, ora a compaixão, ora o enthusiasmo: o ponto de admiração, é nos caixotins do typographo, o que é no bahú dos comicos ambulantes a safada capa do rei, que nos apertos lá vai supprir toga romana, samarra de ermitão, ou manto de viuva envergonhada; val tudo; que é o modo de nada valer. D'ahi finalmente, o costume, que descobri em alguns dos nossos actores mais habeis, (e que certamente lhes foi inspirado pela necessidade) de marcarem, cada um com sinaes só por elle entendidos, certos pormenores da recitação, ao passo que o autor, ou ensaiador lh'os vai explicando. Num exemplar de Racine, que fôra do uso de Talma, pessoa instruida que o viu, me contou ser tal, e tão insolita a pontuação que o grande mestre havia posto de seu punho nos papeis que representára, que, por falta da chave do segredo, se tornava inconprehensivel; mas nem por isso deixava de comprovar, por sentença de tão competente juiz, a insufficiencia do systema usitado.

Quem ha hi que, tendo já composto algum trecho d'estilo apaixonado, não sentisse com desespero esta verdade, e se não désse a pêrros por não atinar como se exprimiria? não entrevisse a possibilidade de um additamento a esta linguagem da linguagem, e o não chamasse com todos os seus votos?

Discursemos sisudamente:

Se o mal existe, e não é pequeno; se lhe sabemos a natureza, e por conseguinte o remedio; se este, nem é perigoso, nem repugnante, nem caro, nem comprado, porque o não manipularemos, e tomaremos logo, e já?

No prologo á minha *Traducção das Metamorphoses d'Ovidio*, pag. XX e seguintes, apresentei como proposição o systema de pontuação que nesse livro seguia, e que mais ou menos tenho depois seguido em outros meus; a saber: de córtes mui miudos; mais claro, por muito analytico; mas constando unicamente ainda dos sinaes já recebidos. Agora, para completar essa proposição, offereço aos que houverem de tratar da regeneração da ortografia, o alvitre de se criarem afoita e liberalmente novos sinaes.

O processo para esta obra importante, seria começar por um estudo filosofico da alma humana quanto ao sentir e ao querer; passar d'ahi á classificação dos affectos e paixões, o *ethico* e o *pathetico*, segundo a expressão das escolas, caracterisando-os, e distinguindo-os com a possivel exacção; e concluir, dando a cada paixão e a cada affecto um pequeno symbolo facil d'explicar, e

facilimo de representar com o bico da penna. Na minha *Cartilha de Leitura*, approvada pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, procurei eu mnemonisar pelos olhos e pelo discurso a virgula, o ponto e virgula, os dois pontos, o ponto, a interrogação, a admiração, a reticencia, o parenthesis, a apostrofe, o asterisco, etc., e a experiencia tem mostrado que por esse methodo toda a difficuldade de comprehender, reter, e applicar a pontuação, desapparece. O que assim se fez para os sinaes recebidos, cujas figuras haviam sido, sem duvida, tomadas em seu principio caprichosamente, quanto melhor se não poderá fazer nos sinaes criados com reflexão, e por espiritos analyticos? Defenda-me Deus da fatuidade de lhes querer marcar itinerarios; entretanto, para melhor dar a entender o meu pensamento, embora hajam de rir os que riem de quanto lhes parece novo, proporei dois ou tres exemplos: o tom mavioso não caberia symbolisar-se com um ponto á feição de coração? o imperioso, com um arremedo de sceptro? o irado, com uma seta? o meditabundo, com um dedo para o ar? etc. etc. etc. Com estas indicações, não se cuide que peço obras de desenho; não; para o manuscrito, qualquer longe ou arremedo nos bastava; a typographia, essa que pozesse embora maior primor.

¿Não tem ella chegado já com os seus progressos a alguma coisa parallela a esta, porém menos necessaria, e mais difficil? fallo das chamadas *illustrações*, das pequenas gravuras interca-

ladas no texto, e em que as idéas dos vocabulos se estão, porque assim o digamos, com complacencia remirando; fallo das *lettras capitaes ornamentadas* e escolhidas; fallo das *vinhetas*, e *fundos-de-lampadas*, adequados.

Uma objecção estou eu já antevendo, que é a difficuldade de completar um systema e regimento de sinaes para todos os tons e semi-tons da recitação, e depois de inventados, o custo de os decorar.

Á primeira parte respondo que, ainda que se não inventára senão metade, senão o terço, senão o dizimo dos sinaes de que se carece, já esse ficava sendo no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento. Por se não poder conseguir o optimo, não se ha-de desprezar o bom. Dae-nos dois, ou tres pontos novos, e de grande prestimo; quando esses forem correntes, virão outros, e outros, até se vingar á perfeição. É assim que a lira, a principio de tres cordas, depois de quatro, depois de cinco, chegou até vinte; e nem por isso, quando a viu plena, a historia da musica riscou o nome do seu primeiro inventor, ou os dos seus successivos ampliadores.

A segunda parte da objecção, já com a resposta d'esta esmoreceu; mas, para que de todo se desvaneça, repito o que ha pouco disse: que os sinaes que eu peço, sendo mnemonisados para os olhos, e para o discurso, num relance se decoram. Quanto á confusão que alguem imaginaria haver na multiplicidade dos pontos para se ler com rapidez, observarei que a leitura com-

mum se faz sem hesitações, e com a velocidade do relampago, mas contém em si, sommando o alfabeto maiusculo e o minusculo, os algarismos, a pontuação, e mais sinaes graficos, para cima de setenta figuras mui diversas. ¿A musica não tem porventura ainda muito maior copia de sinaes e combinações? e entretanto, não ha muito quem a decifre correntemente, e não a lêem ahi a cada canto pessoas sem talento nem estudos, e só pelo vezo de a correrem? certissimamente.

Ora a propria musica podia subministrar á leitura, se me não engano, alguns dos seus sinaes já conhecidos; assim como a leitura nova lhe podia subministrar a ella com que supprir por um só traço cada uma das advertencias que os seus compositores são ainda hoje forçados de escrever estendidamente, como: o *piano*, o *forte*, o *luzingando*, *con expressione*, o *sforzando*, o *maestoso*, o *andante*, o *andantino*, o *marziale*, etc. Em realidade, os pontos do contacto, ou semi-contacto, entre declamação e musica, são mais do que aos desatentos, e á primeira vista poderia parecer. A não haver entre ellas relações intimas, o canto nada expressaria; e entre diversos cantos feitos para a mesma lettra, não sentiriamos nuns mais propriedade, noutros menos, noutros nenhuma. A declamação dos antigos, que era mais exagerada do que a nossa, chegava até a ser regrada por sinaes musicos; pois que de oradores romanos sabemos que tinham um flautista para lhes ir encaminhando as variações da voz. Esse excesso não o ha hoje; mas para os

que lêem e recitam com perfeição, ha, e ha-de sempre haver, escalas de sons sujeitas a uma certa arte, como já adverti na tentativa que fiz sobre a maneira de recitar, no meu *Tratado de Versificação*.

Ha nas typographias regulares uns trinta sinaes por onde os revedores de provas e os compositores se entendem entre si para as emendas. Cada um d'estes sinaes, com serem bem singelos, cifra uma recommendação, ou ordem, que, a se escrever por extenso, levaria linhas, e ficaria menos clara. A significação de taes sinaes é rigorosa; a sua leitura, instantanea. Alguns poderiam tambem transferir-se para a pontuação nova, ou taes quaes, ou imitados.

Resumamos: A escrita, sendo feita para a leitura, e varios generos de escrita para a leitura em voz alta, deve ser acompanhada de sinaes, que do modo mais rapido e exacto determinem os pensamentos e os affectos, que o autor quiz transmittir. Os sinaes que hoje se costumam, uns indicando pausas, outros, affectos e paixões, são insufficientes; d'esta segunda especie principalmente, muitos se devem inventar. Os escritores, começando pelos poetas, nomeadamente pelos dramaticos, adoptarão com alvoroço a novidade.

Formulemos a nossa receita. Uma junta de peritos reune-se a estudar e ventilar as questões de pontuação; supponhamos na Bibliotheca Publica da Côrte, ou na da Typographia Nacional. Trabalham com as portas abertas, permittindo a

quem quer que fôr o coadjuval-os com observações e conselhos, quer verbalmente, quer por escrito; redigem a sua theoria o mais clara e sobriamente que possam, com todos os sinaes bem designados; ajuntam a isto um pequeno corpo de exemplos bem escolhidos, em que todos os ditos sinaes se achem empregados mais de uma vez; a Typographia Nacional manda fazer na sua fundição todos esses sinaes novos para todos os diversos abecedarios que possue, e de que vende para as outras imprensas. Cada livro que se imprimir d'ahi ávante, levará no principio em uma ou duas paginas, a explicação dos sinaes, se o autor se houver querido servir d'elles, como é evidente que todos quererão. D'esta sorte os leitores em pouco tempo se haverão, como os autores, familiarizado com a novidade; os autores folgarão, vendo que produzem mais effeito com menos trabalho; os leitores em cada pagina bem feita descobrirão cardumes de bellezas, que até hoje lhes têem sempre estado occultas.

Para mais efficacia se havia de recommendar muito recommendadamente que se fizesse a respeito de cada um d'esses pontos novos, o que já, á imitação dos castelhanos, vamos praticando com a interrogação e a admiração; a saber: pôl-os duas vezes: uma, direitamente, no fim da respectiva frase; outra, no começo d'ella, e revirado, para prevenção e advertencia.

Quintiliano no liv. 1.° cap. 8.°, depois de haver tratado da ortografia, accrescenta: — «Resta

«a leitura: consistirá esta em se ensinar aos prin-«cipiantes onde hão-de suspender a respiração, «onde pausar o verso, onde cerrar o sentido, «d'onde começar, quando se ha-de alevantar ou «abaixar a voz, o que importa se diga com in-«flexão, o que mais lenta, o que mais rapida-«mente, o que com mais impeto, o que com mais «brandura; coisas todas que só á vista da pro-«pria obra, que têem diante dos olhos, se lhes «poderão explicar. Quanto á leitura — ajunta elle — «a um só preceito me reduzo: quem pretender «conseguir tudo isto, trate de bem entender para «si o que ler.» —

O que a tão grande mestre acabâmos de ouvir, é a mais cabal apologia que da minha proposição se podia fazer. Pelo systema velho, cada um antes de ler alto havia de estudar o escrito, e ainda então o leria conforme o seu muito, pouco, ou nullo entendimento; pelo systema novo, até os de entendimento nullo hão-de ler de repente bem, isto é, hão-de expressar, quanto nelles caiba, os pensamentos e affectos do proprio autor.

Depois do que deixo dissertado, medo tenho de que de toda a parte caiam juizos severos sobre este pobre livro, a fazer nelle autopsia de pontuação, e achando-a em partes defeituosa, procurem por ahi desautorisar o bom conselho. Pudera já d'antemão reconvir-lhes com o sabido rifão do — «Fazei o que elle diz, não façais o que elle faz.» — Mas outra melhor resalva supplico eu se me receba: quem por sua mão não escreve, nem com os proprios olhos revê provas, por mais

escrupulo e paciencia com que se ponha a dictar virgulas e pontos, sempre por derradeiro deixa sair muita coisa, que elle mesmo, se as relesse, não entenderia.

Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens.

LINGUAGEM

Em obra que levava por titulo *Camões*, não era só direito, senão dever rigoroso, apresentar a linguagem patria com aceio, galas e joias de mui rica. Se o não consegui eu quanto era absolutamente possivel (e não consegui) até onde o podiam consentir as leis do genero, diligenciei-o atrevidamente. *As leis do genero*, repito, porque no drama, que é fórma litteraria essencialmente popular, não póde a linguagem dispensar-se de ser tão clara, que doutos e indoutos a desfrutem. Seria para rir querer um autor que houvesse o *Vocabulario* de Bluteau em cada camarote, e em cima de cada par de joelhos na platéa os dois volumes do Moraes, para chave do que se ouvisse. Os espectadores prefeririam levar a do quarto ou da gaveta para assoviarem. É coisa de primeira intuição. Chega a tanto este jus do povo, e a correlata obrigação dos poetas, que egypcios, gregos, romanos, chins, inglezes, alemães, e qualquer genero de gentes, quando

no mesmo tablado se representam, têem de fallar uns como os outros, e todos como os ouvintes.

Um drama *Camões* porém, em terra de Portugal, tinha por primeira de todas as obrigações retratar, até o ponto de reconhecivel, quando não fosse com fidelidade extrema, a linguagem do seculo e da pessoa mesma do protogonista. Um Camões que nos viesse fallando como qualquer fumante do botequim do Marrare, ou vertedor de novellas francezas, ou mesmo limpamente, mas sem tal qual esmero, seria tudo quanto quizessem, menos Camões. O soldado, o aventureiro, o poeta, o namorado, e o atribulado, não são mais caracteristicas e essenciaes feições do nosso bom Luiz, do que o amante da patria, e o classico em seu idioma; dois louvores, que em ultima analyse se reduzem a um só.

Se não podemos imaginar um Camões sem valor, nem sem magoas amorosas, nem sem trabalhos e pobreza, menos ainda o poderiamos conceber que não fosse idolatra do portuguez, por ser um donoso fallar, e por ser o fallar da sua terra. ¿Ora, sob pena de infinito ridiculo, como podiam as mais figuras que houvessem de entrar com esta em acção, exprimir-se á moderna, quando a que lhes servia de centro, e de alguma sorte caracterisava o seu seculo, por necessidade se exprimia á antiga? Todo o ponto estava pois em que elle e seus contemporaneos, servindo-se de vocabulos e construcções que nos trouxessem uma illusão de ancianidade, por tal arte discur-

sassem, que nem o espectador menos versado em lettras e archeologias ficasse em jejum. O que aos indoutos desapraz na linguagem velha, não é tanto a estranheza, como a escuridade; se a idéa brilha clara e inteira atravez da frase desusada, uma vez que esta não seja por outros motivos reprehensivel, póde ir sem medo de desprazer, e até póde ser que agradará mais; pois lisongeará o amor proprio do ouvinte inculto, que sem interprete, per si só, a decifrou.

A isto se reduz a questão: ¿rescende a linguagem do drama a antiga? e é ao mesmo tempo corrente e perspicua? se respondeis que sim, feri no alvo a que tirava.

Não obstante que desde a primeira linha entendi sempre que trabalhava mais para estudiosos e poetas no retiro e silencio de suas livrarias, que para turbas populares em platéas, nunca d'estas comtudo me esqueci tanto, que não decotasse muito do dizer antigo, que naturalmente se me vinha offerecendo, e com o que as personagens e a éra poderam sair muito mais genuinas. E quando não, pergunto se as comedias de Jorge Ferreira, de Antonio Ferreira, de Sá Miranda, de Antonio Prestes, de Simão Machado, ou as do proprio Camões, não são de linguagem muito mais enleada, perplexa e espinhosa, que todas quantas paginas aqui lestes?

Por aqui cérro, e entrego ao juizo e sentença final competentes, uma defensa, com que me pareceu munir o livro.

Quanto a linguagem em geral, alguma coisa

pratica porei tambem para remate d'esta nota (que já por isso mui de industria lhes puz por titulo *para serem lidas*). Uma vez que passei da edade em que se devaneam fabulas apaixonadas e egoistas, para esta, em que o nosso principal egoismo consiste em dar conselhos, terceiro alvitre, e terceiro requerimento a bem das lettras será esta minha terceira nota.

Não é para aqui amplificar excellencias da lingua portugueza; assaz e de sobra o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros melhores do que eu. É uma lingua bella; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e por que é nossa, e por que é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal-a, servil-a, defendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e nelle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e caindo de debilidade. A imprensa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade não se póde escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

A lingua de Camões, qual hoje a vês,
com pouca corrupção crês que é francez.

Para esse mal não se aventa remedio. Mas ha, além da imprensa, outras duas vertentes de impureza, ambas copiosas, ambas permanentes e

toleradas; e que ambas se podiam vedar sem grande custo: uma, é o theatro; outra, as escolas publicas. Em quanto a imprensa actúa principalmente sobre os que sabem ler e lêem, o theatro mascavado contamina o povo inculto, classe que, á mingoa de outros meritos, teve sempre em toda a parte o de ir conservando a tradição do bom fallar, sendo na plebe que um escritor desconsolado de parlamentos e jornaes póde ir retemperar-se, como na conversação caseira das mulheres o fazia Cicero. As escolas, com os livros desleixadamente escritos, com um quarto de portuguez, um de francez, e dois de *algaravia*, corrompem e assolam todo o gosto do bom dizer; desde a nascença matam nas almas infantis esta parte grande da nacionalidade. Para os theatros ha um tribunal: o Conservatorio; para as escolas outro: o Conselho Superior d'Instrucção Publica. O Conservatorio, que não autorize a representação de dramas, como quasi sempre se nos dão, em que a frase só a entenderá toda, quem pelo francez a fôr mentalmente substituindo; o Conselho Superior, não permitta no ensino obras de fancaria litteraria, como por ahi correm, não só desprimorosas, senão inçadas de atrozes solecismos. Veneno na fonte da instrucção primaria, é crime para que não ha nome. O gallicismo bruto em boca plebéa faz dó; mas entre os labios de rosa de um innocentinho, espanta e horroriza quasi tanto como a obscenidade.

—«Quer estilo affonsinho nas comedias, cartilhas,

e cathecismos!!»—arrotará com sorriso glorioso algum tarelo. Não: desejo e peço que os escritos dramaticos sejam, ao menos, limpos; o contrario é insultar o povo, ainda que elle o não sinta; e os opusculos para uso da infancia, desejo e peço que, além de limpos, sejam ricos, não de vocabulos obsoletos e condemnados, mas de termos proprios, variados com acerto, de frases classicas intelligiveis, de mil chistes graciosos, que são nossos exclusivos, de inversões feitas com arte e gosto, sem as quaes, nem a frase póde ter *numero*, nem o estilo ser artistico, etc. etc. etc.

Mas tronquemos por aqui a nota, que o labyrintho por onde me ia mettendo é espinhoso, e poderiam matar-me lá dentro alguns emboscados.

Até aqui rezava a nota na 1.ª edição. Hoje, doze annos após, nada se tem ainda feito por parte dos superintendentes publicos para a cura do theatro, ou das escolas, em relação á vernaculidade. Todavia não se ha-de escurecer que, de envolta com os muitos escritores, e alguns de merito, que por ahi se obstinam em derrotar a lingua, varios se apontam que ainda crêem nella, e a servem com efficacia. Não farei rol de nomes, como desejára, para lhes tributar louvor e agradecimento, por me ter ensinado a experiencia o

perigo em que se incorre, sem nenhum proveito, quando se offertam corôas a quem as merece. Citarei um só nome, que, pela grande altura a que tem subido, me parece não poder já suscitar opposições, duvidas, ou contraditas: é o do sr. Camillo Castello Branco.

Este escritor, o primeiro e mais fecundo dos nossos romancistas, e, felizmente, o mais popular de todos elles, é (de certo me permittem dizel-o) o que mais real e incontestavelmente vai levantando com o seu admiravel engenho um dique, não sei se tardío se não (oxalá que o não seja) á torrente invasora e fatal do estrangeirismo no fallar; é o Filinto dos nossos dias, mas um Filinto expurgado de archaismos barbaros, de latinismos descabidos, de hyperbatos escuros e repugnantes; um Filinto de gosto apurado; um Filinto de todo o ponto acceitavel para modelo. Não copía os chamados classicos alto e malo; estuda-os com discernimento e crítica, para colhêr, como Virgilio em Ennio, o oiro de lei e as perolas finas, que por entre aquelles despejos se encontram em abundancia; e com essas preciosidades vai tauxiando os seus escritos, os quaes, por fortuna, se lêem e se relêem.

As obras dos classicos não são a sua unica mina, nem porventura a mais copiosa: o sr. Camillo explora igualmente o fallar vivo do povo, e em particular o do povo provinciano; grandes repositorios de nativos dizeres gentilissimos, desconhecidos, desprezados, escarnecidos talvez, d'estes melindrosos e enfastiados que só se querem com

as conversações dos theatros e praças das grandes cidades.

Bem haja elle, e bem hajam os dois ou tres que assim como elle ainda não descreram de todo da lingua da sua terra.

TRATAMENTOS

Na *Revista Universal Lisbonense*, a 16 de março de 1843, lançava eu o seguinte:

«A mulher de um escrivão provinciano,—segun-«do refere na *Revolução de Setembro* um de seus «correspondentes,—tinha posse antiga, pacifica, e «não interrompida, do tratamento de *dom; dom* «illegitimo na verdade, como tantos; e, como to-«dos, innocente por sua completissima insignifican-«cia. Como aquelles que á força de repetirem uma «pêta que inventaram, chegam a final a persua-«dir-se d'ella, desfrutava a boa mulher o seu «*dom* com a mais plena boa fé, e *dona* se assi-«nou com seu marido num requerimento para «uma acção de força contra outro escrivão da «mesma terra,—intentada não sabemos porquê; «—sabia-o porém o adversario: e para obstar ao «andamento do processo com uma boa sobre-roda «logo no principio d'elle, se lhe oppoz com uma ex-«cepção, argumentando, não contra o *Diz*, nem «contra o nome, mas simplesmente contra o *D*,

«que o precedia, ao qual se arremessou armado «como um philisteu com a ordenação do liv. 5.°, «tit. 92, § 7.°, e as leis de 3 de janeiro de 1611, e «9 dito de 1739.

«Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
«ferozes vos mostrais e cavalleiros!

«Triunfou. — O juiz recebeu a excepção: con- «demnou a dama a passar sem *dom* o resto da «vida: riscam-lhe o *dom* dos autos, que mais se «não possa ler. — Requereu a despojada na maior «consternação allegando com a posse e uso; e as «anachronicas entranhas de ferro do magistrado «permaneceram inabalaveis.

«O narrador do feito desenrola diante das lei- «toras este sudario, para as exhortar a não quere- «rem tratamento que pelas ordenações e leis do «reino lhes não compita: — é o mesmo que ensi- «nar fabulas de La Fontaine a meninos. Mas fal- «lando sinceramente, não vemos no moralizador «razão alguma de tomo para tal empenho. Que «mal fazem hoje o *dom*, a *senhoria*, a *excellencia*, «e todas as mais distincções de igual jaez? Ne- «nhum: nem sequer já são ridiculas; — quando «palavras e fitas se guardavam para recompensas «de serviços, havia razão nessas pragmaticas; mas «hoje!... — antes nos parece que se chegasse- «mos como quer que fosse a uniformar os trata- «mentos, a usarmos todos indistinctamente do «*dom* e da *excellencia*, como já usámos do *vós* e «como os antigos usaram do *tu*, os autores de no-

«vellas e os de theatro ganhariam nessa innova-«ção uma grandissima facilidade para bem es-«crever:

«*Vossa excellencia e vossa senhoria*
«juraram nunca entrar na alta poesia,

«— diz o nosso bom Filinto; e diz verdade; mas «d'onde provém isso? Da não generalidade. Quan-«do safadas pelo uso, *senhorias* e *excellencias* ou «forem para todos sem excepção, ou por inuteis «cederem a vez — não dizemos ao *vossa mercê*, mas «simplesmente ao *vós*, a esse patriarcha d'onde se «deriva o *vossa* que se intrometteu com a *mercê*, «e que ainda agora se intromette com a *senhoria*, «com a *excellencia*, com a *alteza*, com a *magesta-«de*, com a *eminencia*, e com a *santidade*; — quan-«do nisso, que é sensato, imitarmos não só a «nossos maiores, mas a toda essa França polidissi-«ma, á Inglaterra, e tanta parte da Europa, te-«remos ganho muitissimo para a eloquencia e para «a litteratura, e tambem para a liberdade, e mui-«tissimo mais para a civilisação.»

Na mesma *Revista*, a 20 de abril do mesmo anno, em carta que me dirigia o meu excellente amigo e poeta Mendes Leal, como introducção ao seu formoso romancinho *Flor do Mar*, lia-se este paragrafo:

«Não posso porém esquivar-me a memorar «uma difficuldade, que bem que á primeira vis-

«ta pareça minima, nem por isso a julgo me-«nos importante e embaraçosa: fallo dos trata-«mentos.

«Usâmos nós o tratamento de terceira pessoa «em vez do de segunda, do *vós* e *tu* tão nobre e «tão constantemente seguido por quasi todas, se-«não todas as de mais nações. Já tivemos esse «tambem. Quem nos trouxe este, não o sei eu. «Ou fosse porém uma degradação na lingua, ou «fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle «temos de lutar. E não se estranhe a palavra *lu-«tar* de que uso, porque entalado entre a neces-«sidade de acceitar as praticas contemporaneas, «para ser verdadeiro, e a necessidade de conser-«var a dignidade a que tal pratica evidentemente «se oppõe, para ser conveniente e nobre, as dili-«gencias do que tentar satisfazer ambas estas im-«perativas necessidades tornam-se uma verdadeira «e muito séria luta.

«E neste caso me acho eu. Não presumo de lo-«grar a victoria; mas protesto que me hei-de aven-«turar á peleja, não sem me acovardar a consi-«deração de quanto é preciso nobilitar os affectos, «de quanto cumpre elevar e engrandecer a acção «e os caracteres, de quanto esforço e apuro se «carece para alcançar, não já proxima, mas ain-«da remotamente, o fim desejado!

«Algumas vezes, sr. redactor, nas nossas bre-«ves, e para mim amenissimas horas de placida «conversação nos hemos entretido neste assum-«pto; e nessas praticas que v. sabe encher, co-«mo poucos, de filosofia, de lição, e de poesia,

«tive eu a satisfação de observar que esta era «tambem a sua gravissima opinião.»

Que se me perdôe haver trazido até aqui a transcripção: sou fanatico da amizade; até com as suas cegueiras me delicio; e mais, quando em espiritos de tal ordem! é uma vangloria, sim, mas não a que animos vulgares julgariam. Volto ao meu proposito. Em nota ao precedente excerpto, dizia eu:

«Não é este um assumpto em que possam coi-«sa alguma as leis e a autoridade, mas tudo pó-«de a moda. Porque não começariamos por mo-«da o tratamento geral de *vós?* Um mez de esfor-«ço continuado neste sentido, principalmente nas «assembléas mais numerosas, consummaria este «milagre, felicissimo para a litteratura, e ainda fe-«liz para muitas outras coisas.»

O alvitre não valeu. Debalde d'ahi para cá, por diversas vezes, em varios periodicos, e auxiliado por alguns escritores amigos, deligenciei ir subrepticiamente introduzindo pelo exemplo o que pelo discurso não havia pegado; para o que substituimos nas cartas dos correspondentes o *vós* e o *vosso*, coisas tão francezas como portuguezas, á desasada *vossa senhoria*, cifrada no *v*, e ao *seu* excellente periodico etc. Tambem essas diligencias sairam baldadas, com grande credito para o don de profecia do meu collaborador e amigo Silva Tullio, que sempre teimou em que

não achariamos sequazes; dando como razão que poucos dos que entre nós escrevem, sabem conjugar os verbos até á segunda pessoa do plural.

Subsiste pois a carencia do *vós*, e continúa por consequencia, nos affeiçoados á lingua e lettras, a obrigação de o pedirem e persuadirem.

Aqui tendes, leitores amigos, o porque isso que em folhas volantes e efémeras se havia já lido e esquecido, se colligiu e repoz para aqui, onde póde ser que será mais attendido: para o ser, accresce agora tambem, que os tratamentos cada vez vão perdendo mais entre nós o cunho distinctivo, a ponto de já quasi se lhes não atinar com o valor. A *senhoria masculina* e a *excellencia feminina*, tinham já engolido tudo, como um duplice diluvio; então, a *excellencia feminina* começou a transbordar para os homens; cresce, cresce, em pouco os haverá tambem engolido. Quando isso fôr, não haverá remedio para distinguir o bello sexo, senão elevarem-no até a *alteza*, e da *alteza*, quando esta se tiver masculinisado, até á *magestade*. A profecia, na historia se contém.

Se pois os tratamentos já não distinguem, nem sequer titillam agradavelmente as orelhas, e por outra parte tanto damnam ás litteraturas mais gostadas e populares, á novella, e ao drama, porque nos não desenganaremos a ser nisto europeus? Redactores, começae vós a revolução, desterrando das vossas folhas essas vanissimas vaidades. Corifeos, e corifeas dos bailes e saraus, vós

que legislais a moda com o vosso exemplo, não sejais parisienses unicamente no vestuario! Que mais custará a dizer:—«*Quereis ter a bondade, senhora, de dançar commigo esta contradança?*»—«*Perdoae-me, senhor, estou já promettida*»—do que—«*Vossa excellencia quer ter a bondade de dançar commigo esta contradança?*»—«*Perdôe-me vossa senhoria, (ou vossa excellencia) estou já engajada.*»—Saia o *engajado*, entre o *vós*, e ficâmos optimamente. Os bailes d'um só inverno, os passeios d'um só verão de Cintra, podem consummar tão bella obra.

O tratamento que empreguei, quasi geralmente, neste drama, foi o *vós;* a elle, em grande parte, se ha-de attribuir a cara portugueza com que saiu.

Em algumas scenas se estranhará talvez que D. Caterina para Camões, e Camões para D. Caterina alternem o *vós* e o *tu;* se defeito é, confesso que o puz de proposito. Entendi eu, por assim o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdade; e exprimiam as hesitações naturaes que se padecem, quando, especialmente sem concordata prévia, se passa do tratar ceremoniatico para o tutear. Demais, a posição em que elles se acham um diante do outro neste drama, autorisava e persuadia taes variedades.

Tórno, devolvidos agora doze annos, a malhar no mesmo ferro frio.

Ahi vai o que na *Gazeta de Portugal* de 19 de dezembro de 1862 escrevia na materia o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Os leitores hão-de-me agradecer o regalal-os com estas paginas, tão cheias de noticia, de graça, e de razão, como tudo quanto sai da penna do nosso amigo, talento insigne em todos os generos, veia caudalosa, inexhaurivel, esplendida:

Os tratamentos

«Dizem que Filippe II na entrevista de Gua-«dalupe se apressára a dar *magestade* a el-rei D. Se-«bastião para o obrigar a corresponder-lhe da mes-«ma maneira, visto que era esse o costume de Cas-«tella, e que os soberanos portuguezes nas suas «relações com a côrte de Madrid tinham conser-«vado o estilo de só darem aos monarchas hes-«panhoes o tratamento de *alteza*, que tambem «d'elles recebiam.

«D. Sebastião nas suas cogitações de conquista «africana, e nos seus planos de guerreiro, devia «importar-se pouco com essa cortezia de seu as-«tuto e poderoso tio; entretanto, a julgarmos «pela susceptibilidade com que se offendeu então «de certas faltas que considerou descortezes, tal-«vez lhe não foi indifferente o tratamento que o «equiparava a um dos primeiros principes da Eu-«ropa. Na côrte já começava a despontar a *se-«nhoria*, e a *excellencia*, talvez desde que, pela «restauração das lettras latinas, os escritores ado-«ptaram nessa lingua as designações em que foi

«prodigiosamente fertil o Baixo Imperio, e co-
«meçaram em seguida a adoptal-as em vulgar.

«Veiu depois o dominio castelhano, e a pru-
«dencia de Filippe II não deixou de explorar
«em todos os sentidos a vaidade portugueza, como
«soube descobrir e aproveitar a cubiça e corru-
«pção dos que só desejavam oiro e distincções.
«Triste quadra!

«Aquelle que nas côrtes de Thomar deu o Tozão
«de Oiro ao duque de Bragança e ao de Ossúna
«para os equiparar na vassallagem sob o pretex-
«to de uma grande distincção, procurando des-
«truir na Casa de Bragança a supremacia em
«que ella se avantajava a toda a nobreza das Hes-
«panhas, não deixaria de lisongear a vaidade dos
«cortezãos portuguezes na parte relativa aos tra-
«tamentos, recommendando aos magnates hespa-
«nhoes que o ajudassem a assegurar a posse do
«novo reino, favorecendo o amor proprio da gran-
«deza de Portugal. O duque de Bragança rece-
«beu então de Filippe II a mercê do titulo de
«*excellencia*.

«É certo que durante os sessenta annos do do-
«minio estrangeiro as questões de tratamentos,
«limitadas aos primeiros do reino, foram concei-
«tuadas de importantes; e quando Filippe III veiu
«a Portugal pelo Alemtejo, o duque de Bragan-
«ça recusou dar *excellencia* ao duque de Uzeda,
«que em Hespanha a recebia. Quando o duque
«de Bragança, que era tratado como principe de
«sangue, só tinha *excellencia*, os grandes do rei-
«no honravam-se com a *senhoria*, e os mais avan-

«tajados em nobreza ou em serviços, mas que «não pertenciam á grandeza, conservavam o tra- «tamento de *mercê*.

«A restauração de 1640 não restaurou o titulo «de *alteza* que bastára a D. Manuel. O novo rei «acceitou a continuação do titulo de *magestade* «com que se deixavam saudar os monarchas hes- «panhoes, e o principe e os infantes tomaram o «de *alteza*. A *excellencia* começou a generalisar- «se mais. A *senhoria* alargou tambem os seus do- «minios, e a *mercê* tratou de se melhorar com- «batendo nas fronteiras contra os castelhanos, e «nas colonias contra os holandezes. E assim mes- «mo muitos perderam um braço ou uma perna «nas linhas de Elvas, ou em Montes-Claros, sem «que por isso se julgassem com direito a regei- «tar esse tratamento geral dos nossos bons tem- «pos primitivos.

«Apesar do heroismo com que pelejámos en- «tão, a decadencia portugueza era visivel, e triun- «fámos mais pela necessidade europea de limi- «tar o poder hespanhol, do que pela propria ini- «ciativa. E ao passo que diminuia a nossa in- «fluencia no mundo, e que se abastardeavam as «qualidades de que ella proviera nos seculos an- «teriores, crescia o desejo de distincções com que «dessemos ás nossas pessoas e coisas a magestade «e grandeza de outras eras de que apenas era- «mos triste simulacro.

«No começo do seculo passado a confusão a «respeito dos tratamentos devia ser enorme; as «invasões, repetidas e audazes; os abusos, flagran-

«tes e escandalosos; as pretensões absurdissimas. «Foi necessario legislar a tal respeito. O rei di- «gnou-se regular em janeiro de 1739 esse *impor- «tante* negocio, e cada um ficou sabendo o que «devia dizer aos outros, e consentir que lhe dis- «sessem a si.

«Não sei até que ponto se executou esta lei. «Em coisas taes o abuso é facil; a identidade de «razão autorisal-o-hia ás vezes; a omissão legis- «lativa tambem; e o amor proprio e a vaidade «não haviam de faltar a cooperar na renovação «das irregularidades anteriores, embora se escan- «dalisassem os rigoristas, e chasqueassem a esse «respeito os poetas de um a outro canto do reino.

«Se se abusou na côrte com a *excellencia*, nas «provincias a *senhoria* achou-se com mais vastas «possessões do que as ordens religiosas, que to- «davia possuiam uma boa parte do reino. Ainda «se repete aquelle celebre soneto do abbade de «Jacente, que começa:

«A trinta e cinco réis custa a pescada,
«o triste bacalhau a quatro e meio;

«e que acaba dando-nos completa idéa do caso:

«Tudo está caro; só em nossos dias
«graças a Deus, achâmos em bom preço
«os tremoços, o arroz, e as *senhorias*.

«Que o abuso era frequente, e que promo- «via o riso, vê-se ainda em outras composições

«do chistoso abbade, naquelle outro soneto que «diz:

«Eu não creio que a nossa fidalguia
«procedesse de Adão que era um coitado,
«um misero que nunca andou calçado,
«um pobre que de pelles se vestia.

«Nunca teve brazão; nem possuia
«em prova de nobreza algum morgado;
«nem nos consta jámais fosse tratado,
«como agora se faz, por *senhoria*.

«Eva inda foi peior, pois na Escritura
«não se trata de *dom*, nem de *excellencia*,
«nem se diz que nas danças fez figura.

«D'onde venho a tirar por consequencia,
«que estando hoje a nobreza em tanta altura,
«não traz d'elle, nem d'ella a descendencia.

«Assim corriam as coisas no seculo passado, «no fim do qual teve logar a revolução franceza, «e se espalharam em toda a Europa, sem exclu- «são do nosso Portugal, as doutrinas da igual- «dade entre os homens, da destruição dos privi- «legios, e do anniquilamento de tudo quanto se «fizera nos seculos anteriores para conservar se- «paradas as classes, e para extremar com dili- «gente cuidado as raças nobres das burguezas «ou plebéas.

«É certo porém que essa igualdade podia ser

«interpretada de dois modos, e geralmente o foi «em todos os estados da Europa: ou que todos «ficassem plebeus com a unica differença da ri- «queza, da capacidade, e dos serviços, ou que to- «dos ficassem nobres, mesmo sem riqueza, nem «capacidade, nem serviços.

«A França, que em tudo e para tudo dá exem- «plos, e que possue a rara fortuna de exercer «por toda a parte incontestavel influencia, arro- «jou de si a igualdade républicana que era a pri- «meira, e adoptou a segunda com a avidez de «quem andasse esfomeado d'essas distincções. Em «uma bella manhã os mais abalisados républi- «canos acordaram duques, como se tivessem nas- «cido filhos dos Montmorency ou dos Crillon, e «os condes e barões appareceram aos milhares. «Então resurgiram do sepulcro, em que os lan- «çára a revolução, centos e centos de marque- «zes e viscondes, verdadeiros e falsos, legitimos «ou improvisados. A França ficou mais povoada «de nobres do que antes da républica.

«Nunca fomos dos ultimos a seguir as pisadas «das grandes nações. Tambem por cá archite- «cturámos revoluções, e fizemos quanto em nós «coube para que saissem bem á feição das fran- «cezas. Andámos por ahi a impar com os senti- «mentos de igualdade e de fraternidade, e não «sei quantas républicas planeámos em que de- «viamos resuscitar

«Aquelle *tu* e *vós* quando algum dia
«havia em Portugal sinceridade,

«e ficarmos todos uns, como promettiam as ga-
«zetas com applauso de quantos se julgavam
«desfavorecidos nesta caprichosa loteria das po-
«sições sociaes.

«Parecia a muitos que tendo perdido as nossas
«mais vastas possessões, e reduzidos hoje de po-
«tencia de primeira qualidade a nação de ter-
«ceira ordem, nos iria bem a modestia républi-
«cana, e talvez por ella se renovasse a actividade
«dos nossos costumes antigos e se restaurasse a
«energia dos animos portuguezes, de modo que
«ainda pudessemos vir a ser alguma coisa neste
«mundo.

«Este parecer era sensato, mas não passou no
«parlamento da geral opinião, no qual tambem
«não triunfa sempre o que é justo e digno.
«Entendeu-se que era melhor supprir a deficien-
«cia da nossa importancia com as mais pompo-
«sas designações da grandeza humana, e enco-
«brir os andrajos da pobreza publica sob a capa
«doirada das maiores distincções legaes.

«Pois enganâmo-nos. Por mais *excellencias* que
«dêmos uns aos outros, não conseguiremos con-
«vencer os estrangeiros que abordam ás nossas
«praias, de que valemos mais que os antigos por-
«tuguezes, objecto do respeito e admiração uni-
«versal, grandes pela natureza dos seus feitos, e
«pela exemplar modestia do seu trato.

«De muitos estrangeiros sei que se admiram
«de ver um deputado e um marechal com o
«mesmo tratamento elevado, e de que o barão de
«hontem e o conde de dois ou tres seculos cor-

«ram parelhas nas distincções sociaes. E se uni-«camente se admirassem!... Mas é que riem a ban-«deiras despregadas, com este riso que faz córar «a gente, e contra o qual não ha desforra pos-«sivel.

«E se nós acordassemos uma manhã com jui-«zo, e começassemos a tratar-nos todos por *você*, «como em Hespanha se usa o *usted*, em França «o *vous*, em Inglaterra o *you*, e em Alemanha o «*sie!*... Se renunciassemos por uma vez as qualifi-«cações insensatas do Baixo Imperio, como no «baptismo se renunciam as pompas de Satanaz, e «deixassemos aos russos barbaros, e aos italianos «ainda não resurgidos da degeneração em que «os lançou o despotismo, esses vãos simulacros «de grandeza!...

«Se conservassemos unicamente para as senho-«ras essas frases com que nos deixâmos regalar «o ouvido, e com que nos illudimos reciproca-«mente ácerca da nossa posição!... Ellas que rei-«nam no nosso coração com incontestavel *ma-«gestade* e poder; ellas que vivem na *alteza* da «formosura e das virtudes que nós venerâmos «diariamente; ellas cuja *excellencia* ninguem dispu-«ta, antes todos affirmam em continuada dedi-«cação; ellas perante quem a propria *senhoria* de «Veneza mandaria ajoelhar o Leão de S. Marcos; «ellas emfim de quem implorâmos a cada hora a «apreciavel *mercê* do seu agrado; ellas sim têem «direito a conservar essas qualificações.

«Porque não havemos de as depôr a seus pés, «e de lhes pedir que as guardem e conservem

«até que as mereçamos outra vez, dobrando os «novos Cabos Tormentorios da civilisação, des-«cobrindo os afastados continentes do progresso, «e imitando os generosos exemplos de nossos «maiores!... Ellas, que são as mestras do bom gosto, «nos diriam quando transformados pela excel-«lencia das nossas acções seriamos dignos de usar «com apropriado sentido as designações que nada «significam hoje. Não haverá para nós um dia «de reflexão e de juizo?

«Eu quero crer que ha-de chegar esse dia, ou «então outro em que levada ainda a maior ex-«cesso a mania das distincções nobiliarias, nos «encontremos na praça, tão disfarçados em con-«selheiros, barões, viscondes, condes e magnates «de toda a ordem, que não podendo todavia dei-«xar de nos reconhecermos em limitado territo-«rio como é o nosso, desatemos todos a rir com «tão desatinada vontade que ali acabe para sem-«pre esta ridicula farça.

«*A. A. Teixeira de Vasconcellos.*»

Já se vê que o mui ponderoso voto do sr. Teixeira de Vasconcellos é, como o do sr. Mendes Leal, acima citado, e como o do sr. Thomaz Ribeiro na 2.ª edição do seu *D. Jayme* a pag. IX, inteiramente conforme com o meu, quanto á desconveniencia dos tratamentos que hoje em dia se estão usando em Portugal, e quasi que só em Portugal. Discordâmos porém do sr. Vasconcellos quanto ao remedio.

O *você*, traducção, boa ou má, do *usted* dos cas-

telhanos, e abreviatura do *vossa mercê*, já figurou no solio, não ha duvida; mas caiu e jaz tão baixo, que para baixo d'elle só fica o *tu*. Figura-se-me até que o *você* tem, mais que o proprio *tu*, um tom desprezativo que o torna repugnante para a acceitação, e duro para sair de lábios cortezes, liberaes, e benevolos.

O drama, a novella, e a conversação das salas, a eloquencia, forense, sagrada e parlamentar, difficilmente se lhe accommodariam; pelo menos, annos largos se haviam de passar para se lhe confirmarem foros de cidade.

Não assim o *vós*, de que diariamente nos servimos quando fallâmos francez; que incessantemente nos apparece quando lemos francez; que é o tratamento diplomatico e universal, e tão cortezão de sua natureza como democratico.

Outra consideração, e concluimos: o tratamento por *vós* tanto não desappareceu jámais do portuguez, que sobre achar-se corrente pelos camponezes da provincia, e implicito, como já notámos, em todos os outros tratamentos, é o unico empregado nas orações com que se invoca o favor da Magestade Summa. Em tudo cabe por tanto, e para tudo é. Poderia gabar-se de tanto o *você?* Considerae-me bem o *Padre-Nosso* e a *Ave-Maria* com essa reforma:

Padre Nosso, *você* que está no ceo, santificado seja o nome de *você*, venha a nós o reino de *você*, seja feita a vontade de *você* assim na terra como no ceo; o pão nosso de cada dia nos dê

você hoje; perdôe-nos *você* às nossas dividas, assim como nós perdoâmos aos nossos devedores; não nos deixe *você* cair em tentação, mas livre-nos *você* do mal. *Amen.*

Ave Maria cheia de graça, o Senhor é com *você*, bemdita é *você* entre as mulheres, bemdito o fruto do ventre de *você*: Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogue *você* por nós peccadores agora e na hora da nossa morte. *Amen:*

Decididamente não póde ser. O rosario convertia-se em chacota:

Vossa excellencia e *vossa senhoria*
juraram nunca entrar na alta poesia;
com muito mais razão, relé suez,
nunca jámais lá hão-de entrar *vocês*.
Nobre, e plebeu, de vivos, e de avós,
nacional, e estrangeiro, impére o *vós*.

VERDADE

(Tomo 1 pag. 3, linha 2 — *Estudo Historico-Poetico.*)

Estou com medo de que esta qualificação, que puz ao livrinho (só para lhe não chamar *drama*) cheire a vangloria! O que m'a dictou, bem longe estava de se parecer com tal. Não pretendi

inculcar que dava obra para nella se estudar coisa alguma; nem mesmo que para ordenal-a tivesse eu deitado abaixo grandes livrarias, e investigado a fundo, para a pintar pelo natural, a vida do nosso poeta, como o bispo de Vizeu e o sr. visconde de Juromenha, ou outro algum ponto de substancia: o que eu, bem ou mal, appellidei *Estudo Historico-Poetico*, foi a curiosidade e particular desvelo, com que desejei bosquejar e colorir o bom e mau de que em minha consciencia entendi se devia compôr o retrato moral e intellectual de Camões, e de el-rei D. Sebastião, e o da antiga Lisboa. Não curei de saber se o poeta ou o rei disseram ou fizeram realmente as coisas todas de que vão cheias essas scenas, nem se entre elles se deram os encontros e relações a que assistimos; tive por sufficiente que nenhuma de taes exterioridades repugnasse ao conceito que de taes indoles se deve fazer; por outra: suppostas certas casualidades mui accidentaes, para a historia indifferentes, e para a acção dramatica uteis e necessarias, attribui despejadamente aos meus personagens as palavras e actos que dos eu] modo íntimo de ser me pareciam derivar-se por boa logica.

O mesmo quanto á Lisboa quinhentista. Houve nella com effeito uma obscura conspiração abortada? illuminou-se a armada na vespera de se partir para Africa? que nos importa: se o que se pinta dos seus sitios, dos usos e costumes dos seus moradores é verdadeiro, como é, temos o a que aspirei. O que digo de Lisboa, do seu monarcha

e do seu Epico, digo de D. Caterina, do Escrivão da Puridade, dos Cortezãos, digo do Jáo, etc. etc.

Certos retratistas primam pela fidelidade minuciosa com que se vão atraz de cada feição ponto por ponto; mas pintores, que para tanto não têem paciencia, contentam-se com reproduzir as caracteristicas; o restante supprem-no com o que val mais que todos os embrechados de bagatelas, que é a idealidade; do corpo debuxam quanto basta, mas da alma quanto podem. Que vezes o cinzel e o pincel dos gregros não offereceram ás adorações do mundo a magestade de Jupiter e a formosura voluptuaria de Venus! e onde estava a Venus, e onde estava o Jupiter que elles revelavam? Todavia, cada uma d'aquellas diversissimas encarnações conhecia-se. Onde existe um transumpto contemporaneo e authentico da cabeça do Salvador, ou do rosto da Virgem? não obstante, cada artista de genio tem posto a Mãe e o Filho sobre os altares: os olhos reconhecem-lhes differenças, a Fé adora-os indistinctamente; porque em todas essas imagens vê um reverbero do ceo; a inspiração do talento communica-se aos expectadores, e, por um milagre humano, o que nunca se vira, adivinha-se. O historiador copía; o poeta fantasia. Ambos pintam; mas o segundo mistura nas suas tintas um verniz esplendido, cujos reflexos indecisos dão á vista uma illusão de movimento e vida. O Achilles e o Ulysses agigantados por Homero, estão de certo para o Achilles e o Ulysses da natureza, na proporção de mil para um: a razão o sabe, o jura, e o re-

pete a cada instante; apesar d'isso, quem lhe viesse hoje com o Ulysses e o Achilles primitivos, aos olhos d'ella mesma, passaria por um mentiroso semsabor. O proprio Homero, esse vulto immenso, que atravez de suas paginas entrevemos; essa montanha de estro, d'onde, segundo a bella expressão dos antigos, rebentavam caudaes de poesia para dessedentar a todos os poetas do mundo, quem m'o faria acreditar simples homem, como os outros homens? logo que a fabula com a diuturnidade se tornou consagrada, logo que o ideal e o positivo se caldearam e solidificaram com o tempo, a verdade extreme degenerou em falsidade, em calumnia, em impossivel. Assim, o Eneas e o Virgilio da historia, o Goffredo e o Tasso da historia, o Gama e o Camões da historia, não são nem nunca mais poderão ser os da crença do genero humano.

Oiço que o nosso incançavel, e mui sagaz investigador archeologico, o sr. visconde de Juromenha,[1] tem logrado desenterrar com estudo de annos, uma nova, e sobremaneira exacta, vida de Camões; na qual, segundo parece, até se prova não haver elle sido tão pobre, nem tão atribulado, como se crê. Tal descobrimento póde ser para a nação um allivio de consciencia, e uma ex-

[1] Já emfim saiu á luz publica esta, havia muito esperada, e verdadeiramente monumental, noticia ácerca de Camões, pelo erudito e sabio sr. visconde de Juromenha. Não apparece nella o suspirado desmentimento da indigencia do poeta: unicamente prova que por Alvará Regio lhe fôra concedida tença de 15$000 réis, limitada a tres annos, e a qual em parte se lhe ficou devendo.

purgação de peccado nefando, mas não sei se ainda depois de vencido, o juizo publico se dará por convencido; nem se a poesia ganhará o que sem duvida perde com o achado. Um Camões comendo

em toalhas de Flandres.....

e escrevendo

em camarins forrados de damasco,

ainda que m'o imponham com documentos, já o não quero para meu.

Retrato, vós não sois meu;
retrataram-vos mui mal,
que a serdes ao natural,
foreis mofino como eu,

dizia o mesmo Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz. O meu Camões é este com que me criei, que tem a consciencia de sua ruim sina, que tanto canta como se lamenta, que banquetêa os seus convidados com trovas mettidas em pratos cobertos, que vai sentar-se sósinho a compôr versos na gruta de Macau, que céa das esmolas de uma pobre, e da mendicidade de um captivo, e que para ser enterrado necessita de uma mortalha pelo amor de Deus. A verdade!... «*Quid est veritas!*» podemos perguntar nós tambem nis-

to, e em muitas outras coisas. O nosso mesmo poeta, ou eu redondamente me engano, ou assim pensou, pouco mais ou menos, quando escrevia aquelle seu notavel e ainda hoje para muitos enigmatico soneto:

Verdade, amor, razão, merecimento,
qualquer alma farão segura e forte;
porém fortuna, caso, tempo, e sorte,
tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
e não sabe a que causa se reporte:
mas sabe que o que é mais que vida e morte
não se alcança de humano entendimento.

Doutos varões darão razões subidas;
mas são as exp'riencias mais provadas;
e portanto é melhor ter muito visto.

Coisas ha hi que passam sem ser cridas;
e coisas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

ORIGINALIDADE

(Tomo 1 pag. 3, linha 3 —*Liberrimamente fundado sobre um drama francez*, etc.)

Quando lancei no começo d'este volume aquellas poucas linhas *A quem ler*, não padecia ainda

o prurito que depois me veiu de lhe juntar notas; por isso, nessa especie de preambulo não fiz mais que acenar a mui escusada questão da originalidade ou não originalidade do escrito. A historia, para quem estiver ocioso e de pachorra, eil-a aqui:

Pelos fins do outono de 1847, achava-me eu nesta cidade de Ponta-Delgada no mais abominavel e desconsolado ocio que nunca sofri: sem intento, sem esperanças, sem amigos; Prometheu agrilhoado de costas ao meu rochedo, mas com mais d'um abutre nas entranhas; aos meus peiores inimigos não desejo uma semana como os mezes que então curti. Com o intuito porventura de me distrair, me propoz o sr. commendador B. J. de Senna Freitas, coração portuguez, e mui curioso investigador das glorias nacionaes, o trasladar para o theatro particular de S. Sebastião d'esta cidade, de que elle era ensaiador, um drama francez *Camões*, representado e impresso em Paris em 1845: examinei-o, e, a despeito da mais que indecente ignorancia com que fôra escrito, reconheci que, se não lograsse vir a sacar d'ali obra cabal para o gosto publico, sempre em tental-o colheria proveito; sequer encurtaria dias eternos, e me consolaria divertindo o animo de minhas magoas proprias, para as de outro poeta de mais talento e de não menores, ainda que tambem de não maiores desditas: era consolação de triste especie; mas era consolação; que o diga Bocage, quando cantava entre os palmares da nossa India:

Camões, grande Camões, quão semelhante
acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
arrostar co'o sacrilego Gigante;

como tu, junto ao Ganges susurrante,
da penuria cruel no horror me vejo;
como tu, gostos vãos que em vão desejo,
tambem carpindo, estou saudoso amante;

ludíbrio, como tu, da sorte dura,
meu fim demando ao ceo, pela certeza
de que só terei paz na sepultura:

modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
se te imito nos trances da ventura,
não te imito nos dons da natureza.

Metti mãos á obra determinado em só mudar quanto fosse preciso para a tornar portugueza; cresceu-me para logo a vontade, passou a gosto, refinou-se em appetite, entrei a edificar e a alindar em predio alheio, como se fôra no proprio chão; com o que, e com os estudos minuciosos que tive de fazer em terra sem livrarias nem homens de consulta para taes objectos, gastei, bem furtados á tristezas, os serões d'aquelle inverno. A companhia de curiosos para quem eu encetára o trabalho, tendo já decorado o primeiro acto, conheceu, á vista das extraordinarias dimensões, vulto, e apparato, que o poema ia assumindo, que já o não podia representar; então me soltei

de todo de contemplações dramaticas, e ei largas ao escrever; o drama estava irrevogavelmente transformado, ou, se o quizerem, degenerado em livro. O *pudor aut operis lex* já nada me vedavam. Para pintar, qual tenho que devia ser, a alma e indole do nosso poeta, espraiei-me no dialogo, e deli nelle a acção sem nenhum remorso. Na antecedente nota já o toquei.

Amando, confesso, o meu opusculo, e tendo-o pelo menos ruim e mais vividoiro de quantos escrevêra, ambicionei fazer d'elle feudo a um principe que por seu talento e copiosa instrucção era merecedor, como nenhum, d'este genero de homenagens: enviei pois para o Brazil uma copia, para ter a honra de ser apresentada a Sua Magestade o Imperador.

No jornal *Iris* do Rio de Janeiro de 30 de abril de 1849 se acha memoria de tal remessa e offerecimento, e se transcreve parte d'uma carta minha ao redactor em que eu lhe fallo da origem franceza do drama e do que nelle accrescentei.

Achando-me em Lisboa em março d'este anno de 1849, foi o meu *Camões* lido entre os litteratos já nomeados no *A quem ler*, e por elles saudado logo ali, e depois na imprensa pelo sr. Mendes Leal como obra portugueza d'alguma valia. Ora, o manuscrito por onde essa leitura se fez, tinha por titulo, como viram quantos o quizeram, *Camões, drama em cinco actos, liberrimamente imitado do francez dos srs. Perrot e Armand Du Mesnil* etc.; e já com esse mesmo titulo, essa mesmissima copia havia sido offerecida a varios li-

vreiros de Lisboa para impressão; tanto assim, que foi essa mesma sinceridade de confessar a obra não inteiramente original a que fez com que nenhum d'elles offerecesse preço proporcionado ao trabalho e amor que eu ahi havia posto.

Nestes termos qual não seria o meu espanto quando, pouco depois da leitura, me dizem haver-se espalhado que eu apresentára por original um drama traduzido, e para cumulo de semsaboria me accrescentam que são amigos meus os que entre si deploram mais do que censuram esta minha fragilidade. Não havia remedio: dirigi á *Revista Universal Lisbonense* a seguinte carta:

«*Meu amigo:* — Depois do optimo gasalhado «que os nossos amigos poetas fizeram ao meu «drama *Camões*, lido no serão de sexta feira ulti«ma, levantou-se a respeito da mesma obra uma «balela não sem fundamento, mas injusta, e para «mim affrontosa, á qual por isso darei aqui franca «e leal explicação, como costumo.

«Disse-se, segundo me consta, que o drama não «era original, mas traduzido de outro francez, re«presentado e impresso, e que eu, por obra da «minha lavra o apresentára.

«Eis aqui a verdade: existe um drama francez, «intitulado *Camões*, escrito por dois autores, re«presentado em Paris, e lá mesmo impresso; e esse «drama (que eu possuo) foi o despertador, e o fun«damento do meu; mas o meu não é traducção «d'aquelle; é-o ainda menos do que a *Eneida* o

«é da *Illiada*, com haver da *Illiada* muito e mui-«tissimo na *Eneida*.

«Valerio Flacco, na *Argonautica*, não perdeu «fóros de original, por ter seguido a Apollonio de «Rhodes. Ovidio traduziu muito os gregos sem o «dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos «romanos antigos, de Bocacio, e de Bernardo Tas-«so. Racine fez a sua *Andromacha*, e a *Ephige-«nia*, sobre os modelos athenienses, de que trans-«creveu scenas inteiras. Voltaire aos parisienses «que lhe applaudiam o *Edipo*, exclamou:—«Cou-«rage, athéniens, c'est du Sophocle.» — Os exem-«plos são infinitos.

«Falto, como sou, e sempre o confessei, d'aquel-«la especie de talento com que se inventam os en-«redos, aproveitei aquelle, que me pareceu sum-«mamente bem disposto, havendo scenas, e mui-«tas, não só imitadas, senão quasi traduzidas; «razão porque, por um escrupulo, não sei se bem «se mal entendido, puz logo no titulo da minha «obra: *Camões, liberrimamente imitado do francez, «dos srs... por...* Tanto assim, que ahi estão os srs. «Bertrand, e Borel, honrados negociantes de li-«vros, a quem elle, ha mezes, foi apresentado, a «ver se o quereriam imprimir, levando toda a so-«bredita declaração que lá está ainda no rosto «do manuscrito. É mais que evidente que só «um louco, d'estes que pretendem tapar o ceo «com uma joeira, se poderia lembrar de que uma «obra imitada poderia impunemente inculcar-se «por de todo original.

«Até aqui justiça aos dois francezes; agora jus-

«tiça tambem para mim. O meu drama tem o «dobro do francez; o segundo acto, se houvesse «de imprimir-se com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas seguidas «sem uma só palavra do ladó francez; v. gr. toda a episodica representação do *Auto*, e a subsequente coroação das damas, etc. O acto quinto «é quasi todo inteiramente novo: a scena intima «entre o poeta e o Jáo, em que o primeiro percorre desanimado, e rasga os seus manuscritos «e por cartas se despede dos amigos ausentes; o «presente dos doces e flores pela mulata Barbara; «o episodio do menino mendigo; o adormecimento «do poeta ao som da canção do seu captivo; a «scena da janella e o tecer das corôas, o crucifixo «e o escudo, e os accessorios externos da noite «de Natal, nada d'isto se acha nem sequer apontado na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos francezes, porém, permitta-se-me dizel-o, muito superior á qualquer d'ellas.

«No quarto acto, a scena dos agoiros; no primeiro aquella que passa entre o estalajadeiro e «o adeló, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; «no terceiro, a noite de S. João, que não é talvez «o somenos do poema; tudo isto é sem precedente «no opusculo impresso; e muito mais adiante poderia ainda ir a acareação, se qualquer dentro «em pouco a não pudesse fazer, pois o francez «está impresso, e o portuguez brevemente o estará.

«Ha mais ainda: o caracter do meu *Camões* é «mais retrato que o estrangeiro; o Jão, que eu «fiz poeta, não o é lá; a um imaginario duque «de Soria substitui, absolutamente criado de no- «vo, o escrivão da Puridade, Martim Gonçalves. «El-rei lá é um namorado doido; substitui-o por «um D. Sebastião historico, exaltado, excentrico, «poetico, e amador de livros. Em summa, o en- «redo é francez, mas como os francezes não ti- «nham estudado, nem adivinhado, nem Portugal, «nem a epoca da acção, em tudo isto tive eu «de criar, e criei.

«Nestes termos já se vê que, se pequei, foi «mais em encolhimento do que em vangloria, «quando chamei imitação a uma obra em que «tanto puz de estudo, de affecto, de fantasia, «e sobretudo de vernaculidade.

«Temos as nossas contas correntes: quando o «meu opusculo sair a lume, quem quizer que o «confronte com aquell'outro; e já póde ser que, «apesar do seu germen estrangeiro, lhe reconhe- «cerão mais algum valor intrinseco do que em «muitos originaes. O enredo é francez; a acção «nem toda; os principaes caracteres são meus; «meus, mil episodios, e accessorios, dos que mais «effeito produziram nos bons engenhos que se di- «gnaram de assistir áquella leitura; meu finalmente «quasi todo o estilo; e a linguagem minha, ou «antes nossa.

«Meu caro amigo: não é com o conhecido dito «—Je prends mon bien ou je le trouve» — que eu «hei-de defender a quasi originalidade ou origi-

«nalidade do meu *Camões;* é com uma conside-
«ração mais alta, que nenhum dos bem iniciados
«na arte de escrever deixará de admittir: a fór-
«ma, em certos generos de obras, é muitas vezes
«mais que o proprio fundo.

«Lisboa 20 de «Sou etc.
«março de 1849.

«*A. F. de Castilho.*»

Compare-se a data d'esta carta com a do supra-citado numero do *Iris;* advirta-se em que a remessa do drama fôra feita da ilha de S. Miguel com a competente carta áquella redacção; conseguintemente antes de 21 de fevereiro, dia em que d'aqui me embarquei para Lisboa; e ter-se-ha, sobre provas, demonstração da minha verdade.

Até aqui não havia, cuido eu, senão um erro de criticos, mui perdoavel, e mui desculpavel; se bem que para a minha boa fé muito pouco lisonjeiro; mas da insigne boa fé de sycophantas sem nome, eis aqui um documento inclassificavel: volto para S. Miguel, sou recebido como amigo entre amigos; villanetes invejosos espinham-se com taes mostras; escrevem á porta fechada um libellinho chocho, quinta essencia de tres ou quatro cerebros (com licença dos que o são); imprimem-no, não sei se com data falsa se sem data (de todas essas e outras gentilezas são elles uzeiros e vezeiros) e distribuem-no com mão larga. Ahi se dizia, entre outras, que eu era plagiario;

o que se provava por não sei que semelhança entre duas ou tres palavras d'uma trova franceza e o meu *Hymno do Trabalho*; e por eu dar a traducção de um drama francez como coisa da minha lavra. A estes cicarios d'obra grossa, agachados debaixo d'um prelo e com as caras tapadas, é que eu dei o lembrete no principio do *A quem ler*. Podia-lhes ter rasgado as mascaras, mas tive dó; quando não, dizei-me se póde haver maior nojo moral que o imprimirem aquillo sem terem lido nem ouvido o drama, nem saberem mais a respeito d'elle do que isto mesmo que a minha carta publicada na *Revista* lhes contára. Desde que ha parvos malignos, ainda talvez se não tinha dado exemplo igual de malignidade parvoa. Peço desculpa de termos gasto tanta cera com tão ruins defuntos.

Porque fatalidade ha sempre de toda a parte mão armada contra os pobres cultores de lettras? Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o viverem numa especie de eremiterio sem santidade? o ralarem-se com utopias? o serem mal conhecidos e mal julgados? o devorarem invejas e ingratidões? o encurtarem a vida? o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam? o não a conseguirem senão quando já a não pódem ouvir? e o não testarem senão pobreza? Ha-de ainda vir a calumnia na cóla da critica enxovalhar-lhes como harpia fetida quanto produzem? A censura illustrada e honesta é medicina; ainda quando nos amarga, aproveita-nos; a satira é veneno. Os espiritos ma-

levolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos: se hão-de curar, assassinam. Como a arte é longa, o talento e o juizo, raros, o exame consciencioso, difficilimo, o qualificar acertos e desacertos, mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitarem-se sobre um livro novo, como cães damnados ladrando, e uivando: *plagiato, plagiato.* Segundo Bavio e Mevio, Virgilio não foi mais do que um plagiario d'Homero; Homero, segundo os Bavios e Mevios da sua terra, plagiario de Orpheo e Linno; Camões, segundo o padre José Agostinho de Macedo, não fez senão tomadias; o cantor de Camões, o sr. Garrett, segundo alguns estafermos, só tem publicado ineditos d'um seu tio bispo d'Angra (que já se vê tinha don de profecia); os *Dois Renegados*, do sr. Mendes Leal, foram vertidos não sei já de que lingua; as *Duas Filhas*, do sr. Pereira da Cunha, vieram não sei d'onde; em summa não sai a lume obra de merito, que antes de outra qualquer critica, ou em logar de todas, a não alcunhem roubo.

É atroz; sobre tudo em obras dramaticas, nas quaes o estilo é pelo menos tanto como o entrecho. Bem haja Molière que tomou de Plauto o *Amphitryão*, e não lhe chamou traducção, porque fez d'elle obra de Molière; bem haja Camões que ao mesmo Plauto fizera igual honra, sem dizer *verti*, pois nos testava obra de Camões; bem haja Regnard que da mesma pedreira arrancou e esculpiu os seus *Menechmos*, e tambem os não cha-

mou copia; bem hajam o Garrett e o Mendes Leal quando deram sem nomes francezes, o primeiro, farças francezas, como *Fallar verdade a mentir*, e *O tio Simplicio;* o segundo, o drama francez *O tributo das cem donzellas;* porque tudo isso ficou por elles naturalizado portuguez, e muito portuguez. Rosnaram-lhes critiqueirinhos tartamudos; deixaram-nos rosnar e foram para diante; porque esses bem sabem e bem mostram quanta originalidade gloriosa póde haver num traductor. Mas a raça d'estas lesmas que babujam toda a especie de monumentos em que não pódem roer, é antiga, repito; quereis ver o como já os sóccos ferrados de Terencio as esmagavam? escutae-o no prologo scenico da sua *Andria:*

Quando o autor no officio novo
tentou dramas escrever,
cuidou que agradando ao povo
não tinha mais que fazer.

Eram erradas as contas;
neste prologo o verão;
que, em vez de prepor a acção,
vem só repulsar affrontas.

Velho poeta mordaz
o constrange a taes respostas;
se a moda vos desapraz,
a culpa lançae-lh'a ás costas.

Comedias Menandro fez:

Andria e *Perinthia* são suas;
quem bem leu qualquer das duas,
leu-as ambas d'uma vez.

No ser e enredo, ambas ellas
são gemeas não só irmãs;
diverso estilo as faz bellas;
vario traje as faz louçãs.

Ora, o nosso autor confessa
que era alheio o que hoje é seu:
da *Perinthia*, *Andria* nasceu;
da grega, a romana peça.

Zoilos lh'o levam a mal;
dizem ser dramas perdidos.
Se devéras cuidam tal,
nunca os vi menos sabidos.

No que a Terencio increpais,
criticosinhos incautos,
aos Nevios, Ennios, e Plautos
não vedes que injuriais?!

Pobrezas de taes autores
são bem mais para invejar,
que d'estes parvos censores
todo o obscuro censurar.

Quasi todos os seus prologos scenicos o mesmo rezam, e contra o mesmo caturra velho: vá ainda uma amostrinha do seu *Heautontimorumenos*:

Do pobre poeta murmuram praguentos,
que estraga da Grecia comedias aos centos,
e d'ellas espreme com musas mofinas
tres ou quatro chochas comedias latinas;
se é mal, paciencia; declara-vos já
que o faz, que o tem feito, que sempre o fará.
Por si tem o exemplo de bons escritores;
o que esses puderam sem medo a censores,
quem é que lhe véda fazel-o igualmente?
Mais critica temos: um velho demente,
poetastro das duzias, ruim fallador,
no povo as derrama roendo no autor:
—«Terencio, autor comico! —exclama—que séstro!
«Não é certamente fiado em seu éstro...
«embute por suas, idéas que pilha;
«e á custa d'amigos por comico brilha.» —
Vós entre as calumnias e um peito leal,
romano auditorio, sereis tribunal.

Consolem-se com estes exemplos os principiantes; procurem ser originaes e correctos; premunam-se contra os criticos de bem; e quanto aos d'esta laia, nunca percam tempo como eu acabo de fazer.

Tomem de cór, e tragam sempre muito a ponto para uma pressa, este dito do nosso Camões: — «Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.»—

GRAVURA

(*Retrato de Camões.*)

ADVERTENCIA PRÉVIA

Era esta nota chamada na primeira edição pelo retrato de Camões, gravado por uma habil curiosa da ilha de S. Miguel. Essa chapa extraviou-se, razão porque se não reproduz nesta reimpressão; mas o que por essa occasião haviamos discursado, pareceu-nos bem conserval-o, por conter doutrina util, incitamento e conselhos, que porventura poderão ainda aproveitar.

O que vou registar aqui não é sem uma certa importancia para a historia das artes entre nós.

Em nenhuma parte d'este archipelago açoriano até aos fins de 1847, existia a gravura em madeira; posto já de annos se achassem imprensas estabelecidas na Terceira e em S. Miguel.

O sr. Luiz de Vasconcellos, natural d'aqui, algumas tentativas fizera em 1838, abrindo grandes lettras floreadas e alguns outros ornatinhos typographicos, com aquella conhecida pericia que o seu bello talento mecanico desenvolve em tudo que emprehende; mas não continuou.

D'elle são as lettras em que principiou a sair o titulo do jornal *Açoriano* em 1841 ou 42, e d'elle é a illustração do titulo do folheto *Principios ge-*

raes de jardinagem por J. V. Vieira, dado á luz em 1838, typographia de F. J. Corrêa, na rua do Collegio.

O sr. Vasconcellos, assim como não tivera mestre nem predecessor, tambem não teve successor nem discipulo.

Na exposição da industria michaelense d'este Natal de 1849, estão gravadas em buxo, e com gabos de mui nitidas, figuras para um baralho de cartas, obra posthuma de Domingos Antonio Candido de Barros, natural de Lisboa, fallecido na ilha de Santa Maria em julho de 1849. D'este curioso consta haver varias gravuras em metaes, sinetes, etc., mas nada impresso.

Em janeiro de 1848, incumbido da redacção do *Agricultor Michaelense*, emprehendi que em Ponta-Delgada se gravasse, não tanto para ornamento d'aquelle periodico (as primeiras tentativas em tal arte nunca o pódem ser) como para esclarecimento de artigos sobre maquinas, animaes, ou plantas não vulgares, e ao mesmo tempo, para ver se d'este modo o gosto e a nobre emulação chegavam a fazer pegar tão bella e proveitosa industria em terra como esta, onde as mãos habilidosas não fallecem; já nesse mesmo janeiro, isto é, no primeiro numero da minha redacção, saiu o *Agricultor* com sete gravuras. Trasladarei d'elle mesmo o que puz na advertencia prévia aos *Afogados*, romancinho escrito e acompanhado de pequenas estampas pelo sr. Luiz Filippe Leite:

«O autor tambem agora pela primeira vez pro-

«va a mão na difficilima arte da gravura em ma-«deira, pelo que em seu nome requeremos bene-«vola indulgencia para com os ornatinhos artis-«ticos d'este periodico; todo o homem de bem «lh'a concederá e avantajada; mormente se se ad-«vertir em que o desenho, outr'ora mero luxo e «para raros livros, e escaço, está sendo hoje quasi «necessidade, até para folhas volantes e eféme-«ras, quando têem de fazer bem conhecidos certos «objectos fisicos, naturaes ou artificiaes.

«Por isso, e por entendermos que se não have-«ria por de menos entidade, o introduzir e acli-«mar uma boa arte mui fecunda, do que uma «qualquer planta forasteira, é que forcejámos, com «toda a perseverança que nos dá a nossa velha sen-«tença biblica «Se queres pódes» para que despon-«tasse a gravura, como já desponta emfim neste «archipelago. Os noveis artistas, que em torno de «nós trabalham, fantasiando já futuros, como to-«dos os verdadeiros talentos, o sr. Alfredo Lam-«bert de dezasete annos de edade, o sr. Luiz «Filippe Leite de dezanove, ainda ha oito dias igno-«ravam, e não inquiriam, como se desse um traço «na madeira; sabiamol-o nós por alto; explicamos-«lh'o; insistimos; esforçamol-os; ousaram; o mila-«gre fez-se. E que milagre! Sem mestre! sem tem-«po! sem utensis! Todos os seus instrumentos, im-«provisaram-nos elles mesmos; foram nesta ilha «os Robinsons da gravura. Toda a sua officina «ainda hoje a podeis ver num relance; ella que «se vos retrate .....

.....

«Já achámos um impossivel; ambos os nossos «artistas se recusam ao que se lhes figura jactan«cia indecorosa.....

.....

«Decididamente não ha impossiveis; a repu«gnancia dos dois artistas, criou terceiro: o sr. «Pedro d'Alcantara Leite. A acquisição e formação «do artista, e a sua obra, não nos custaram mais «de vinte e quatro horas. A revelação do segredo «da abelha de todos os tres, eil-a aqui pois.»

O desenho que immediatamente seguia estas palavras, mostrava uma peça de madeira sobre a qual se via uma mão gravando com o bico de uma agulha espetada num pau, e ao lado um canivete.

Em consequencia dá minha obstinação, foi a coisa por diante, e nos doze numeros do *Agricultor* d'esse anno se contaram sessenta e uma gravuras executadas por nove pessoas, duas das quaes, senhoras. Alfabeticamente são: as sr.as D. Maria Leonor da Camara Sampaio, D. Marianna de Lima Furtado de Mendonça, os srs. Alfredo Lambert, Henrique Walker, Ignacio Pedro Silveira Junior, João Luiz de Moraes Pereira, José Maria Raposo do Amaral, Luiz Filippe Leite e Pedro de Alcantara Leite. Não se attingiu a perfeição, mas os progressos foram visiveis.

No anno recemfindo de 1849 cessaram as illustrações do *Agricultor;* e, a despeito de tão auspiciosos principios, os adeptos, se não abjuraram o culto, arrefeceram e dispersaram-se. Só lhe

permaneceu fiel (que eu saiba) a ex.ma sr.a D. Maria Leonor da Camara Sampaio. Sessenta diversas gravurinhas suas, todas de 1849, estão ornando a exposição, e clamando aos descuidosos em favor de tão rico estudo. *O retrato de Camões*, a que esta nota pertence, é um improviso d'esta senhora, que nem a minima lição jámais recebêra de desenho.

Para chegarmos já ao faciendum (pois tambem nesta nota o ha) ponderem-se devidamente os seguintes pontos:

A gravura em madeira tem-se nestes ultimos annos immensamente generalisado nos paizes em que ha imprensa; tornou-se necessaria; dentro em pouco será indispensavel.

A gravura em madeira é um possante auxiliar para quasi todos os conhecimentos humanos. *Primo:* porque mostra os objectos, em vez de só se nomearem, e assim os faz melhor comprehender; *secundo:* porque os mnemonisa; *tertio:* porque desafia o appetite para a leitura.

A gravura em madeira deve a sua presente prosperidade, e ha-de dever os seus ainda maiores futuros, á facilidade com que se executa e se encorpora no texto typographico; em quanto a gravura em cobre ou aço e a lithographia, são impressas sobre si, e muito mais dispendiosamente.

A gravura em madeira é de tal modo accessivel a quaesquer mãos, que não sejam de todo degeitosas, que já hoje, segundo dizem, o motivo de sairem tantos jornaes inglezes cheios e ra-

sos d'illustrações, não é outro, senão que a infinita concorrencia de gravadores tem feito baixar o preço de suas obras, e um dado espaço occupado por gravura sai mais barato aos emprezarios, do que se o fosse por composição.

A gravura em madeira, depois d'esta sua gloriosa resurreição em nossos dias, tem começado a ser exercida em todas as partes, por curiosos, e ás apalpadelas, como dizem vulgarmente, sendo o exercicio, a perseverança, a imitação, e a emulação, o que de anno para anno a faz subir e aperfeiçoar-se. Os srs. Bordallo e Coelho, que primeiros gravaram em Lisboa, não tiveram mestre nem tratado ou *vadé mecum*, nem sequer quem lhes explicasse como era a ferramenta, e como d'ella se usava; quizeram, tentaram, teimaram, conseguiram. O *Panorama*, em que elles se estrearam, contém em documentos a sua historia: esboços grosseiros a principio; a final obras nitidas. ¿As primeiras tentativas d'este genero, feitas no *Agricultor Michaelense*, d'onde procederam? (a noticia é para rir mas não inutil) procederam da mui succinta explicação que eu aqui fiz, do que só de ouvida, e mui vagamente, sabia em tal materia; com ella, um canivete, uma agulha afiada, e muita paciencia, sairam os primeiros esboços; depois vieram buris e manuaes; a pratica, e o exame mais atento d'algumas gravuras inglezas, foram novos recursos. Em tão curto prazo notou-se o adiantamento. Se houver perseverança, ha-de-se chegar ao perfeitissimo; que não são as mãos inglezas mais baptisadas,

nem os ares de Londres mais claros, nem o seu sol mais criador.

Como os tratados e manuaes de gravura, nem todos os possuem, e menos ainda são em numero as pessoas portuguezas que em linguas estrangeiras os pódem ler com aproveitamento, quero crer que para alguem poderá servir, como já aqui serviu, uma exposição succinta do que importa se saiba para começar a ser gravador:

Serrae a tôpo uma fatia de buxo bem secco e são (pereira e ebano tambem são bons); a grossura d'esta fatia deve ser igual á altura d'um typo (sendo menor haverá de se calçar no prelo); comprimento e largura, segundo o desenho. Igualada e perfeitamente alizada a superficie, branqueae-a esfregando-lhe com a palma da mão alvayade de Veneza bem secco (muitos não branquêam); desenhae por cima com lapis, ou nanquin o objecto que pretendeis estampar, havendo cuidado em que o que deve sair da direita fique da esquerda, e vice-versa.

Se sois bom desenhador, não ha para vós difficuldade alguma; haveis de ser bom gravador; se não sabeis desenhar, pedi a outrem que vol-o faça, reservando para vós todo o trabalho do ferro. Muitas gravuras em Portugal, em França, em Inglaterra, em Italia, em Alemanha, são debuxadas por um, e por outro abertas. Esta divisão de trabalhos, e esta associação de artistas, têem vantagens para a quantidade e qualidade dos productos.

Se se trata de uma copia fiel, podeis fazel-a

no papel chamado vegetal. Assentar a copia com uma gomma branda sobre a madeira, é quasi o mesmo que se nella desenhasseis.

Tende uma collecção de buris e instrumentos de diversas feições e córtes; quanto mais numerosos e variados melhor.

Assentae a madeira numa almofada cheia de arêa; segurae-a com a mão esquerda; e com a direita ide cortando a pouco e pouco tudo que não está coberto de desenho. Alguns aconselham que se tenha na mesa uma armaçãosinha com um parafuso, propria para conter bem segura a peça de madeira, o que em certas partes do trabalho poderá ajudar, mas não é indispensavel.

A diversidade do tamanho e feitios dos espaços brancos que ha para tirar, vos irão dizendo de quaes dos vossos ferros vos haveis de servir.

Os traços de contornos e circunferencias, quer d'um rosto, quer d'um corpo, d'uma planta, d'uma casa, etc., são os ultimos, junto aos quaes por fóra se deve abrir córte. Todos os lavores centraes ou medios, se devem fazer primeiro, para não enfraquecer as bordas, que, estando desamparadas, e trabalhando-se por dentro junto a ellas, poderiam quebrar-se.

A profundez dos córtes varía segundo a grandeza do espaço que se ha-de cavar: entre duas linhas mui juntas, uma leve incisão bastará; onde houver de ficar grande superficie em claro, afundareis muito.

Os córtes de circunferencias dêem-se deixando talud, isto é, dêem-se obliquamente a fugir com

o talho para fóra do contorno da figura, á proporção que se profunda; é uma cautella para solidez; com o talho vertical, esta seria menor; com o talho obliquo para baixo da figura, era ruina certa ao imprimir.

Tudo isto é pouco e singelo, não é assim? pois aqui tendes a substancia da arte; nunca houve segredo d'abelha mais penetravel.

Concluida a gravura, mandam-se tirar d'ella provas por um impressor habil. Á vista das provas se reconhece o que importa emendar. As emendas pódem consistir em diminuição, ou accrescentamento. Para corrigir a chapa, lavae-a da tinta da imprensa; não com agua e lexivia, que a poderiam empenar, mas com azeite e escova não muito aspera. Onde a prova vos mostra tinta que lá não devêra estar, cavae; onde vedes que ella falta e era precisa, e se não póde dispensar, cavae nessa parte a vossa madeira; afeiçoae um torno das dimensões da cava, já se sabe feito do mesmo pau e tambem a tôpo; embebei-o exactissimamente, por modo que a sua superficie fique de todo nivelada com a restante; e este remendo, desenhae-o e gravae-o de novo; ainda que o melhor remedio é tomar outra chapa, e recomeçar o desenho todo.

A impressão d'uma gravura, exige algum cuidado. O gravador, ainda que principiante seja, não havendo outro mais pratico do que elle, deve vigiar com minucioso escrupulo a obra do prelo, até esta sair com a possivel perfeição.

Para a perfeição d'uma tiragem d'estampa gra-

vada, não basta o primor do buril, a bondade do rolo, a bondade e boa distribuição da tinta; se a pressão for igual em toda a superficie da estampa, poderá esta ficar carecendo de certas proporções de tons, isto é, de certa graduação de tinta, nuns sitios mais forte, noutros mais fraca, de que muito depende o bom effeito.

Deverá pois o tympano ser revestido anteriormente de casimira ou pano fino recoberto de seda, tudo sem remendo, buraco, ou costura. Tirada a primeira prova numa folha de papel não molhado, o artista indaga nella que partes beberam tinta de mais, e quaes de menos.

As que beberam de mais, corta-as delicadamente á tesoira e lança-as fóra; as que beberam de menos, cobre-as, pegando-lhes em cima de cada uma, com gomma, um papelinho recortado de igual feição, e esta folha de prova assim desfalcada nuns pontos, e noutros relevada, a ajusta e prega sobre a seda, passando logo a tirar segunda prova tambem secca.

Se ainda alguns dos vãos que deixou, tomam tinta em demasia, esses, torna-os a vasar com a tesoira, e semelhantemente accrescenta segundo empaste onde a força do preto não chegou ainda á sua conta, e só depois de cabalmente afinado o tympano, por via de successivas subtracções e addições, se retira, certo de que a sua chapa dará de si quanto póde.

Se no decurso da impressão, as estampas vão perdendo o mimo, o que é resultado de tinta depositada nos traços estreitos e pouco fundos, é

lavar as chapas com azeite e escova como já se disse.

A bem das sciencias, litteratura e artes, exhortêmos aos que sabem desenhar, e aos que, não o sabendo, têem comtudo mãos delicadas, paciencia e gosto, cedam á tentação que esta noticia provavelmente lhes ha-de causar; experimentem; e, se a primeira tentativa lhes abortar, não esmoreçam; ninguem nasce grande: Hercules, foi um menino de mama; Roma, uma aldeola; os carvalhos, bolotas; as aguias, ovos; os rios, fontes; a Venus de Medicis, e o Apollo do Belveder, o Moysés de Miguel Angelo, e o Parnaso de Assis Rodrigues, pedras brutas. Uso faz os mestres. — «O genio — dizia Buffon — não é senão attenção.» — Ter sempre perante os olhos aquella maxima de todos os grandes homens, que é a mãe de todos os grandes milagres: *Se queres pódes. Si vis, potes. Se tens fé, transportarás as montanhas,* se lê nas sagradas paginas.

Virgilio escrevia:

..... *Possunt, quia posse videntur.*

ə

..... *Labor omnia vincit.*

Horacio:

Nil mortalibus arduum est.....

Ovidio:

Et qui non poterat, posse coactus erat.

Seneca:

Quodcumque sibi imperavit animus, obtinuit.

Camões:

Impossibilidades não façais,
que quem quiz, sempre poude.....

Napoleão:

Impossible est l'adjectif des sots.

Pudera citar milheiros, mas fiquem por todos, os nossos dois rifões velhos: *Mais faz quem quer do que quem póde;* e *Para quem quer não ha impossiveis.*

A doutrina mais substancial do romance de Rousseau sobre a educação, é aquella de acostumar as mãos ao trabalho desde muito cedo.

Esse principio, que deu origem a outro romance castelhano tambem d'educação, porém muito mais positivo e util, *O Euzebio*, foi para logo adoptado pelo bom senso geral, e muitos dos fidalgos emigrados pela revolução franceza do fim do seculo passado, não deveram a subsistencia senão ao mister manual que em melhores tempos haviam aprendido, bem fóra de cuidarem que jámais lhes serviria. Ora as vicissitudes subitas, imprevistas, e quotidianas, suscitadas ao presente pela politica e pelas transformações que opéra em tudo o crescer e variar da industria, pela nobilitação do trabalho, pelas tendencias filosoficas do seculo; este incalculavel fluxo e refluxo de destinos que remuge ameaçador em tôrno a

cada um de nós, e que a ninguem permitte prever, como nos dias doirados de nossos avós, onde ha-de ir acabar, nem quando, nem como, nem de quê: se de balas, se em prisão, se em degredo, se em desertos, ou em cadeira curul em degraus de throno; tornam, para quem não for nescio, urgentissimo preceito o que no tempo de Rousseau não passava de bom conselho.

Todos os trabalhos uteis são nobres; mas alem de nobre, qual mais agradavel que o de cultivar uma arte das que chamâmos bellas, e bem puderamos chamar boas, como nossos maiores, e não só bella e boa, senão de todas a optima e a bellissima? A obra do estatuario, por mais divina que saia, nada produz, nem se reproduz; a do pintor, excitará assombros numa sala ou num templo; a do architecto, poderá alojar em si todas as outras, mas é circunscripta em espaço, e irrevogavelmente arraigada ao chão em que brotou. A gravura em madeira entretanto, superior nisto á dos metaes e á lithographia, trava-se, encorpora-se, identifica-se com as proprias expressões já do architecto, já do pintor, já do escultor, já do musico, já do chorégrapho, já do poeta, já do novellista, já do biographo, já do historiador, já do viajante, já do mineralogico e geólogo, já do geógrapho e astrónomo, já do botanico e do agrónomo, já do zoólogo e criador das raças uteis, já do antropólogo, já do anatomico, do medico... que digo! a moral mesma, recebe d'ella enfeites e seducções. Quantas scenas de beneficencia, de generosidade, de paz e ventura domestica, d'amor

materno, d'amor filial, de compaixão para com as miserias alheias, não vem assim prégar mudamente, e commover num relance a quem não leria nem ha-de nunca ler o livro sério, ou porque lhe não entende a lingua, ou porque lhe falta ocio, ou porque não quer! Para todas as sciencias e artes é esta arte um bordão de arrimo e uma lanterna, que as deixa ir vendo, e sendo vistas ao longo dos seus diversos caminhos.

Eis aqui precisamente o que lhe tem dado a sua já hoje incontestavel supremacia; o que faz que ainda vá crescendo, e o que deve compellir a todos os que tiverem olhos, mãos e alma, a frequental-a com amor e enthusiasmo. ¿Porque é que na educação esmerada de um e outro sexo se não ha-de incluir desde já este tão agradavel e tão previdente complemento? Tendes filhos e filhas, e sois nobre, e sois rico; nobilitae-os e nobilitae-as ainda mais, dando-lhes um lustre, e um prestimo novo. O grande Czar Pedro foi ferreiro, carpinteiro e calafate; Luiz XIII, canastreiro; Luiz XVI, serralheiro; Luiz Filippe, mathematico; sua filha a princeza Maria, escultora; seus filhos cursaram os estudos proveitosos, como qualquer cidadão; o principe Alberto de Inglaterra é pintor; o infante D. Henrique foi cosmógrapho; D. Pedro IV, o Grande, torneiro, musico, e capitão de primeira ordem. El-rei o senhor D. Fernando é desenhador pintor, gravador, escultor, architecto e musico. A viuva do Libertador e a sua filha reinante primam em lavores proprios do seu sexo, que, ambicionados e vendidos á porfia nos bazares da ca-

ridade, têem concorrido para enxugar muitas lagrimas de velhos e meninos. Os nossos principes em suas curtas edades são já citados com admiração pelo numero e variedade das suas prendas, etc. etc. etc. Quanto á nobreza, isto. Quanto aos haveres, ¿quem vos affirmou que a fortuna vos não arrancará das mãos ámanhã, e já hoje, o testamento? Premunir, premunir para o dia da adversidade, que nem sempre tem vesperas! quando ella bater com a mão de ferro á porta dos vossos filhos e filhas, um talento precioso, e bem esmerado, que lhe responda de dentro: — «*Vae-te a outra porta; aqui, trabalha-se.*» —

Um magnifico serviço que os redactores de jornaes scientificos, litterarios, e até politicos, podiam fazer desde já á patria, seria franquearem as suas columnas a quantas tentativas de gravura em madeira, não inteiramente abortadas, lhes fossem offerecidas por principiantes, ou curiosos em qualquer grau de adiantamento: que bello certame publico! que mutuo incitamento! que de glorias semeadas! que atractivo para a curiosidade e para a leitura!

Academias das bellas artes de Lisboa e Porto, caritativo estabelecimento da Casa Pia, completae-vos juntando ás nobres artes do desenho, que já ensinais, esta que indubitavelmente é de todas a mais gloriosa, porque é de todas a mais fructifera.

Doze annos foram necessarios para que saisse

com despacho tão singelo requerimento. Ninguem se apressa mais devagar que nós para as coisas faceis e de tomo.

A Academia das bellas artes de Lisboa sob o actual influxo criador do sr. marquez de Sousa tem já decretada a sua escola de gravura em madeira, e nomeado para ella o professor Pedroso, artista de merito geralmente reconhecido. Bom é assim, para que temerariamente se não fie tudo ao tempo, ás diligencias, esforços e sacrificios dos particulares.

A sociedade proprietaria e editora do memoravel jornal o *Panorama*, coadjuvada pelos nossos amigos Bordallo Pinheiro e Coelho, introduzíra, e desenvolvêra até certo ponto, esta bella arte. Morto aquelle semanario, tornou ella a decair.

A typographia Universal do sr. Eduardo de Faria como que a galvanisou por momentos, sem comtudo exceder, nem igualar, dizem-no os peritos, as provas produzidas pelo *Panorama*.

Aos honrados, intelligentes, e já mui benemeritos impressores e editores, os srs. Castros, emprezarios do *Archivo Pittoresco*, estava guardada a gloria de fundarem na sua mesma officina uma escola de gravura em madeira, já hoje muito digna de attenção, e que, graças aos seus desenhadores e directores, e nomeadamente aos srs. Nogueira da Silva e Pedroso, promette ascender a mui notavel perfeição.

Ficaremos tendo pois d'hora ávante duas escolas de gravura em madeira; conserve-as Deus, que

a rivalidade póde ser fecunda. Assim os autores e editores se vão resolvendo a ataviar e illustrar de estampas os livros que dão á luz, e cuja quantidade e qualidade já começam a tornar-se devéras auspiciosas para a litteratura portugueza. Leitura e gravura têem de se auxiliar mutuamente:

..... *Alterius sic*
altera poscit opem res, et conjurat amice.

O SENHOR D. PEDRO II

(Tomo I pag. 5, linha 1 —*A Sua Magestade o senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil.*)

Nenhum motivo me induziu a dedicar este poema a Sua Magestade Imperial, o senhor D. Pedro II, senão o desejo de dar publico e solemne testemunho de veneração a um principe, que na flor da edade é já maduro para a sabedoria; que ama e pratica as lettras como as virtudes; e por quem o maior imperio se tornará tambem o mais ditoso. Escritor sempre amante d'esta formosa lingua de Camões, eu devia tambem esta homenagem ao espirito distincto, que, familiarisado com as mais opulentas litteraturas d'essa Europa, comprehendendo e avaliando as bellezas de seus idio-

mas, se delicía, com uma especie de preferencia filial, nos livros bons da lingua de seus avós. Em summa, e porque tudo diga, era já de muito para mim imperiosa necessidade do coração pregoar alto o meu enternecido agradecimento para com um genio, que ainda sem corôa seria admirado, o qual entre os cuidados de reger um mundo, não desdenha pôr algumas vezes olhos benevolos nos meus escritos.

O primeiro ouvinte d'este poema foi Sua Magestade Imperial, que na sua chacara de Santa Cruz teve a bondade de permittir se lesse inteiro, e de um só folego, na sua augusta presença; e, consinta-se-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo juiz, e de protector benevolo, permittindo a final que sob tal e tamanho nome, e auspicios tão faustos, saisse, como saiu, e agora torna a sair, a publico.

Os votos que cerram e coroam a dedicatoria, na consciencia tenho que são profecia. Essa obra posthuma de Camões haverá sido de todas as suas, a mais bella.

Cumpre-me agora, depois de doze annos, ajuntar ao que se acaba de ler que os meus desejos de conhecer a tão insigne personagem foram satisfeitos.

Em 1855 levou-me ás praias do Rio de Janeiro

a ancia de propagar o *Methodo* regenerador das escolas elementares por aquellas dilatadas regiões. Eram terras portuguezas quanto á lingua, como quanto ao sangue de seus moradores; primeira razão. Mas eram ao mesmo tempo terras hoje estrangeiras; segunda razão, e melhor ainda para boas esperanças. A minha tarefa era como que de profeta; e estes não costumam sel-o na terra propria; e depois, as invenções são ás vezes como os frutos: transplantados a terreno alheio acontece melhorarem-se.

O como o exito respondeu, ou deixou de responder, ás minhas diligencias, sabem-no pouco mais ou menos os leitores pelo meu livro do *Outono*, e pelo muito que a esse respeito anda escrito em jornaes de lá e de cá, sendo todo esse muito quasi nada em comparação com a documentaria inedita que tenho ido archivando para a historia final d'esta campanha inacreditavel.

Alguns falsariositos, d'esses que para alguma coisa fazerem neste mundo, invertem e deturpam o que os outros fazem, disseram, e até imprimiram, que me fôra eu ao Brazil por convite, e a expensas do seu Governo, e com a mira em extraordinarias recompensas pelo meu pequeno serviço.

A verdade, que elles sabiam tão bem como eu, era que eu fôra lá espontanea e gratuitamente, e tão decidido a regeitar qualquer retribuição, se m'a offerecessem, que, por bons termos, e o mais cortezmente que soube, assim o declarei logo na oração d'abertura do curso normal no

Rio, em presença dos ministros, conselheiros de estado, dignatarios do imperio, lentes e professores, e um concurso numerosissimo de cavalheiros e senhoras. Se alguem houvesse lá pensado em me dar alguma coisa, tinha-me eu proprio ali atado as mãos com seiscentos nós górdios para nunca lhe poder pegar. O meu premio teria sido (e que immenso premio!) que o ensino primario official d'aquellas terras désse exemplo ao das nossas, convertendo-se de boa fé para a religião do ensino pelo amor, á vista dos milagres que o abonavam. Outras honras não as queria; e então proveito de outro qualquer genero, muito menos.

Ao meu ardor de missionario do progresso accresciam, para me tornarem suave e appetecida a peregrinação, saudades velhas de irmãos excellentes, cubiça de respirar uma vez ares de tanto amor e poesia, como são os tropicaes, a lembrança de bons amigos e condiscipulos americanos, que nunca mais encontrára desde que nos despediramos em Coimbra, e, tanto como tudo isto junto, a ancia de agradecer a um soberano grande homem os testemunhos que tão longe, tão pequeno, e tão desconhecido, eu recebéra da sua benevolencia.

Grandiosa era a idéa que eu d'elle me formára; a realidade excedeu-a.

Recebeu-me Sua Magestade com aquella boa sombra que honra ainda mais ao poderoso que a liberaliza, do que ao pequeno que a recebe.

A escola em que eu diariamente leccionava o

ensino filosofico dos elementos rudimentaes a um crescido numero de professores, foi honrada com a visita de Sua Magestade. Mais illustrado e atento ouvinte nunca eu o pudera ambicionar.

Depois, todas as vezes que eu o procurei no palacio, attraído fortemente do encanto de admirar tão copiosa sciencia, e filosofia tão profunda em tão elevada posição, e annos tão verdes, cada vez mais me confirmei em que o muitissimo que geralmente se encarecia de tal cabeça e coração, só peccava por diminuto.

Custava-me, e custa-me ainda hoje, a comprehender como é que um Cezar, assoberbado com o peso de tantos interesses maximos de um imperio novo, e quasi sem limites, poude achar ainda horas para conversar todas as musas gregas e romanas antigas, todas e cada uma das modernas da Europa, e de todo o mundo.

Sabia eu, como toda a gente, que a memoria, acompanhada de notavel intelligencia, era um dote dos mais eminentes da familia brigantina. Apesar todavia de tal prevenção, voltava sempre assombrado do como, por mais que as nossas praticas divagassem por trilhos abstrusos e raro batidos, nunca Sua Magestade deixava de apparecer com reminiscencias a ponto, e tão miudas, e tão exactas, como se as trouxera para ali frescas e viçosas, acabadas de colhêr nos melhores livros, retocadas pela reflexão, concertadas e compostas pelo bom gosto.

Em summa pude por mim proprio reconhecer que d'esta vez não fôra lisongeira a fama; e que

os versos da minha dedicatoria deviam ser inteira e religiosamente conservados.

O meu sabio amigo, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, pernambucano, lançou no jornal o *Futuro* uma interessante noticia ácerca do senhor D. Pedro II sob o modesto titulo de *Apontamentos biographicos*. Cito-a como valioso documento que abona o que deixo dito.

Se me é dado citar depois d'essas paginas, paginas minhas tambem, concluirei, adduzindo como confirmação o que na biographia de outro meu amigo brazileiro, o Padre-mestre Monte-Alverne, escrevi sobre uma visita feita pelo chefe do estado ao religioso. Ha rasgos simplices que bastam para caracterisar um retrato; d'esse numero é o que se vai ler:

«A 4 de outubro de 1855, dia da festa de «S. Francisco de Assiz, o fundador da Ordem Se«raphica, e de quem o nosso Fr. Francisco tomára «por appellido o nome de Monte-Alverne, vieram «ao convento assistir á solemnidade religiosa Suas «Magestades: o Imperador e a Imperatriz; era a «occasião de pagarem com uma visita sua ao sa«bio, alto brazão do seu imperio, as muitas que «d'elle haviam recebido.

«Esta scena, honrosa para todos os tres, de«via-a ter o pincel perpetuado; e á fé que havia «ahi com que se inspirar! uma princeza, toda «suavidade e virtude; um principe, todo virtude «e talento; um frade, todo talento, religião e ma«gestade!

«Aquelle imperador é assim. Liberal por he-
«rança, educação e filosofia; chefe de um estado
«immenso a medrar de dia para dia em tôrno
«do seu sceptro abençoado, sabe, tão bem como
«o seculo, cujo se préza de ser filho, que ne-
«nhum modo lhe resta para crescer senão es-
«quecer-se entre os sabios de que nasceu grande,
«fortalecer-se nas justas e torneios da intelligen-
«cia, e ao diadema, que a fortuna lhe lançou
«no berço, entrelaçar as corôas que se conquis-
«tam pelo estudo. O sceptro seria para elle um
«onus, se não fosse um instrumento possante de
«felicitação para tantos povos; empunha-o por
«dever; mas o que á farta lhe liberaliza delicias
«é a penna. Estadista serio e profundo na sala do
«conselho, dá sem pesar quantas horas são mis-
«ter aos interesses publicos; mas as restantes, as
«do repouso, parte das do somno talvez, en-
«tre dois amores as reparte, entre duas familias
«qual a qual mais sua: uma esposa e filhas, que
«ainda nascidas na mais obscura choupana se-
«riam adoraveis, e o congresso dos grandes ho-
«mens de todas as edades, com quem conversa
«em suas proprias linguas, no remanso da sua
«inspirativa bibliotheca. É ali que elle folga de
«receber os seus pares nos trabalhos do espirito;
«ali falla com cada um, segundo a natureza das
«suas actuaes applicações; e sempre tão prestes,
«tão noticioso, tão exacto nos juizos, como se
«nunca outro houvera sido o emprego das suas
«locubrações. Quasi sempre, e em tudo, a ver-
«dade em que a final se concorda, era a que elle

«aventára no primeiro relance. Ama o debate, «como pedra em que o entendimento afia as suas «armas; quer e mantem livre, liberrima, a con- «troversia. Ninguem então se lembra do impe- «rador; lembram-se todos de Cicero *disposto sem- «pre a refutar sem pertinacia, e a ser refutado sem «agastamento.*

«Era nessa bibliotheca, transumpto e recorda- «ção da do Apollo Palatino, fundada e cheia por «outro Cezar, não menos fautor das lettras, po- «rém menos liberal sem duvida; era ali, que rei- «terados convites seus haviam feito muitas vezes «comparecer o varão, a quem agora se gloriava «de visitar num cubiculo apertado, sala, apo- «sento, livraria, officina, onde tantos diamantes «de vulto se haviam lapidado para a corôa litte- «raria do seu imperio.

«Um presente, digno de quem o dava e de «quem o recebia, assinalou a estada de D. Pedro II «no quarto de fr. Francisco de Monte-Alverne: foi «a cadeira que o soberano possuia do grande An- «chieta; reliquia historica do valor de um throno.»

Mais longe pudera eu levar a defensa e apologia da minha dedicatoria; pudera transcrever interessantes e curiosos trechos da correspondencia de meu irmão José Feliciano de Castilho, sobre as suas leituras e largas conferencias litterarias com o senhor D. Pedro II; mas resisto á tentação por não incorrer na censura de ruim gastador de tempo em evidenciar verdades já notorias e triviaes.

PROLOGO

(Tomo I pag. 7 — *Aos espectadores. Prologo* — Pag. 97, linha 17 — *Um Ermitão que sai da segunda porta da esquerda, e se vai collocar perante El-Rei* — Pag. 104, linha 19 — *O Ermitão que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real.)*

Os *prologos* em theatro são da infancia da arte. A intrinseca difficuldade de fundir a exposição na acção, difficuldade que nem nos seculos mais cultos, nem pelos poetas mais primos se tem deixado vencer senão raramente, introduziu, fez pegar, e conservar-se por muito tempo, o costume d'estas accessorias e postiças declarações. É assim que nos desenhos e pinturas de mãos noviças se recorria a palavras escritas a sairem das bocas das personagens, para supprirem a expressão que lhes não sabiam dar.

Não fallo de Eschyles nem de Aristhophanes: as tragedias do primeiro, cheiram ainda muito á barbarie das carradas bacchicas de Tespis; as comedias do segundo, pouco distam da satira grosseira de que esse genero se originou. Mas Aristhophanes e Eschyles, posto não fizessem dos *prólogos* composições sobre si, nem por isso se póde dizer que d'elles se não valeram.

Euripides tem *prologos* postiços. No seu *Hyppolito*, por exemplo, é Venus quem prepõe a acção.

Outro tanto faz Minerva no *Ajax furioso* de Sophocles.

Entre os romanos, Plauto empregou allocuções preliminares, illustrativas de suas comedias e com pequenas variações, umas vezes, fazendo-as recitar por uma figura chamada mesmo *prologo*, como na *Asinaria*, nos *Menechmos* e nos *Cativos;* outras, por personagem que tambem na peça representava, tal como Mercurio no *Amphitryão;* outras, por um ente ideal ou mytologico, v. gr. na *Aulularia* o Lar, na *Cistellaria* o Deus Auxilio depois de corrida a primeira scena, e no *Rudente* o Arcturo.

Terencio preludia a cada uma das suas seis comedias com um trecho especial (todos elles recitados pela figura *prologo*) em que esgrime contra os seus mordazes, annuncia o assumpto, e capta a benevolencia do auditorio. Nestes tres pontos se póde dizer que está o termo medio de toda a substancia dos *prologos*.

As tragedias de Seneca vão sem *prologo;* só no *Thyestes* ha uma especie d'isso: é o dialogo do espectro de *Tantalo* e *Megera*. Notemos que o côro e os entreactos das tragedias antigas participavam da mesma natureza do *prologo*, pois se enxertavam na acção para a esclarecer, intimar, ou espremer d'ella moralidade. Eram por força quebras mais ou menos graves na verisimilhança; mas a belleza lirica d'esses trechos sempre esmerados, e a musica de que se elles revestiam, os tornavam não só desculpaveis, senão bemvindos e applaudidos.

Actoris partes chorus officiumque virile
deffendat; neu quid medios intercinat actus
quod non proposito conducat et hæreat apte.

Na renascença das lettras commummente se viu o theatro ou por imitação dos classicos, ou porque a mesma causa, isto é, a mesma inexperiencia e falta d'arte, devesse produzir os mesmos effeitos, viu-se, digo, o theatro recorrer aos mesmos viciosos artificios de annunciadores, expositores e complementadores de suas fabulas; empachos de que o tempo e o crescer do bom gosto o deviam necessariamente descartar; e assim aconteceu: só a ópera, mixto de todos os generos scenicos, da declamação, do canto e musica, da mimica, da dança, e em que os olhos e os ouvidos têem muito mais largo quinhão que o senso poetico, só ella conserva hoje, formosa desdenhadora de verisimilhanças, os córos quasi sempre repugnados da razão, e os nuncios e relatores que supprem como pódem o que na representação lhe mingúa.

Se recorremos aos patriarchas do nosso theatro, achâmos com effeito isso, e tudo o mais com que se caracterisa o primeiro balbuciar da arte scenica.

Gil Vicente, por antiguidade, e por tudo, é o primeiro que nos chama a attenção. Nada mais irregular, desordenado e monstruoso, mas nada mais rico, flórido, gracioso e attractivo, que os seus autos, comedias, tragicomedias, e farças. Inferior a Terencio, e mesmo a Plauto, quanto ao que

é propriamente dramatico, e talvez não menos desconchavado a esse respeito que Aristophanes, o nosso bom Gil Vicente é porventura de todo o nosso Parnazo o espirito mais bafejado de graça poetica original; com os seus modos semi-castelhanos, o mais portuguez, e o que para os engenhos verdadeiramente poeticos ha-de ser sempre uma gruta immensa e sem fundo de inspirações deliciosas; é um La Fontaine silvestre; não procura a poesia, procura-o ella; caem-lhe os versos felizes, como ao commum da gente as palavras necessarias; onde toca, nascem rosas; para onde lança os olhos a descuido, vê-se rir uma fada, ouve-se em ecos um cantar de sereia; as suas saudades são muitas, mas alvas e alegres; nas mais infimas trivialidades, tem sempre um toque de affecto que as nobilita como quer que seja; sobretudo é, se me não illudo, o unico dos nossos rimadores que tem uma individualidade perfeitamente caracterisada. Ferreira, Sá Miranda, Bernardes, todos, até o proprio Camões, tinham-se acostumado a não desamparar nunca os vestigios dos latinos, dos italianos e dos castelhanos: eram portuguezissimos no amor da patria e na linguagem; em tudo o mais recearam sel-o. Gil Vicente, dou que menos erudito, por sua e nossa fortuna, e sem nenhumas ambições litterarias, regalava-se de rescender ao seu Portugal, de rimar os nomes das suas aldeias e dos seus camponezes, de folgar com as suas festas populares, de bailar e cantar as suas chacotas, de se entreter com as suas benzedeiras, com os

seus clerigos folgazões, com os seus escudeiros joviaes, de empulhar as damas e moços do paço por seus nomes, sobrenomes e appellidos, de archivar quanto via, de modas, de ridicularias, de crenças, de festejos, e ao mesmo tempo, quanto ouvia, ou lhe lembrava, quer fabuloso, quer certo, quer absurdo, das antigualhas da sua terra.

Esta digressão, não m'a levem a mal. Fallei nos meus amores, esqueci-me. O que podia era cortal-a agora; mas o tempo vai tão escaço de verdades sinceras, que não devemos excluir uma, só porque nasceu fóra do seu logar: volto ao assumpto. O nosso Gil Vicente pois, suppre as lacunas das suas peças com prologos narrativos e em verso, antepostos á primeira scena, e com advertencias, em prosa nas quebras da acção, o que dá a lembrar aquelle donoso contar e cantar das chacaras pelas nossas velhas do borralho, que onde fazia mister intromettiam na cantilena seus entrefolhos rezados, que ainda redobravam a attenção do auditorio; o que eu não sei, é se, quando o nosso Gil Vicente se representava, aquelles intermedios de prosa que no livro apparecem, eram ou não recitados ao auditorio; deveriam sel-o; que não é menos gente quem ouve do que quem lê. No estirado, mas variadissimo e nunca fastidioso *Auto de Rubena,* de tudo isto temos exemplo. Ha nelle seis ou oito explicações em prosa semeadas muito sem ceremonia, onde a poesia deixava rareiras para a intelligencia, e nada menos de tres relações em verso d'arte maior e em castelhano, feitas pelo licenciado; a primeira em

todo o principio; a segunda entre a primeira e a segunda scena, ou, fallando mais á moderna, entre o primeiro e o segundo acto; e no meio da segunda scena, ou acto, a terceira.

Na *Mofina Mendes*, vem fazer *prologo* um frade, começando por prégação jocosa, e acabando no argumento da obra.

No chamado *Auto Pastoril Portuguez*, faz o *prologo* o pastor Vasco Affonso.

No *Auto da Historia de Deus*, o Anjo.

Na *Comedia sobre a divisa de Coimbra*, um peregrino.

No *Auto da Feira*, Mercurio.[1]

Nas *Côrtes de Jupiter*, a Providencia.

Na *Romagem de Aggravados*, fr. Paço, que depois entra na acção.

Na *Nau d'Amores*, a cidade de Lisboa, que tambem na acção entra.

No *Templo d'Apollo*, o proprio autor.

E o mesmo no *Triunfo do Inverno*, que de mais a mais leva *prologos* particulares em cada sua divisão.

Concluamos com o Gil Vicente, advertindo, em abono da verdade, haver nelle peças, taes como o *D. Duardos* e o *Amadis de Gaula*, que abrem logo pela acção sem mais preparo.

Jorge Ferreira de Vasconcellos vem pedindo o

[1] É curiosa a coincidencia de pensamento de Regnard na sua comedia dos *Desejos* com o nosso poeta neste *Auto*. Quem os comparar jurará que o francez leu e quiz imitar o portuguez; e que o portuguez com toda a sua velhice, e escabrosidade, lhe ficou sempre para cima; e tenham paciencia os franchinotes!

primeiro logar á esquerda de Gil Vicente, em razão da tão vívida, esculpida e tauxiada novidade do seu estilo. Os tres volumes das suas tres comedias, são outros tantos cofres de joias finas, d'onde olhos portuguezes se não pódem sem custo desviar. ¡Que pena, que pena, não se lerem esses bons livros, (os de Gil Vicente e os de Jorge Ferreira) muito mais do que se lêem! Quem chega a vencer a estranheza e medos, que á primeira vista, e por fóra, infunde o brutesco e arripiado das suas fórmas, o selvatico e intricado de seus caminhos, a multidão de confusas ruinas que de passo a passo nos descobrem, e o descórado musgo de velhice, que até nas mais viçosas partes lhes veiu a poisar; quem por ali se embrenha varonilmente, e persevera, e sabe conversar na solidão com o espirito do passado, e possue a grande arte de descobrir as minas, de as lavrar, e sobre tudo de lavar e apurar das fezes o oiro fino, por mil volumes de novellinhas francezas, traduzinhadas cá para semi-francez, não trocaria, não, uma só *Aulegraphia*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, abre a comedia do *Ulysippo* com um longo *prologo* em prosa, de que é *autor* e *representador* Mercurio, e no qual, depois de muito palrar criticas, e mui prolixas erudições, encaminha os ouvintes para a intelligencia da fabula.

Outro tanto faz na sua comedia da *Eufrosina* o João de Espera em Deus.

O theatro do Doutor Antonio Ferreira, muito mais regular, sobrio e correcto, ainda que me-

nos para estudos portuguezes, segue as pisadas dos latinos.

A sua *Castro*, que nos dá gloriosa primazia de prioridade entre os tragicos da Europa moderna, e em que se notam trechos liricos de bons quilates, a despeito de sua dura versificação, é vasada nas fôrmas de Seneca. Os córos, o cortado e sentencioso das fallas, pompa, ás vezes sobeja, ás vezes sequidão impropria, tudo nos descobre um talento verdadeiro, mas que tinha medo de si, e se daria por perdido se deixasse jamais de se parecer com os seus modelos. Ambas as suas comedias são Terencianas quanto á maneira, o que em parte não deixa de ser louvor.

Verdade é que a do *Cioso* não tem *prologo;* mas tem-no, e todo á moda de Terencio, a do seu *Bristo*; começa precavendo censuras, e predispondo vontades, e remata explicando succintamente o que se está para ver. Venha por amostra o fecho, que não é longo:

«Primeiramente—diz o *prologo*—virá aqui ter «um mancebo chamado Lionardo, que, seguindo «secretamente uns amores perdidos, que o trazem «perdido, vindo saber como o seu pay o quer ca«sar, vem mettido em agonia. Outro seu amigo o «aconselha que vença com razão seu appetite. Mas «como já tenha nelle criado raizes, não appro«veita nem razão, nem conselho. E porque d'elles «e dos outros comprehendereis mais o argumen«to, favorecei com silencio, pera que melhor jul«gueis.»

Das duas comedias de Sá de Miranda o mesmo ha para dizer que das duas precedentes quanto ao merito e modo. Ambas ellas têem *prologo:* a dos *Vilhalpandos,* declamado pela Fama; a dos *Estrangeiros,* pela propria Deusa Comedia; num e noutro se arrezoa, se prepõe, e se pede attenção.

Das duas de Camões, a dos *Amphitryões* não tem *prologo,* mas tem-no a do *Rei Seleuco,* e é feito pelo dono da casa onde vai haver a representação. Este, sai já do trilho velho, pois a poucos passos degenera de monologo em dialogo; de que resulta um acto, ou farça prévia, não sem algum sabor.

Deixando de parte a turbamulta de outros poetas, portuguezes ou estrangeiros, que fizeram *prologos,* mais ou menos achegados ao typo latino, e quasi todos em monologo, limitamo-nos aos *prologos* repartidos em scenas, como este de Camões.

O Amphitryão, de Molière, ainda não é senão de duas personagens: a Noite, e Mercurio, que depois vai figurar na peça; mas outros tem elle de mais actores, em scenas, e com sua tal qual acção: veja-se *A Princeza de Elide, O Doente Scismatico, A Alma de Molière.* Regnard gostou do estilo e o adoptou para as suas comedias: *Doidices Namoradas, Menechmos,* e *O Entrudo de Veneza.*

Beaumarchais abriu a sua ópera de *Tarare* por um *prologo* em tres scenas de caracter serio, de entes de razão e fantasmas; especie de romantismo precoce.

A moda de taes *prologos* nas óperas vinha já de Quinault, que pelo aprazivel do seu talento lirico a tinha feito pegar.

Se os *prologos* são, como dissemos, do berço da arte; se, á proporção que esta foi crescendo, se foram elles sumindo; se, depois de adulta, só aqui ou acolá, e rara, e fortuitamente, os vemos assomar, não se póde comtudo dizer que talentos da primeira plana, mesmo em nossos dias, os tenham inteiramente desdenhado.

Bem conhecidos são os dois *prologos* ao drama do *Doutor Fausto*, de Goethe; o primeiro, representado no tablado, entre o emprezario, o poeta e um bobo; o segundo, no ceo entre Deus, os anjos e o diabo Mephistopheles. D'este segundo deveu proceder o *prologo* de Dumas ao *João de Marana*, declamado pelas duas figuras de pau: o anjo e o demonio; assim como o mesmo *João de Marana*, e o *Roberto do Diabo*, e o *Manfredo*, de Lord Byron, são visivelmente familia herdeira do mesmo *Doutor Fausto*.

Ha ainda *prologos* scenicos d'outro genero, mas que omitto por não fazerem ao meu proposito; e são aquelles, de que já talvez se tem abusado em nosso tempo, que formam um acto á parte, representando historia anterior á acção, mas relativa a ella; assim como em actos chamados *epilogos* incluem acções a ellas posteriores: o que tudo para a unidade, sem a qual não ha interesse, são defeitos, por mais que digam. Taes peças têem uma terrivel fraternidade com os *Avant Pendant et Après, Trent ans ou la vie d'un joueur*,

e o *Auto de Rubena*, [1] que a respeito de economia dramatica ninguem chamará modelos. D'esses taes *prologos* são exemplos, para não citar nomes obscuros, o *Ricardo d'Arlington*, o *Calligula*, e a *Christina*, de Alexandre Dumas.

Reconcentrando-me no assumpto, que chamou por esta nota, de dois diversos modos são os *prologos* theatraes que se encontram no volume: o primeiro, em prosa, que principia na pag. 7, é da familia dos *prologos* Terencianos; os dois em verso, a pag. 97, e a pag. 104, vasados, muito de industria, nas fôrmas de Gil Vicente: o mesmo metro e rima; o mesmo geito de expôr, dirigindo-se cara a cara ao soberano, etc. É Gil Vicente em miniatura. A intenção com que fiz esse tentâmesinho, é mais que manifesta: não foi propôr exemplo, que se houvesse de seguir; mas simplesmente desejo de dar mais um traço caracteristico no fac-simile d'aquella edade. Quanto porém ao *prologo* do homem de capa e espada antes de levantado o pano, estou com minhas tentações de pedir aos nossos dramaturgos que não desprezem totalmente o alvitre, que alguma vez lhes poderá ser de grande prol.

Se os inchados e vãos, ibridos e estereis *prologos* e elogios dramaticos do grande Bocage, e de sua ingoiada escola, morreram para sempre, parece-me (e Deus nos livrasse de os vermos resussitar!) o prologarem os autores o seu pou-

[1] A *Rubena* de Gil Vicente, na 1.ª scena está para nascer; no fim da peça casa-se. Dizem que o theatro na China tambem faz d'estas, e peiores, nas suas representações de 15 dias a fio.

cochinho sobre certos dramas, de que litteraria ou historicamente alguma coisa util se póde dizer, não vejo porque se estranharia! v. gr. *A Côrte de D. Manoel*, o *Fr. Luiz de Sousa*, e ainda *A Sobrinha do Marquez*, de Garrett; o *Viriato*, o *Miguel Angelo*, e até *Os dois Renegados*, do Mendes Leal, não o mereceriam? não fôra isso uma duplice conveniencia, para os poetas, e para os ouvintes? não se atalharia muita censura escusada, d'estas que nascem, e não pódem deixar de nascer á sombra da ignorancia? não se collocariam os espiritos do vulgo em muito mais favoravel luz, como dizem os pintores, para perceberem e avaliarem mais acertadamente o painel? tenho que sim. No suscitar esta idéa, um só medo me rala; e é, de que engenhos mediocres, não pagos com fazerem más peças, redobrem ainda o martirio das platéas com impertinencias preambulares: seria chegar ao inferno depois de atravessar o Lethes com os olhos pasmados nas dormideiras das margens e a fazer cruzes na boca: *absit!... absit!...* A policia theatral poderia regular isso; sem o que, ás duas por tres não haveria ahi farça de *Esganarelo* sem pendão e campainha adiante: cada vez que o bom senso e o bom gosto houvessem de ser açoitados por uma musa rachitica, haviam de ouvir primeiro o pregão da sentença! Deus nos defenda de tal! para que são um inspector de theatros, e um conservatorio dramatico, senão é para o povo poder transitar a salvo, e com prazer, por todas as encruzilhadas d'este bairro da républica litteraria, chamado especta-

culos; que a dizer a verdade por ora é a sua *Moiraria e Judiaria?*

Assim como eu prologuei a este drama, porque me convinha, a outros poderá convir o fazerem outro tanto lá nos seus: em todo o caso sempre d'ahi poderão tirar mais vantagem, do que das defensas depois do acto consummado, como Regnard as tentou introduzir na sua farça após a comedia do *Herdeiro Universal*, intitulada: *Critica do Herdeiro Universal.*

Multa renascentur, quæ jam cecidere.....

Renascerão mil coisas já caídas.

Que monta para obstaculo, e menos ainda para desar o terem sido os *prologos* introduzidos cá pelo bom Gil Vicente, o Adão do nosso theatro?[1] Tambem hoje como garridice moderna e toda franceza ahi andam nas azas da fama os *Proverbios dramaticos*, e mas são, se ainda o não advertistes, tão velhos em nossa terra como o mesmo Gil. Duvidais? É ler a sua farça de *Inez Pereira*, e a advertencia, que logo no principio lhe vai posta, e que me apraz transcrever, até porque

[1] A primeira coisa que o autor fez, e que em Portugal se representou, foi um monologo sem titulo que vem nas suas *Obras de devassão*. Representou-se na segunda noite do nascimento do senhor D. João III em presença das pessoas reaes. É uma como visitação ao recemnascido. Pedindo-lhe a rainha, que a repetisse nas matinas do Natal applicando o assumpto ao Menino, pareceu melhor ao autor fazer o *Auto Pastoril Portuguez*, que foi a sua segunda producção.

serve de sobre-prova ao que já toquei na nota da *Originalidade*; a saber: que a critica, quando não tem que morder na obra, se vinga em a attribuir a quem não seja o seu autor.

A advertencia de *Inez Pereira* assim reza:

«A seguinte farça de folgar foi representada ao «muito alto e mui poderoso rei D. João o tercei-«ro do nome em Portugal, no seu convento de «Thomar, era do Senhor 1523. O seu argumento «é que, por quanto duvidavam certos homens «de bom saber, se o autor fazia de si mesmo estas «obras, ou se as furtava de outros autores, lhe de-«ram este thema sobre que fizesse: se um exemplo «commum que dizem. *Mais quero asno que me leve, «que cavallo que me derrube.* E sobre este motivo «se fez esta farça.»

Resultado liquido: Podeis fazer, muito nas boas horas, *Proverbios dramaticos, prologos*, tudo quanto os antigos fizeram, tudo quanto os modernos inventaram, e tudo que está por inventar, e tudo quanto quizerdes, uma vez que o façais *bem, e a tempo.*

Tous les genres sont bons hors le genre ennuyeux.

HONRAS POSTHUMAS

(Tomo 1 pag. 9, linha 7 e seguintes—*Camões e D. Sebastião, essas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos, esses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de mausoleo.)*

Todas estas coincidencias são realmente bem para notar, e os tornam, como se diz no texto, «ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo...»

O desapparecimento do rei deu origem a imposturas graves e de tragico desfecho, que por algum tempo occuparam as attenções da Europa; e criou a crença popular, ainda não de todo extincta, do seu encantamento numa ilha encoberta. D. Sebastião ficou sendo para os seus, o que é para os inglezes o fabuloso *Arthur* ou *Arthus*, instituidor da *Tavola redonda* no seculo sexto; numa sanguinosa batalha morto e perdido, segundo uns; perdido e não morto, nem então, nem ainda agora, segundo outros. Assim se

tocam os extremos! D'uma tamanha miseria, como é baquear-se um homem despedaçado de cima de um throno, e não achar sequer sepulcro onde cair, desabrocha-lhe a celebridade e a apotheóse. Assim havia já succedido a Romulo. A sepultura de Arthur, creu-se na palavra dos remances gallos antigos havel-a Henrique II descoberto no cemiterio de *Glastensbyry;* de D. Sebastião, está o nome num tumulo da egreja de Belem, mas com a clausula muito prudente da duvida:

CONDITUR HOC TUMULO, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS,
QUEM TULLIT IN LYBICIS MORS PROPERATA PLAGIS.
NEC DICAS FALLI REGEM QUI VIVERE CREDIT,
PRO LEGE EXTINCTO MORS QUASI VITA FUIT.

Ora, em quanto assim no templo magnifico, fundado por D. Manoel, o Feliz, na praia de Rastello, D. Sebastião, o Desejado, nada mais tem porventura no seu moimento que o seu nome, e os seus ossos voam pelos desertos, ludibrio dos ventos d'Africa, Camões, na modesta egreginha das decrepitas freiras de Sant'Anna, sem inscripção, e chorado como perdido na voz de todo o mundo, jaz, conserva-se, e existe realmente.

Quando Cicero, seculo e meio depois da morte do celebre Archimedes, logrou a fortuna de lhe descobrir o tumulo, não sentiu mais ufano jubilo que o pobre de mim, na hora em que, dois seculos e meio depois da morte de Camões,

pude dizer á minha consciencia—«Achei-o! a sua sepultura eil-a aqui!»—

O meu amigo o sr. Garrett, não menos encantado do que eu com o descobrimento, me pediu em 1844 para a terceira edição do seu *Camões*, uma noticia d'aquellas investigações; dei-lh'a com a melhor vontade; até pela honra que me resultava de ver o meu nome num cantinho d'esse monumento, que o sr. Garrett soube fabricar de diamante á gloria de Camões e á sua propria. Sem protestos de mentirosa modestia, pois a não tenho neste negocio, eis aqui textualmente o que se lê na penultima nota d'essa edição terceira:

«Onde jaz, portuguezes, o moimento
«que do immortal cantor as cinzas guarda?...

«Camões foi enterrado em sepultura humilde «e raza ao lado esquerdo da porta principal da «egreja do convento de Sant'Anna, que então «servia de parochia. Dezaseis annos depois, D. «Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão affeiçoado «lhe fôra noutro tempo, mas que parecia tel-o «desamparado nos ultimos dias de sua atribula- «da vida e de todo olvidado depois de morto, «D. Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e «cuidado procurou o logar quasi esquecido—em «dezaseis annos!—da sepultura do poeta; achou-o «com não pequenas difficuldades, por não haver «indicio, diz o sr. bispo de Vizeu, Lobo, que o «fizesse logo advertir; mandou trasladar as cin- «zas para uma jazida particular no meio da egre-

«ja, e assentou sobre ella uma pedra em que fez «gravar aquelle tão conhecido epitaphio de sim- «plicidade eloquentissima:

«Aqui jaz Luiz de Camões
«Principe
«Dos poetas do seu tempo;
«Viveu pobre e miseravelmente:
«E assi morreu.
«Anno M.D.LXXIX.

«Martim Gonçalves da Camara, o famoso es- «crivão da Puridade d'el-rei D. Sebastião, ou que «realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou «que lhe chegasse o arrependimento, tambem «agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe «mandou gravar na mesma lapida aquell'outro «epitaphio em distichos latinos, composição do «padre Matheus Cardozo, jesuita, toda hyperbo- «lica, engenhosa e de conceitos, que, ou me en- «gano muito, ou, per si mesmos, esses versos la- «tinos se denunciam hypocritas e fingidos, quan- «to a singela prosa portugueza da outra inscrip- «ção mostrava sinceridade d'alma, pena e sauda- «de bem sentida do coração.

«O chronista franciscano atesta ter visto e exis- «tirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azu- «lejos que ornavam a parede da egreja no sitio «onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e ali «foram postos em seu obsequio com emblemas e «trofeos militares.

«No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que

«era de abobada, caiu com todo o seu peso so-«bre o centro d'ella, e completamente arruinou «toda a linha média do pavimento: as paredes «ficaram em pé, e o resto do pavimento de am-«bos os lados da egreja tambem não foi arruina-«do, segundo ainda hoje testemunha a existen-«cia de muitas lapidas, inscripções tumularias, «brazões, etc., com suas datas anteriores ao fatal «dia primeiro de novembro de 1755.

«A egreja concertou-se. As freiras, que até ali «não tinham tido senão côro de cima, fizeram «côro de baixo tambem, tapando a porta princi-«pal da egreja que era fronteira ao altar mór, e «deixando uma lateral para o povo. Por onde, o «jazigo de Camões, em que esteve ou está a sua «cinza, veiu a ficar exactamente no sitio em que «a grade do côro debaixo agora parte a egreja «quasi a meio.

«Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou «perguntar se se pozera, ou não, sinal naquella «sepultura: todos se contentaram desmazelada-«mente com dizer—«Perdeu-se com o terremo-«to.»—E passou em julgado. Envergonhava-se a «gente quando os estrangeiros nos perguntavam «pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um «opprobrio, uma affronta nacional, mas não se «tratou nunca de ver se era possivel reparal-a.

«Só neste seculo um homem não suspeito «de enthusiasmo por Camões certamente, antes «bem pouco respeitador seu, o padre José Agos-«tinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer, a «varias pessoas inda vivas, que a sepultura não

«estava perdida, e que o terremoto só destruíra «a loisa, não o jazigo.

«Provavelmente não havia empenho no presu- «mido rival de Camões em que se verificasse a «sua crença, ou esta incuria geral portugueza se «ficou na preguiça de que nada parecia poder «já despertar-nos.

«Em 1825, quando imprimia em Pariz a primei- «ra edição do meu poema, eu ignorava absolu- «tamente estas circunstancias locaes, e não tinha «nem o menor vislumbre que fosse possivel virem «a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurga- «ção com que terminei o poema, a modo de *en-* «*voi* de proençal, ou, com mais exacção—acre sir- «vente que fustiga um crime publico—em todo «o caso era merecida; porque é certo que nação, rei «e governo, todos peccaram de culposa incuria em «não ter feito a minima diligencia para desco- «brir o monumento de sua maior gloria. Volumes «de providencias do marquez de Pombal, milhões «de despezas em desentulhos, concertos e edifi- «cações novas; mas nem uma ordem dada, nem «um cruzado gasto, para se descobrir o jazigo «de Luiz de Camões!

«Estava reservado a um poeta, a um pobre «poeta cego, e sem valimentos, o emprehender a «desaffronta da nação e o desagravo do seu gran- «de genio.

«Na sociedade que se formára em Lisboa em «1835 com o titulo de Sociedade dos Amigos das «Lettras, o sr. Castilho propoz que se não desse «toda a esperança por perdida, que elle tinha fé

«que ainda talvez se pudesse achar a sepultura «do nosso Camões; que ao menos se fizessem as «diligencias com zêlo e empenho.

«Nomeou-se uma commissão; o governo e o «sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devi- «das; foi cuidadosamente, e com todas as solem- «nidades, explorada a egreja; achou-se o que «acima referi do seu estado actual; e no proprio «sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os «restos mortaes do immortal cantor dos portu- «guezes, apparece com effeito uma lage compa- «rativamente nova, sem lettra nem divisa, cobrin- «do um vão argamaçado e ladrilhado com dois «ou tres degraus que a elle descem; vão não mes- «quinho para uma sepultura singular, mas in- «sufficiente para um carneiro ou jazigo de fami- «lia, como outros que ha na mesma egreja. Den- «tro d'este vão uma ossada com alguma terra «pouca.

«Para mim, para todos os que, á mingoa de «authenticas formaes, pódem crer em reliquias «authenticadas com probabilidades tão visinhas «da certeza, para mim é moralmente certo, é pro- «vado, quanto humanamente se póde provar em «casos taes, que ali estão as cinzas de Camões. «O logar é o da historia; de todos os sinaes que «ella nos dá para reconhecermos aquelle sepul- «cro venerado, só nos falta a loisa que o terre- «moto esmigalhou. Apparece uma nova, como é «nova toda a linha média do pavimento da egre- «ja. Não apparece, apesar das mais escrupulosas «diligencias, memoria de jazigo, carneiro, ou se-

«pultura particular de nenhuma pessoa ou fami-«lia que depois do terremoto ali viesse enterrar-«se. Estamos como no tempo em que D. Gonçalo «Coutinho procurava a já esquecida primeira se-«pultura do poeta; acham-se difficuldades que «fazem hesitar, mas que são muito venciveis: «nenhuma razão se offerece contra a probabili-«dade, e todas a reforçam.

«Pelas sabidas occorrencias de setembro de 1836, «tempo em que a commissão trabalhava, e quan-«do, depois de alguns dias, chegava a este resul-«tado, foram suspensos os seus trabalhos. Um re-«latorio circunstanciado e documentado de todo «o processo da exploração vai apparecer breve-«mente ao publico.

«O meu amigo o sr. Antonio Feliciano de Cas-«tilho, a cujo favor devo as preciosas informações «que aqui resumi, está actualmente dispondo «aquelle relatorio, de cuja publicação resultará «certamente o generalisar-se a convicção de tão «grande descoberta, e vir emfim a nação por-«tugueza a recuperar o seu Palladio litterario. «Dar-lhe-ha ella depois santuario mais digno, mais «duravel, e tal que o não possam vir a esquecer «seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos.»

A memoria a que o sr. Garrett se refere não chegou a sair: outros cuidados m'o impediram então; nem tão pouco sai agora aqui onde tão bem coubera, por se me haver quasi toda des-caminhado neste meu peregrinar de judeu er-rante. Nella dava eu conta á Sociedade dos Ami-

gos das Lettras em Lisboa, dia por dia, e hora por hora, de tudo que nós, a sua commissão, a saber: os srs. Assis Rodrigues, lente de escultura, engenheiro Feijó, e eu, auxiliados dos nossos consocios Morgado d'Assentiz, Gonçalo Vaz de Carvalho, e meu irmão Augusto Frederico de Castilho, haviamos feito na exploração da egreja de Sant'Anna desde 7 de setembro de 1836 até 12 do mesmo mez.

A inspecção minuciosa dos logares, assim do que nelles estava patente, como do que se excavou e descobriu, as tradições conservadas entre as religiosas, o exame atento e comparativo das varias noticias impressas em biographos e chronistas, e dos livros de obitos da freguezia, o raciocinio das probabilidades fundado em mil conveniencias, e não contradito nem invalidado por circunstancia, inducção, ou suspeita alguma, tudo nos deixou unanimemente convencidos (com uma convicção que todos aselariamos com palavra de honra e juramento) *primo:* de que uma campa grossa e liza que no meio do templo jaz de pedra liós com 12 palmos de comprimento e 6 avantajados de largura, cobrindo um vão de 9 palmos e 6 polegadas de comprido, 4 palmos e 7 polegadas de largo, e 8 palmos e 5 polegadas de fundo, fôra ali posta para supprir a primitiva campa, esculpida com epitaphio, estragada sem duvida pelo terremoto, pois que de existir ainda a primeira, passados 130 annos temos nós certeza e prova na chronica franciscana e da impressão d'essa chronica até o terremoto de 1755 só 46

annos mediaram, tempo de que existe registo de enterramentos em Sant'Anna, pois o ha sem interrupção desde o anno de 1588.

Secundo: de que naquelle jazigo se não depositou outro algum corpo, depois que para lá se trasladaram da entrada da egreja os ossos de Camões.

Tertio: de que, por consequencia, os ossos, que achámos dispersos no pavimento ladrilhado d'este subterraneo, e que todos nós tomámos nas mãos com summo respeito, eram os do poeta.

Verdade é que esses ossos, bem examinados, não davam um esqueleto completo, e aliás se encontrou entre elles algum de mais, como bem verificou o sr. Assis Rodrigues. Todas estas differenças para mais e para menos, pódem, e devem, ter sido resultado em parte, da trasladação da primeira jazida para esta segunda, pois na primitiva sepultura se podiam ter já misturado com alguns outros; em parte, de se haverem resolvido aqui em terra com a lima surda do tempo, pois alguma pouca terra se encontrou entre elles; e em parte, porventura, de que se atirariam para ali na confusão das obras da reedificação alguns outros que andassem a granel.

Em summa, entre aquelles despojos estão indubitavelmente reliquias de Camões.

Não faltaram portuguezes honradissimos, que nos aconselharam a dissimularmos esta verdade, receosos de que, sabendo-se que não era aquelle o esqueleto do poeta inteiro e estreme, se resfriassem as boas vontades de o honrar. Fóra essa uma

fraude piedosa e santa, se jámais as houve; mas a verdade candida, ainda que triste, nos pareceu preferivel; e quanto a resfriamentos de vontades, mui fracas haviam de ser, e muito pouco para d'ellas se fazer conta, as que por tão futil consideração se demovessem.

Até aqui vinha a primeira edição.

Agora, doze annos depois, temos para juntar á historia novas noticias sobre o sepulcro e ossos de Camões na estudadissima vida do poeta, elegantemente escrita pelo sr. visconde de Juromenha, e preposta á sua novissima edição das obras de Camões. Ahi se lê em relação á materia sugeita o seguinte:

«Levaram o seu cadaver [1] á egreja das freiras franciscanas da invocação de Sant'Anna, que «então servia de freguezia, e estava proximo da «sua casa, e ahi foi dado á sepultura *pobre e plebeiamente*, diz Pedro de Mariz, logo ao entrar da «porta principal ao lado esquerdo. Não nos devemos admirar da frieza com que o trataram então «os seus compatriotas, se nos lembrarmos que «morreu em uma epoca em que todas as lagrimas eram poucas para chorar as desgraças da «patria; não obstante, apenas o tempo deu o alivio possivel, ou, para melhor dizer, a resigna-

[1] Tomo 1 pag. 150.

«ção necessária para o sofrimento da calamidade «publica, dezaseis annos depois o trasladou para «outra mais honrada sepultura D. Gonçalo Cou- «tinho, cavalheiro illustre da casa de Marialva e «grande amigo do poeta, e sobre a sua campa «lhe mandou gravar este singelo, mas expressivo «epitaphio:

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO.
MORREO NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM.

«É para advertir que Pedro de Mariz, e Faria e «Sousa, e seguindo-os outros muitos, accrescen- «taram á inscripção as palavras = *viveu pobre e «miseravelmente* = que ali se não encontravam, «pois a inscripção, tal qual a apresentâmos, foi «trasladada da propria sepultura do poeta pelo «chronista da Ordem, que por esta occasião re- «bate o editor das obras do poeta publicadas no «anno de 1772, que novamente repete este mes- «mo erro; admira-me como Faria e Sousa, que «escreveu com tanta investigação sobre o poeta, «se não deu ao trabalho de visitar a sepultura, «naquelle tempo ainda não vedada ao publico, «para nos dar mais minuciosas informações rela- «tivas ao local onde repousam as cinzas do poeta. «Mais abaixo da primeira inscripção, com licen-

«ça de D. Gonçalo Coutinho, lhe mandou pôr ou-«tra mais diffusa e hyperbolica, escrita em ver-«sos latinos, Martim Gonçalves da Camara, escri-«vão da Puridade d'el-rei D. Sebastião e seu va-«lido, aquelle mesmo que dizem que em vida do «poeta lhe fôra adverso; foi esta composta pelo «padre Matheus Cardozo, da companhia de Jesus, «e dizia assim:

Naso Elegis, Flaccus lyricis, Epigramate Marcus,
Hic jacet Heroso Carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia famam:
Unam nobilitant Mars et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii haud gazas, ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poëtam:
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

«O chronista franciscano já citado faz menção «de outra memoria que ali mandou collocar o «contemporaneo do poeta, Miguel Leitão de An-«drade, o autor das *Miscellaneas*, a qual ainda «se conservava quando o chronista escrevia, po-«rém não a descreve. Em um manuscrito do an-«no de 1638 encontrámos a sua descripção, isto é, «no livro de Diogo de Mouro de Sousa. Consistia

«em uma tarja de azulejo com uma cruz no meio, «collocada na parede junto á sepultura, e no pé «da dita cruz esta inscripção:

O grão Camões aqui jaz
Em pouca terra enterrado,
Nas terras tão nomeado,
De espada tão efficaz
Quanto na penna afamado.

«E nas ilhargas do proprio pé da cruz, estes «dois epitaphios por esta fórma:

EPITAPHIUM MIGUEL LEITÃO D'ANDRADE GRATITUDINIS ERGO POSUIT.

EPITAPHIUM ORDINARII SUB CENSURA PERMISSU ET D. PATRONORUM.

«e de cada lado da cruz ficava uma figura, uma «d'ellas com um ramo verde em uma mão, e a «outra sustentava um livro com um tinteiro e «penna. Os dois epitaphios que estavam sobre a «sua sepultura se achavam em partes gastos, no «seculo passado, como testifica um escritor d'aquel- «la epoca que descreve este mosteiro.

«Muitos outros epitaphios, tanto na lingua la- «tina como em outras linguas, foram escritos em «louvor do poeta por differentes enthusiastas, sem «o pensamento comtudo de serem postos na se- «pultura.

«A acquisição da perpetuidade da sepultura ob- «tida por compra aos padroeiros da egreja, que «eram os sapateiros da Padaria, feita por D. Gon-

«çalo Coutinho, os testemunhos de veneração ali «collocados por elle e pelos outros dois fidalgos, «e que naquelle local se conservavam ainda pelo «terramoto de 1755, a mesma clausura em que «ficavam os despojos mortaes do poeta confiados «ás virgens do Senhor, sempre cuidadosas na boa «administração interna dos templos confiados á «sua guarda, davam logar a esperar que estes pe- «quenos padrões do reconhecimento nacional se «conservassem intactos; porém desgraçadamente «não aconteceu assim, e antes estivessem expos- «tos ao publico, pois teriam sem duvida mais fa- «cilmente despertado a idéa de lhe levantar con- «digna sepultura, conservando-se incolumes tão «preciosos restos mortaes. As religiosas porém, «mais occupadas das coisas celestes do que das «terrenas, apagaram todos os vestigios apparen- «tes por obras a que procederam no côro infe- «rior onde estes se achavam. Para sobradar o «côro, as lages foram arrancadas, porém feliz- «mente não mexeram nas covas, como depois se «reconheceu; e os azulejos que estavam na pa- «rede foram igualmente arrancados, e esta, co- «berta com retabulos de altares que acompa- «nham as paredes de um lado e outro do côro.

«Por zelosa proposta .....do sr. Antonio «Feliciano de Castilho, feita perante a sociedade «que se installou em Lisboa no anno de 1835 com «a denominação dos Amigos das Lettras, se resol- «veu a exploração da sepultura do poeta. No- «meou-se uma commissão, e, obtida a competente «licença por parte de S. Em.ª o sr. Patriarcha, e

«a do governo, a commissão começou as suas «explorações no dia 7 de setembro de 1836; po- «rém apenas encetados os seus trabalhos, o rufo «do tambor chamou os exploradores, uns a se- «rem actores, outros espectadores de uma d'estas «tristes lutas fratricidas, que vai em mais de «trinta annos ensanguentam o solo portuguez.

«Preparava-me eu pessoalmente a visitar este «local para denunciar ao publico o fruto das «minhas observações, á vista das indagações ex- «ternas a que havia procedido, e S. Em.ª o sr. «Cardeal Patriarcha D. Guilherme Henriques, mo- «vido pelo amor das lettras patrias, se dignava «prestar-se a conceder-me a precisa autorisação «para poder concorrer ao logar determinado, «quando o governo nomeou uma nova commis- «são para este fim, de que tive a honra de fazer «parte, começando a commissão desde logo os «seus trabalhos, e encarregando especialmente «d'aquelles que diziam respeito á arte o seu in- «telligente collega o sr. João Maria Feijó, capitão «de engenheiros, e lente de architetura civil, e «curso de construcção na escola do Exercito. Os «archivos que foi conveniente examinar, o foram «cuidadosamente, prestando-os aquelles a quem «estavam confiados com a maior franqueza ao «exame da commissão. Foram percorridos os do- «cumentos do archivo do proprio mosteiro, onde «se suppoz que se poderiam encontrar alguns es- «clarecimentos que conviessem, auxiliando não só «neste trabalho, mas em tudo o mais que esta- «va ao seu alcance, o fallecido confessor das se-

«nhoras religiosas o padre F. Redondo, sacerdo-«te zeloso das lettras patrias. Ao sr. prior da fre-«guezia de Nossa Senhora da Pena, o padre An-«tonio Francisco Franco, deveu muito a commis-«são pela franqueza com que poz á sua disposi-«ção o cartorio d'aquella freguezia; e se o seu «obituario, que seria interessantissimo se abran-«gesse mais nove annos, não deu esclarecimen-«tos importantes, o antigo livro de visita da fre-«guezia muito serviu para se poder reconstruir «mentalmente a antiga egreja, sem o que talvez «se não viessem a resolver duvidas que com es-«te auxilio foram desfeitas.

«Nem é menos louvavel a facilidade com que «os artistas da classe de sapateiros da confraria «de S. Chrispim facilitaram os fragmentos do seu «archivo, que aliás deveria ser muito interessan-«te se se conservasse, porquanto sabemos pelo «livro antigo da visita da freguezia da Pena, «que o prelado obrigava os confrades como pa-«droeiros da casa a terem em ordem o livro «dos covaes, onde deveria estar assentada a tran-«sacção feita com D. Gonçalo Coutinho sobre a «sepultura. É aqui talvez occasião de consig-«nar em abono do apreço que esta confraria «fazia do nosso poeta, o facto de ornarem os «seus confrades, alguns mesmo coevos d'elles, o «arco triunfal, com que por *ordem superior* fes-«tejavam e recebiam um rei intruso, com os «versos do nosso autor.

«Se a commissão não poude juntar e extremar «á parte a ossada do nosso poeta, ella poude com-

«tudo, pela certeza do local onde repousavam os «seus ossos, e de nelle se não haver mexido, re- «colher os seus ossos embora reunidos com os «de outros compatriotas, preferindo este modo «leal de proceder, a alguma fraude, embora no «melhor sentido. O poeta não se queixaria da «companhia, estava entre os seus queridos por- «tuguezes; mais uma advertencia, para os fieis «que visitarem a sua sepultura se lembrarem que, «conjuntamente, ahi estão irmãos que pedem os «suffragios da egreja pela sua alma; e se uma «sepultura vazia aguarda em Florença os ossos «do Dante, esta, por cheia de mais, não desper- «ta menos respeito pelos despojos preciosos que, «conjuntamente com o de outros cidadãos, ali «se encerram.

«Do resultado dos trabalhos da commissão, o «publico será sufficientemente informado pelo bem «elaborado e logico relatorio, redigido pelo eru- «dito secretario e collega da mesma commissão «o ex.^{mo} sr. José Tavares de Macedo.

«Fallando da sepultura do poeta, direi duas «palavras sobre uma opinião que voga desde o «seculo XVII, que a sua sepultura era uma cam- «pa que está ao meio da grade do côro, ficando «parte do lado de dentro da egreja; quem asse- «verou isto foi Faria e Sousa, que vemos que não «visitou esta sepultura, pois traz o epitaphio er- «rado: porém a sua opinião não póde sustentar-se «á vista do testemunho de Diogo de Mouro de Sou- «sa que escrevia pelo mesmo tempo de Faria e Sou- «sa, e o qual trasladou os epitaphios no proprio

«local, e os dá junto á porta principal á mão es-«querda, e mais especialmente o do chronista «franciscano fr. Fernando da Soledade, que es-«crevia cêrca do meado do seculo passado, e em «consequencia mui posterior á asserção de Faria «e Sousa, dizendo que no anno em que escrevia, «de 1739, naquelle mesmo local se encontravam «as inscripções.

«Muito menos póde ter logar a anecdota do in-«glez, narrada pelo padre José Agostinho de Ma-«cedo, e referida por José Maria da Costa e Sil-«va; porque quem se transferir áquella egreja «verá que não existe tal altar, nem ha por isso «a probabilidade de ser espreitado.

«Sentimos que estas explorações sobre a sepul-«tura do poeta não tivessem sido feitas anterior-«mente, quando dois ministros d'estado, um an-«tes da sua entrada no ministerio, preparava uma «nitida edição dos *Lusiadas* (1802), D. Rodrigo de «Sousa Coutinho; e outro, o conde da Barca, «Antonio de Araujo de Azevedo Coutinho (1805), «pegava na penna para escrever uma apologia «do poeta; porque não sómente se encontrariam «ainda os mesmos officiaes que tinham traba-«lhado nas obras da reedificação do mosteiro, «que só teve logar depois do anno de 1778, me-«diando assim pouco mais de vinte annos, exis-«tindo tambem ainda religiosas antigas, mas por-«que, pela sua posição como ministros, tudo que «se intentasse em honra do poeta, seria efficaz-«mente auxiliado pela vontade d'estes; ainda no «tempo em que o morgado de Matheus D. José

«Maria de Sousa Botelho fez a sua primorosa edi-«ção, e o sr. bispo de Vizeu, D. Francisco Ale-«xandre Lobo, escreveu a biographia de Camões, «era tempo idoneo para se vir a um resultado «seguro de qualquer trabalho que, sobre este fim «se intentasse.»

Ordenava a lealdade, e o pedia a importancia do assumpto, que eu proprio reproduzisse aqui, segundo acabo de o fazer, um discurso em que se refuta a minha anterior opinião quanto ao logar do sepulcro, e á identidade e authenticidade dos ossos.

Agora só fica para desejar que o illustre academico, o sr. Tavares de Macedo, traga, como peça muito substancial para o processo, a sua dissertação, com tanto louvor mencionada no trecho suppra; a fim de que, estudados de novo todos os documentos, provas, e inducções, se chegue a assentar para sempre opinião, e por ella se faça obra.

Voltemos á nota da primeira edição:

Entremos no faciendum. Como de então para cá, extincta a Sociedade dos Amigos das Lettras em Lisboa, que era a unica procuradora de orfãos em coisas de tal natureza, se não tornou a curar d'isto, e por consequencia se acha ainda pendente a proposição, que a mesma sociedade

tão resolutamente me acolhêra, á consideração do governo e do publico a offereço agora novamente neste summario.

De tres partes constava ella, a saber: fundação de um Campo Elysio; trasladação para lá dos ossos de Camões; erecção de uma estatua ao mesmo poeta. Compendiarei os tres capitulos:

Fundação de um Campo Elysio

No principal cemiterio de Lisboa, a Camara Municipal que escolha, e faça assinalar á roda com gradaria, verdura, ou como melhor lhe parecer, uma porção de terreno, reservada para os finados celebres por qualquer especie de merito, passados, contemporaneos, ou futuros. Uma das seducções de tal obra é não requerer despezas, ou só mui tenues.

Povoado para logo o chão de ciprestes, palmas, cedros e loireiros, immediatamente se comece a inquirir e perquerir onde ha hi por todos os recantos do reino e provincias ultramarinas, terras do Brazil, ou quaesquer outras partes, restos mortaes de portuguez, illustre por si mesmo, ainda não perdidos, mas que tenham estado em desmerecida obscuridade; e a estes, á custa do publico, a lhes faltarem piedosos descendentes que lhes esmolem um pouco de marmore em troca da honra que lhes herdaram, se conceda hospedagem e aposentadoria aqui onde de juro lhes pertence. Uma pequena pedra que só viessem achar com o seu nome entalhado pe-

la nação agradecida, lhes fôra maior lustre, e para mais invejas, que em qualquer outra paragem sarcóphagos de pórfido ás costas de leões, e carregados d'emblemas. Ainda mal que não occorreu este pensamento aos nossos maiores!! o desabar dos conventos e o transformar das cidades não teriam feito perecer tantas reliquias memorandas. O Tolentino, fallecido já neste seculo, quando razões de parentesco, além de todas as outras, me obrigaram a procural-o para lhe dar um tumulo, já o não pude desencantar; a elle como a Bocage o cemiterio de Nossa Senhora das Mercês o tinha confundido e perdido para sempre. Que amplissima colheita se não póde ainda hoje obter, apesar do mui vandalico desbarate d'estes nossos tempos! ámanhã, será menor; depois d'amanhã, menor ainda; passados mais alguns annos, nenhuma: porque os mosteiros e egrejas ás dezenas e aos centenares se vendem, com sepulcros e tudo, para salas, para theatros, para botequins, para cavalhariças! passéa-se em banquetas de ruas lageadas com epitaphios! despejaram-se mausoleos, para se venderem a inglezes! em sarcóphagos se viu lançar a lavadura para os animaes immundos, que o filho prodigo guardava; immundos, sim, porém menos immundos que os filhos prodigos de nossos paes, que assim os estamos deshonrando, e a nós com elles, e a nossos filhos comnosco! Acudir, acudir ao que ainda resta! um Campo Elysio, sequer como expiação!

Neste mesmo Campo, com os illustrados por seus feitos proprios, poderiam ainda caber os

principes e reis, que até hoje temos condemnado, quasi todos, a um estreito calaboiço em S. Vicente de Fóra. Que mal fizeram esses pobres cadaveres para os terem amontoados em caixões sobre caixões, como fardos inuteis e traçados nos desvãos do armazem do mercador? Porque mereceram que do mais alto e mais luzido estado os despenhassem para o pó e trevas do esquecimento, em vez de os reclinarem caridosamente (o que nem a infimo negrinho se denega) debaixo do ceo de Deus, á luz do sol e das estrellas, entre a verdura e o conversar das arvores, presentes aos olhos e ás memorias dos seus semelhantes? Para mim tenho (a filosofia me perdôe se pécco) tenho mui deveras para mim que os moimentos dos potentados, feituras da fortuna, e as urnas dos sabios e virtuosos, feituras de si mesmos, haviam de fraternisar naquella paz santa, e ajudarem-se uns aos outros na sua missão de mortos, que é ensinar.

Estreado o torrão com este concilio mixto de nobrezas de toda a especie, é conserval-o franco a todos quantos forem deixando após si saudades merecidas.

Conviria talvez criar um areopágo de caracteres sobremodo respeitados e insuspeitos, de quem ficasse dependente a qualificação dos meritos por onde a tal honra se chegasse. Os Elysios dos antigos tinham os seus tres juizes insubornaveis: a egreja, processa os justos, a quem ha-de venerar; os proprios monarchas finados, entre os egypcios eram sentenciados *paes* ou *tyranos* pelo

suffragio livre de todo o povo; em toda a Europa faz hoje a imparcial historia igual processo aos seus principes, e não só depois da morte, senão já em vida.

Onde ha hi alma generosa, ou sómente justa, que não sympathise com tal instituto? Malbaratámós, perdemos, aviltámos, prostituimos as distincções de titulos, fóros e medalhas, ultima e unica moeda que nos restava para remunerar bons e concitar emulações briosas; criemos est'-outra, e zelemol-a para que tambem nol-a não falsifiquem. Verdade é que os mortos são mortos: já não votam, nem subornam, nem elegem, nem combatem, nem enredam, nem peitam, nem ameaçam, nem insultam; não são politicos, são mortos; não sollicitam, não fallam, nem apparecem, nada têem, e nada pódem; entretanto, em quanto não soar a trombeta ultima, haver sempre medo da injustiça, que até para os cadaveres tem ás vezes dois pesos e duas medidas! por isso, ninguem para este Elysio sem bom passaporte, assinado por homens que algum dia tambem o mereçam por acclamação publica.

Que retiro, meus amigos! que delicioso retiro! Para quem não será encantamento ir ali encurtar horas e dias á sombra d'aquelles fresquissimos e calados arvoredos, já copados de flores entre sepulcros na nova primavera, já alastrando-lhes por cima suas fartas sombras no estio! ora sentado nos degraus de um mausoleo, reler algumas paginas eloquentes á cabeceira de quem as escreveu! ja peregrinar á tôa de sepulcro em se-

pulcro, folheando o livro do proprio coração! ali, debaixo d'aquella abobada não escura, nem lavrada pela mão pequena do homem, mas infinita e luminosa, ali, não afastada a natureza com muros e portões, mas convidada e recebida com todas suas galas de cores, aromas, virações, e astros, que effeito não tem de produzir na imaginação menos poetica o congresso de tanto conterraneo veneravel, que depois de terem, por diversas vias, arrancado á morte a melhor metade do seu despojo, vieram de seus differentes seculos ajuntar-se neste mesmo recanto, como soldados que após a peleja, onde muitos de seus companheiros morreram, ao toque do clarim se recolhem gloriosos no socego de suas trincheiras! Cada um d'estes pelejadores no campo do espirito, deitado entre seus talvez desconhecidos camaradas, parece ora estar contando suas proprias fadigas, victorias, e serviços, ora dar ouvidos a iguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam.

De cada um se reflecte para todos uma especie de luz mistica! e como que dando todos alguma coisa, nenhum deixa neste commercio de se melhorar em lustre e veneração! Depois, que perfeita harmonia entre a terra calada e os filhos da meditação! entre a natureza viçosamente florida e os homens da imaginação possante!

. . . . . *quam sedem Somnia vulgo*
vana tenere ferunt, foliisque sub omnibus hærent.

Todos sabem como a solidão e os campos fo-

ram sempre amores de filosofos e poetas: Platão e Orpheu não derramavam senão entre arvores as maravilhas de seus engenhos.

Onde vistes jámais cantor que para si desejasse piramides, ou jazigo de jaspes? um torrão desaffrontado lhes basta para o somno ultimo com um salgueiro, e não longe o murmurio d'aguas, folhas e abelhas. Virgilio, que tão docemente suspirou viver nos campos:

Flumina amem, sylvasque inglorius. O ubi campi, Sperchiusque, et virginibus bacchata Lacænis Taygete! o qui me gelidis in vallibus Hæmi sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!

Esse mesmo Virgilio, quão regaladamente não deve jazer na terra amorosa da sua Parthénope, á sombra do seu loireiro avergado de seculos! Cantando os Elysios já elle havia dito que a bemaventurança dos finados se compunha dos simulacros de seus passados gostos:

.... *cura eadem sequitur tellure repostos.*

Vaines ombres, qu'amuse une ombre de la vie.

É assim que jaz Rousseau em Ermenonville; Klopstock em Hamburgo debaixo do façanhoso chôpo (de que eu guardo uma folha); e agora Chateaubriand debaixo de Deus, na costa da sua Bretanha, borrifado do oceano, vasto, melancolico, e profundo como a sua alma!

Repetil-o-hei: depositarmos taes homens no seio ameno da natureza, é recompensal-os a seu grado, e verdadeiramente bemaventural-os com um Elysio terrestre, e fazer com que nem a morte os atalhe na sua benefica missão.

Gracioso e digno dos arabes foi o seu costume de abrirem uma covinha nas lapidas para naquellas regiões calmosas os passaros se refrescarem com o orvalho do ceo; a sua primeira voz, quando dessedentados adejarem de roda, será um gorgeio de amor e benção! assim nos acontecerá quando dos sepulcros fizermos sair alguma coisa doce, limpida, celeste e refrigerativa para o espirito!

Quem ousará negar a Luiz de Camões os fóros para primeiro entre os primeiros de tal companhia? Onde ha ahi portuguez que tanto servisse e amasse a sua patria, e tão conhecido se fizesse

pelo pregão do ninho seu paterno?

A este pois de juro pertence ser do Elysio portuguez o primeiro morador, hospede generoso de todos os outros portuguezes, em terra de honra, e d'esta o fundador verdadeiro.

Tambem a esta parte hei-de agora accrescentar alguma coisa, passados os doze annos.

Parece que uma vez aventado alvitre tão sympathico e exequivel, já não podia ser que deixasse, mais agora, mais logo, mais por um modo,

mais por outro, de se effectuar. Pois mais de cento e meio de mezes ainda para isso não chegaram! requeri-o eu, e por mais de uma vez, á Camara Municipal de Lisboa, mas sem exito, nem sombra d'elle!

Uma vereação houve de que cheguei a aguardar estes e outros melhoramentos; e foi aquella em que um homem sabio, litterato, de gosto, e emprehendedor, se viu ali, não sei como, a prêsidir. Este homem era o nosso amigo e confrade academico Julio Maximo de Oliveira Pimentel, hoje visconde de Villa Maior.

Escrevi-lhe, empenhando-o em favor d'esta e d'outras utopias; encontrei-o prestes e decidido a fazer, a sustentar, a proteger por todos os modos na vereação, as minhas propostas; mas (talvez por isso mesmo) desgostos que lhe surdiram de outra parte o fizeram largar tudo por mão, e despedir-se da representação da cidade, com grande pena e grave perda para toda ella.

O Campo Elysio está pois ainda á espera de homem para ser inaugurado.

Agora, quanto á lembrança, que tão natural me parecia, de se estrear o cemiterio privilegiado com o tumulo de Camões, magôa-me ver que já se não ha-de realizar. Honraram-se, não ha duvida, Suas Magestades, querendo-o hospedar no real carneiro de S. Vicente, como a soberano entre soberanos; mas eu, poeta, para o meu poeta antes quizera vel-o onde todos o pudessemos visitar a todas as horas, e cercado da poesia da natureza.

Isto sente-se, e não se discute.

Emfim vá lá o Camões, se assim o querem, para o seu carcere glorioso; mas funde-se para outros o Campo Elysio; e ahi está, á falta de Camões, Garrett para o inaugurar.

Honra á vereação nobre e intelligente que pagar (e quão sem custo) o que nesta parte ficaram devendo as anteriores; essa haverá saldado grandes contas com o passado, e lançado á terra sementes (igualmente gratuitas) de bons futuros scientificos, litterarios, e artisticos.

Retomâmos o fio da nota da primeira edição:

TRASLADAÇÃO DE CAMÕES

Tenha emfim o poeta da

> ..... *lira sonorosa*
> que foi *mais afamada que ditosa,*

um notavel acerto depois de sua morte, como em vida já tivera! salve-se pela segunda vez de perecer afogado! lá, entre as ondas dos mares do oriente, que andava cantando; cá, no muito mais profundo mar da ingratidão dos portuguezes, que eternisou.

Cabe que a pompa do dia do seu desenterramento e nova aposentadoria seja digna d'elle, e de nós, e dos ouvidos do mundo. A outrem deixo o encargo, com que me não atrevo, de con-

ceber no animo, e abranger com escritura, a somma e serie de tantas coisas, quaes nunca entre nós se devem ter visto juntas: contento-me com indicar as principaes.

Comecemos pelo que é em todas as coisas mundanas indispensavel principio: o oiro; porque, dado que um grande numero das partes para tal ceremonia requeridas serão espontanea e gratuitamente dadas, assaz restará comtudo em que se despenda. Enéas não chegou aos Elysios sem primeiro haver colhido, e levar nas mãos, o ramo do precioso metal.

Sendo notorio que o publico thesoiro não póde nem deve dissipar com os finados o que para os vivos mal chega, podendo aliás contribuir muito o governo com sua autoridade e influencia, á honra do publico pertence concorrer largamente com todo o necessario para tal fim. Para isto me parece dever-se sollicitar desde já uma subscripção unicamente de nacionaes, convidando para espertadores d'ella todos os cabeças e centros de repartições numerosas e influentes, taes como governadores civis, militares e ecclesiasticos, presidentes de tribunaes, de camaras legislativas, de municipios, de academias e sociedades, etc.

De crer é que raras pessoas se eximam d'este suffragio nacional, ou escaceiem o óbolo com que o morto haja de pagar sua passagem do Lethes para os campos do descanço da luz e do premio. E pois que desde o throno até o ultimo casal não ha quem não saiba o nome, e se não

lastime dos fados de Camões, por sem duvida tenho que, desde Sua Magestade, até o ultimo lavrador, não haverá quem não lance o seu ceitil aos novos amigos, por quem segunda vez se pede esmola para Camões; e não já para lhe grangearem, como o fiel Jáo, uma fatia de pão com que mantenha aquella vida tão votada á patria, panos grosseiros com que tape a desnudez do corpo quebrantado de guerras e desterros, leito onde adormeça e sepulte suas magoas, ou papel onde escreva as nossas glorias: é um tumulo que lhe queremos dar; é um asilo poetico depois da morte áquelle que nunca teve onde descançar a cabeça; é um torrão de benção e amor ao que amou e abençoou sempre aos seus ingratos conterraneos; é um poucochinho de gloria no canto de um cemiterio para quem nol-a deu por todo o mundo, e para todos os tempos.

Em um registo solemne serão lançados os nomes dos concorrentes com a declaração das quantias, e este registo será impresso com a historia da trasladação.

Determinado para ella o dia, convidar-se-hão Suas Magestades e Altezas, os embaixadores estrangeiros, Sua Eminencia, os membros do governo, do conselho de estado, das duas camaras, de todos os tribunaes, de todas as academias e sociedades, pedindo e recommendando ao mesmo tempo áquelles de quem dependem o clero e exercito, que em nome da gloria nacional, os convidem tambem para se acharem presentes onde e como convem a tal acto.

Proclamada com salva de artilheria em todas as fortalezas e navios do reino a alvorada do dia, enfileirada em armas toda a tropa de Lisboa desde Sant'Anna até o determinado cemiterio, serão com as devidas ceremonias da egreja, e ao som de segunda salva no Castello, tirados da terra, por mão do principal prelado d'esta côrte, os ossos e pó de Luiz de Camões, e encerrados em urna posta em feretro magnifico, no qual virão trazidos por pessoas todas muito principaes em representação ou lettras, com seguimento dos sacerdotes, grandes, e sociedades, todos de luto, ao som de todas as musicas militares até á egreja do extincto convento de S. Domingos: ahi por sua alma se celebrará a grandiosa missa funebre que o sr. Bomtempo compoz e dedicou á memoria do poeta, havendo no meio d'ella um discurso christão recitado por orador digno de tamanha honra.

Concluido o officio, tornará a pôr-se a procissão em caminho para o logar do seu ultimo destino, que, pelas razões que atraz apontámos, melhor convirá seja porção em cemiterio já de antemão talhada para Campo Elysio:

Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Em cova espaçosa, e anteriormente aberta, lançarão á porfia tanta cama de flores como a estação o permittir, todas as senhoras que desejarem dar um testemunho do mais puro e innocente amor ao amante mais fino de quantos jamais poetaram pelas ribeiras do Tejo.

Reclinados assim mollemente ao som da ultima despedida da artilheria os restos do amigo e afamador das Tagides, e lançada por cima a terra, exemplo grande seria a futuros escritores se a propria mão que sustenta o sceptro plantasse á cabeceira do obscuro soldado de seus avós o loireiro votivo da patria agradecida.

Grande fôra o assumpto para os poetas, que sem falta alguma hão-de nesse momento e sitio empenhar todo o seu engenho para dar um melodioso e extremo *vale* a seu antigo mestre.

Digno remate será para uma solemnidade, onde amplamente se estampou cunho de religião, de gratidão, de patriotismo, cerral-a com um acto de pura beneficencia; pelo que, proponho que, se tanto permittir o donativo, se acabe o dia com uma decente esmola e cêa a cincoenta e cinco soldados pobrissimos, em attenção aos cincoenta e cinco annos que viveu o desamparado guerreiro que vingâmos.

Para que os annos não venham para o diante a pôr outra vez questão vergonhosa ácerca do jazigo de Camões, depois de se ter gravado nova lapida no sepulcro d'onde saiu, erigir-se-lhe-ha sobre a ultima jazida um formoso e levantado mausoleo com o competente epitaphio, no qual porventura se poderiam ler duas linhas do mesmo poeta:

> Vem do naufragio triste e miserando
> dos procellosos baixos escapado.

Portuguez interesse é tudo isto, e tão natural, tão manifesto e incontrastavel, que já talvez seja o unico em nossa vida, em que toda a familia portugueza conflua unanime e de mãos dadas.

É este um dia que vamos arrancar aos odios e disputas interminaveis, para o darmos solido a um emprego pacifico, moral, religioso e poetico. Era assim que os heroes Homericos de ambos os arraiaes se pediam e davam trégoas para os funeraes de seus mortos.

Digressão sobre Filinto Elysio

(Ainda da nota da 1.ª edição)

Assim como o nosso Camões o foi por officio em Macau, quero eu ser aqui por affecto, provedor dos defuntos e ausentes. Não sei que sympathia em mim sinto para com todos os poetas desafortunados!

. . . . . *miseris succurrere disco.*

O que eu no mesmo genero requeri depois para Filinto, e o que sorti nesse empenho tambem grande, tem aqui muito natural cabida. Supplico o lêam com attenção; a ver se por derradeiro alcançaremos estas duas victorias. São succintamente excerptos da minha *Revista Universal Lisbonense:*

I

Em 14 de outubro de 1841

«Segredo parece da Providencia, que nenhuma «grande gloria mundana seja desacompanhada de «descontos tambem grandes. Raro varão illus- «trou jamais a terra do seu nascimento, que, se «bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo «que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez «a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os «exemplos dos illustres deshonradores passivos «de sua patria, avulta na historia litteraria por- «tugueza dos nossos dias, o nosso Filinto Elysio. «O que a poetica lhe deveu, e mais do que a «poetica a liberdade, e muito mais do que a li- «berdade, a rica e fidalga lingua portugueza, «todos nós o sabemos. E o como para com «elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, «sabem-no além de nós (ainda mal!) a Fran- «ça, a Europa e o Mundo! O seu engenho, que «elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, «em prantear infortunios se consumiu: em vez «dos gozos da liberdade, que nos elle evangeli- «sou, teve as amarguras do desterro, para evitar «os tormentos do carcere; e a lingua, que tanto «amou, por quem tanto fez e perfez, e que por «elle havia de renascer... que longos dias, e que «prolixos annos se lhe não devolveram, sem a «fallar, nem a ouvir! podendo já dizer por si «em meio de Pariz, o que o romano desterrado «suspirára entre os gélos da Scythia:

«Barbaro aqui sou eu, que não me entendem!

«Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de «penas, de saudades da patria, e de amigos; «roubado entre estranhos, depois de roubado en- «tre naturaes; avergado, e delido de annos e tra- «balhos; em um aposento, não modesto, senão «mesquinho; desamparado de todas as coisas «mais amigas de nossa natureza, mais necessarias «e agradaveis aos que estão de partida; sem ter «sequer dois livros para os testar em penhor de af- «fecto a tantos e tão queridos ausentes; sem espe- «rança ao menos de ser chorado em expirando, ou «no sepulcro visitado; aquella cançada alma por- «tugueza, sob um ceo esquivo e duro, a exha- «lou! Mãos estranhas, não trémulas, o levaram «á cova; olhos estranhos, e enxutos, o viram sub- «mergir-se, e desapparecer; vozes não portugue- «zas, lhe passam, e enxaméam por cima; dos «affectos, e saudades, que por lá de contínuo re- «fervem, e se renovam, nem um suspiro desce «a procural-o! Após desterro de larga vida, mais «que desterro na morte: indifferença e esqueci- «mento!!

«Pára aqui? Ainda aqui não pára: Na sepul- «tura, onde a má estrella de cada um costuma «ter o seu occaso, não o teve a de Filinto. Entre «tantos milhares de monumentos de virtudes, de «sciencia, de engenho, de amor patrio, de formo- «sura, de riqueza, de vaidade; entre monumen- «tos, emfim, de tudo, e de tudo, a exilada sepul- «tura de Filinto jaz ha tantos annos, (que já se

«contam 22!) não só sem uma pedra que a as-«sinale, senão a pique de total perdimento!

«Mais nada? Mais, e mais, e muito mais! Oc-«correu emfim a um portuguez como desejo, o «que já como pensamento havia a muitos occor-«rido: dar sequer neste mundo um tumulo a quem «nelle não tivera uma patria. Propõe o negocio a «um sabio tambem portuguez, tambem perseguí-«do, tambem expatriado, amigo e companheiro «outr'ora do poeta; declara-lhe a tenção, em que «está, de levantar á sua custa, elle só, aquelle «monumento. O prudente varão, em tão grave «materia consultado, louva como sabio, mas co-«mo portuguez reprova a determinação:—«As di-«vidas da patria—diz—ninguem senão a patria «as póde pagar. Filinto sem mausoleo é uma af-«fronta, mas não irreparavel; o mausoleo de Fi-«linto edificado por um só homem é uma affron-«ta irreparavel para toda uma nação. Fazei mais, «e melhor, do que abrir a vossa bolsa: ide por «entre o povo portuguez pedir uma esmola pa-«ra Filinto!!» — E aquella generosa bolsa ge-«nerosamente se fechou; aquella mão, que ia «alçar um padrão á sua propria fama, se esten-«deu a mendigar; e (Deus louvado que ainda «de patrio amor não estamos tão exhaustos co-«mo de oiro!) acudiu-se ao pregão da esmola, «perfez-se a somma, ha-de erigir-se um monu-«mento. Mas onde? (eis-aqui o aggravo, que do «meio do desagravo se reproduz e se perpetúa) «longe da patria, e na propria terra do desterro. «Mãos francezas arrancarão, e talharão a pedra;

«mãos francezas a assentarão; passeadores fran-«cezes passarão por ahi sem na olhar, ou sem «na entender: nenhum dos para quem elle só «viveu, e viveu todo, nenhum dos entre quem de-«sejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-«se com o livro das suas obras na mão, junto da «sua urna, a aprender constancia contra infor-«tunios, generosidade contra ingratidões, e incon-«trastavel aférro á boa terra do nascimento!

«Para nós, temos que é este um objecto mere-«cedor das attenções de um governo. O ministro «dos negocios estrangeiros não póde ser indiffe-«rente para o que toca em interesses de sabios; «os fóros de um dos mais soberanos mestres da «lingua portugueza a ninguem mais incumbe «zelal-os do que a elle; nós esperâmos, e com «toda a confiança o esperâmos, que a sua pen-«na, agora em quanto é tempo, se apresse de es-«crever um requerimento, digno d'ella; uma rei-«vindicação que o throno de um povo tão aman-«te e zelador da gloria, como é o francez, não «deixará de despachar graciosamente. Venha Fi-«linto dormir emfim o seu derradeiro somno aqui, «onde o conhecem, e o amam; sob o ceo aben-«çoado, e risonho do seu Portugal; entre a nu-«merosa e devota familia de seus admiradores. «O seu tumulo, que lá lhe seria apenas uma pe-«dra, aqui lhe será mais que mausoleo: ser-lhe-«ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha tem-«plo!!!

«P. S. Do que mais passar neste negocio, em

«que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, da-«remos conta; e esperamos em Deus, que não se-«rá para mais descredito dos portuguezes.»

II

Em 18 *de agosto de* 1842

«Quando, ha muitos mezes, nos constou have-«rem-se juntado esmolas para erigir um mo-«numento sepulcral ao poeta resuscitador da nos-«sa lingua, levantámos um brado de louvor aos «que tão portuguez pensamento conceberam; mas «deplorámos que em terra de França se houvesse «de assentar aquelle tumulo: ponderámos que o «desmerecido desterro, continuado por tantos an-«nos de vida, e já tambem por tantos annos de «morte, se ia tornar prepetuo e irrevogavel; que «o mais soberbo mausoleo lhe seria carcere em «Pariz, em quanto na sua Lisboa qualquer pe-«quena pedra com o seu nome, visitada, festeja-«da, e invocada por tantos devotos seus, lhe avul-«taria como templo. Esperámos que, advertida «por esta nossa lembrança, a liberdade se apres-«saria de revocar as cinzas de um de seus mais «zelosos martires e confessores. Era então minis-«tro dos negocios estrangeiros um homem capaz «de entender a nobreza, a justiça, a necessidade «do nosso requerimento, um cultor, incançavel, «e felicissimo, de toda a boa litteratura, e bonis-«sima falla portugueza, o ex.^{mo} sr. Rodrigo da «Fonseca Magalhães. Escreveu s. ex.^{a} para logo

«ao ex.mo sr. Silvestre Pinheiro Ferreira pedindo-«lhe o seu conselho sobre o modo de se effectuar «a trasladação do seu Filinto; respondeu o sa-«bio, com pressa, e alvoroçado como quem sabia «por experiencia o que era patria, o que sauda-«des d'ella doíam n'alma, e a immensa verdade do

. . . . . *hic moliter ossa quiescunt.*

«Era o seu arbitrio, que, pedida, e alcançada «do governo de França, a licença necessaria (no «que nenhuma duvida poderia occorrer) se man-«dassem d'aqui duas pessoas, para assistirem á «exhumação, e encerro dos ossos em um caixão «simples, e os acompanhárem para Portugal; que «finalmente as honras da hospedagem aos manes «do poeta só deviam começar depois do seu desem-«barque em nossa terra; sendo então com toda «a pompa dos préstitos scientificos e litterarios, «levado para o logar que mais accommodado pa-«recesse ao intento, e no qual se lhe ergueria mau-«soleo. Era o conselho digno de quem o dava, digno «de quem o recebia; e de conselho houvera elle já «passado a obra, se novos actos politicos não mu-«dassem na scena personagens e attenções. Entre «tanto, porque é esta uma paga de divida nacio-«nal, que sem grande custo se póde satisfazer, e se «não póde recusar sem vergonha, temos fé em «que o presente ministerio metterá mãos á obra, «e a levará a cabo sem dar tempo a que novos «embaraços, ou mudanças a venham impedir. «O governo, que plantar este cipreste, vel-o-ha

«transformar-se-lhe entre as mãos em loiro, com «que sua propria fronte se ennobreça.»

III

Em 25 de fevereiro de 1843

«Faz hoje vinte e quatro annos que a muito «nobre lingua portugueza perdeu um dos mais «apostados mantenedores dos seus fóros; e os bar- «baros que a têem assolado, o mais austero castiga- «dor de seus flagicios. Expatriado, pobre, e deserto «dos seus, lá acabou na capital da França, o nos- «so illustre poeta Filinto Elysio.

«Astuciosamente escapo ás mãos dos officiaes «da Inquisição de Lisboa, tomou o vôo para lon- «ge da terra do nascimento para aquelles pânta- «nos dos *batatifagos casmurros*, como elle chama- «va aos hollandezes, e de lá para Pariz, onde a «morte a final o veiu a colher.

«Um honrado fidalgo, o marquez de Marialva, «então embaixador de Portugal em França, «lhe valeu generosamente na ultima enfermida- «de (hydropisia); lhe ordenou o funeral, e lh'o «acompanhou com todos os portuguezes, que se «achavam naquella côrte, até ao cemiterio do pa- «dre *La-Chaise*, onde permanece. Então fallou em «lhe erigir uma lapide, mas passaram dias e es- «queceu, e quasi chegaria aquella sepultura a «ficar perdida, se annos depois o sr. marquez de «Palmella lhe não mandára pôr uma taboa para «sinal, até que os seus naturaes se resolvessem

«a trasladal-o á patria, ou perpetuar ali a sua «memoria.

«Por parte da honra nacional, já a *Revista* re- «quereu o que nos cumpre fazer. Este requeri- «mento está por despachar: não será porém es- «quecido, visto como o governo de S. M., por «outras providencias, que lhe têem merecido as «lettras e glorias patrias, nos abona a opportuna «satisfação de tamanha divida.

«Para renovar esta lembrança é que hoje me- «morâmos o seu óbito: o influxo que elle teve «na poesia, e linguagem portugueza pedem mais «pensada e estendida escritura do que neste dia «puderamos consagrar-lhe.

«*A. da Silva Tullio.*»

IV

Em 17 de agosto de 1843

«As reliquias mortaes de Filinto Elysio acabam «finalmente de chegar do seu exílio de vinte e «quatro annos ao seio da sua Lisboa. É uma jus- «tiça que ha largo tempo haviamos desejado e «requerido neste jornal.

«Não queremos retardar a boa nova aos nossos «leitores.

«Agradecimentos e elogios ao governo, que tão «boa obra chegou a realizar.

«Para outro numero fallaremos mais de espa- «ço sobre as circunstancias d'este acontecimen- «to, e sobre o modo como entendemos que se

«deve agora honrar a memoria d'este benemé-«rito da nossa lingua e litteratura.»

V

Em 7 de setembro de 1843

Carta

«*Sr. Redactor:* — Parece-me que não deve ser «indifferente para o publico portuguez coisa al-«guma d'aquellas que mais pódem honrar a me-«moria, e recordar o infortunio do nosso insigne «poeta Francisco Manoel do Nascimento, cujos «restos mortaes temos já a fortuna de possuir «entre nós: e é por isso só que me parece con-«veniente a publicação do epitaphio feito em 1820 «pelo seu especial amigo T. Verdier, quando o «marquez de Marialva se lembrava de erigir-lhe «uma lápide, e da ode que aquelle expatriado «dirigira aos seus patricios, implorando a sua be-«neficencia, por me parecer que é rara, pois se «não encontra nas suas obras colligidas. Se V. «fôr do mesmo voto, peço que estes dois teste-«munhos da gratidão de um amigo e do aban-«dono de um infeliz, vão ás columnas do seu «muito apreciavel jornal.

«Cintra 28 de agosto de 1843.

«*A. de Oliveira Amaral Machado.*

HIC JACET
FRANCISCUS EMMANUEL DO NASCIMENTO,
OLYSIPONENSIS PRESBYTER,
LITTERARUM AC POESEOS AD EXTREMUM USQUE DIEM
CULTOR INDEFESSUS
ET VERNACOLI SERMONIS DILIGENS ASSERTOR.
NATUS EST OLYSIPONE DIE XXIII DEC. MDCCXXXIV
OBIIT PARISIIS XXV FEB. MDCCCXIX
MARCHIO DE MARIALVA REGIS FIDELISSIMI
AD CHRISTIANISSIMUM REGEM LEGATUS
DEFUNCTI FUNUS DUXIT OBSEQUIOSE:
ET HUNC LAPIDEM IN HONOREM CIVIS SUI BENE MERENTIS
ERIGERE CURAVIT ANNO MDCCCXX.

ODE

AOS PORTUGUEZES DE ANIMO CONDOÍDO

«Crescei, magoas crueis, e crescei dores;
«quebrae o vagaroso e triste fio,
«que alonga a cruel Parca, em seus lavores.
FERREIRA, Eleg. 5.

«Tinha com que viver independente,
«grangeio de meu pae, com lida honrada;[1]
«tinha amigos, ganhados com virtudes,
«e dons do estudo, e musas.
«Roubou-me a Inquisição os bens, d'um lance;
«roubou-me a patria, e poz-me num destêrro:
«dos amigos, roubou-me alguns a morte;
«roubou-me outros o olvido.

[1] «Que serviu 60 annos a patria na Marinha Real.

«Com mãos de ferro a rigida pobreza
«me apertou as entranhas; poz em fuga
«os opulentos mimos da fortuna,
«que ás ricas portas batem.
«Vivi pobre, vivi desconhecido;
«trabalhei, entre angustias da miseria:
«mesquinho lucro vi do meu trabalho,
«que mal cobre a despeza.
«Louvaram-me, e subiram alto os gabos;
«mas gabos fumo são, que não sustenta:
«e a comida e o vestido não se pagam
«com pomposos louvores.
«Leitores, que o louvais, dae-lhe soccorro;
«amigos (se inda o sois) com amizade,
«um velho consolae, que em quanto teve,
«consolou quantos poude.
«Houve uma alma briosa, enternecida,[1]
«que a vida me escórou, por alguns annos;[2]
«mas hoje,[3] oh ceos! com quanta magoa chóro
«do digno amigo a perda!
«Vós, portuguezes, que inda tendes honra;
«que no peito sentis pulsar os toques
«da compaixão, (divino movimento
«das almas escolhidas)
«olhae o desamparo, acodí brandos
«a Filinto, que aponta aos quinze lustros
«d'uma vida enredada de amarguras;
«salvae-o da pobreza.

[1] «Antonio de Araujo.
[2] «Desde 1790 até agora.
[3] «Em 1808.

«Não se diga de vós, que ao bom Filinto,
«que tanto amou a patria, e os portuguezes,
«como a Camões deixastes, insensiveis,
«morrer ás mãos da fome.

«Foi impressa esta ode em um papel solto, e «existe um exemplar em poder do ill.mo sr. G. J. «Pilier; a presente cópia porém é tirada *exacta-* «*mente* de outra manuscrita, que possue o ill.mo «sr. M. B. L. F.»

VI

Em 6 de março de 1845

«Propuzeramos nós ha annos na brilhante e nu- «merosa Sociedade dos Amigos das Lettras em «Lisboa a fundação de um cemiterio privilegiado «para os filhos benemeritos da patria.

«Consta-nos que o sr. José Lourenço da Luz, «consocio nosso então, e hoje membro da Cama- «ra Municipal d'esta cidade, diligencéa com os «seus collegas que esta idéa tão nobre, tão exe- «quivel e tão fecunda, se realize emfim, depu- «tando-se para Campo Elysio uma porção do com- «mum cemiterio dos Prazeres: campo que será «inaugurado com o tumulo de Filinto Elysio, para «cujo fabríco se acha aberta uma subscripção: a «trasladação espera-se que será solemnisada com «a maior pompa.»

VII

Em 13 de março de 1845

Carta á redacção da Revista Universal

«Honrar a memoria dos grandes homens tem «sido em todos os tempos, e entre as nações an- «tigas e modernas, um rasgo de pundonor na- «cional. Roma collocou a estatua de Virgilio en- «tre as dos seus heroes, e imperadores; e as cin- «zas de Milton, e de Shakspeare repousam em «Westminster no meio dos tumulos dos seus mo- «narchas. Nossos maiores por desgraça não se- «guiram tão honroso exemplo: ignora-se hoje «onde existem os despojos mortaes de Duarte «Pacheco, e de Pedro Nunes; e ainda se duvida[1] «se a sepultura que se encontra no mosteiro de «Sant'Anna é verdadeiramente onde descançam «os ossos do cantor dos *Lusiadas*.

«No seculo passado nasceu em Lisboa um ho- «mem, a quem a natureza prendou com todos «os dotes que constituem o grande poeta lirico, «e com o mais vivo affecto a tudo o que era glo- «ria nacional. Este homem foi Francisco Manoel «do Nascimento, que, superior ás preoccupações «do seu seculo, desprezando o estilo vicioso, en- «tão em voga, estudando o gosto antigo nos es- «critores gregos e romanos, tomou sobre seus

[1] «Enganava-se o correspondente como os leitores já conhecem.

«hombros o difficil empenho de reformar a poe-«sia lusitana, e resuscitar a pureza, e louçania «da linguagem do seculo de oiro das nossas let-«tras. Obrigado a refugiar-se em França por uma «sequencia de desventuras, que não importa ago-«ra referir, de lá mesmo continuou a pugnar «pela gloria da patria, e da litteratura nacional, «com o exemplo, e com as obras; e teve ao me-«nos o gosto de ver que os melhores engenhos «contemporaneos, adoptaram os seus principios, «e se ufanaram do honroso titulo de discipulos de «Filinto Elysio.

«Tendo fallecido em Pariz no anno de 1818, [1] «foi este Nestor da litteratura portugueza sepul-«tado no cemiterio do padre *La-Chaise* em um «tumulo [2] que fizera erigir-lhe o marquez de Ma-«rialva, então embaixador naquella côrte, e que «sempre fôra o protector, e amigo do grande poe-«ta portuguez; mas tendo depois seus ossos sido tra-«zidos á patria pelo conselheiro Filippe Ferreira «de Araujo e Castro, e estando depositados na Ca-«thedral, a Camara Municipal de Lisboa julgou «do seu dever consagrar em um dos cemiterios «publicos d'esta capital um monumento em que «descancem as cinzas de um sabio, que tanto a «honrou com seu nascimento, e as suas fadigas «litterarias, seguindo nisto os exemplos das na-«ções mais polidas. Havendo pois feito constar ao go-«verno de Sua Magestade este patriotico projec-

[1] «Lapso de penna do correspondente: em 19 foi e não em 18.

[2] «Singular e inexplicavel equivocação do correspondente: o «tumulo de Filinto nunca passou de projecto.

«to, foi a mesma Augusta Senhora servida de pres-«tar-lhe a sua approvação, em portaria do minis-«terio do reino de cinco do corrente mez, fazen-«do expedir as suas reaes ordens ao Eminentis-«simo Cardeal Patriarcha, para que os despojos «mortaes do grande lirico lisbonense fossem pos-«tos á disposição da municipalidade.

«A camara pois, de accôrdo com uma commis-«são composta dos cidadãos—barão da Folgosa, «Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Silvestre Pi-«nheiro Ferreira, convida a todos os amadores da «boa poesia, e da nossa bella lingua, para ajuda-«rem com as suas subscripções, o desempenho «d'este projecto patriotico; e faz saber que quin-«ze dias depois da data do presente annuncio, o «thesoireiro do concelho começará a receber nos «paços da municipalidade as quotas com que ca-«da um dos srs. subscriptores se dignar de con-«correr, e ao mesmo poderão ser dirigidas pelo «correio, com os seus nomes, pelas pessoas domi-«ciliadas nas provincias.

«Camara em sessão de 7 de março de 1845.

«O escrivão da Camara

«*José Maria da Costa e Silva.*»

E apesar de tantas porfias, e de tão boas esperanças conquistadas, ainda não existe, que eu saiba, um mausoleo a Filinto; e ainda de certo não existe um Campo Elysio Nacional.

Inaugurae-o, que é tempo; e estreae-o nas

boas horas com taes dois hospedes e hospedeiros, como o autor dos *Lusiadas*, e o dos *Novos Argonautas*, para collocardes junto d'elles (a morte não se descuida) os dois amigos de ambos, e cujos nomes acabâmos de ver entrelaçados com a historia posthuma de Filinto: Silvestre Pinheiro Ferreira e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e o immortal fr. Francisco de S. Luiz, e Domingos Antonio Bomtempo, e... mas para que é fazer catalogo? estabeleça-se a poisada, que os fréguezes a ella estão bem certos.

DOZE ANNOS DEPOIS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Venha completar esta noticia outro portuguez dos mais benemeritos, o nosso amigo, sr. Innocencio Francisco da Silva: [1]

«Passados vinte e tres annos, no de 1842, foram «os ossos de Filinto trasladados para a patria, «conduzidos pelo conselheiro Filippe Ferreira «d'Araujo e Castro, em virtude de recommenda- «ção que a elle, e a Silvestre Pinheiro fizera o «ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, «sendo por então depositados em uma das capel- «las do claustro interior da Sé de Lisboa. Depois, «por portaria do ministerio do reino de 5 de março «de 1845, foram mandados pôr á disposição da Ca-

[1] *Diccionario Bibliographico*—tomo II, pag. 447.

«mara Municipal, que se propunha construir-lhes «um monumento adequado pagando á memoria do «poeta a divida que a patria contraíra para com el- «le. Difficuldades e embaraços supervenientes de- «moraram a execução d'este projecto, que a final «veiu a realizar-se em 19 de junho de 1856, dia «em que se verificou a trasladação d'aquellas ve- «nerandas reliquias para o tumulo previamente «preparado no cemiterio do Alto de S. João, fa- «zendo-se o acto com a devida decencia e solem- «nidade. Foi esta acção commemorada em quasi «todos os jornaes politicos dos seguintes dias, tor- «nando-se mais notavel o artigo que o sr. Tullio «fez inserir na *Civilisação* de 20 do dito mez.»

Lá jaz emfim em seu tumulo no cemiterio lisbonense do Alto de S. João o nosso Filinto. Mas o Camões? mas o Campo Elysio? virão quando puder ser; já se vê que não ha pressa.

Para concluir, passemos a substanciar o terceiro ponto da minha memoria aos Amigos das Letras em Lisboa.

Estatua de Camões

Um funeral e um mausoleo, não pódem (ou o coração me engana grandemente) consumir tudo quanto a liberalidade portugueza tem de trazer

ao grande homem. Avultadissimos devem ser os remanescentes; e taes, que sem medo affrontem a fundação de uma estatua, com que a patria firmará o ultimo sello na nossa obra.

Se é licito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizel-o, muito ha que ella existiria, se eu tivesse achado, em quem podia, entendimento sequer para comprehender tal petição. Mais de anno havia então que o desenho (hoje ha mais de 14) fôra feito a rogos meus pelo sr. Assis Rodrigues, e por mim apresentado á Camara Municipal de Lisboa, como áquella que eu suppunha dever principalmente empenhar-se na empreza. Corria o tempo; não se dava solução ao negocio: appareci de novo; lembrei; insisti; quasi como se de interesse meu se tratára, e não do publico; tantas eram as delongas ambages e más escusas. A final me chegaram a desenganar de que por ali se não faria coisa alguma; sendo aliás certo e provado que em obras de nenhum proveito nem gosto, gastava o municipio muito mais do que para esta se havia de mister. Pedi a restituição do desenho, e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gente, quando menos, sua desconhecida.

Lembrou-me requerer ao governo que mandasse executar a estatua pela mão que a riscára, na propria officina da Aula Nacional de Escultura; mas... Era então ministro do reino Luiz Mousinho d'Albuquerque, e estava ainda mui recente o seu triunfo contra o Instituto, ou Universidade de Lisboa, glorioso e digno [illegible]ntame do sr. Rodrigo

da Fonseca Magalhães, e que ainda algum dia tem de ser effectuado.

Por então me recolhi com a minha idéa, e fiquei aguardando por melhor ensejo. Hoje é talvez chegado.

Prova de que não faltam bons engenhos para conceber, e mãos para lavrar a estatua, ahi está já patente a todos os olhos no busto do poeta, coroado com um ramo do proprio loiro do artista; busto em cuja base podia o sr. Rodrigues gravar o seu nome de autor, e, se para a eternidade trabalhava, quebrar o cinzel.

Em pedestal altissimo, visinho e sobranceiro ao Tejo, deve este futuro colosso ufanar a praça e caes de Belem, d'onde partiu a armada dos verdadeiros *Lusiadas*, e d'onde provavelmente desferiu vela o que tão altamente os cantou.

É a barra do Tejo a porta d'este reino mais sabida e frequentada de estrangeiros; junto d'ella pois, alcemos este pregoeiro de nossa tardia e inesperada justiça. Quando navios peregrinos remontarem a corrente para saudarem este paiz, onde a natureza é poeta, e os homens o hão-de ser, logo que elles mesmos se favorecerem, como ella os favorece, seja Camões o primeiro vulto que lhes atraia os olhos, e lhes diga: «Aqui floresceu já um povo grande, que algum dia ha-de reflorir.»

Seja como o brazão d'armas da familia, posto para veneração na frontaria do domicilio.

Escrevem fabuladores da antiguidade que a estatua de Memnon per si mesma cantava, como

inspirada, ao nascer do sol. Debaixo do sol, ou da lua a de Camões cantará continuamente aos ouvidos do nosso espirito.

Desde 1836 que isto se lia aos Amigos das Lettras, e era por elles unanimemente approvado, ninguem mais fallou em estatua de Camões até 1844. Nesse anno appareceu uma veleidade de tal estatua; mas tão desarrazoada, que eu mesmo me julguei obrigado a sair em campo contra ella. Eis o que eu inseria na *Revista Universal* de 23 de maio do dito anno, sob o titulo de *Porque está Camões na Berlinda.*

«Diz-se que se tenciona ordenar á Academia «das Bellas Artes de Lisboa que faça executar em «marmore, e de grandeza colossal, a estatua de «Camões, riscada pelo lente de escultura da mes«ma Academia, o sr. Francisco de Assis Rodrigues, «para ser imposta, como remate no alto da fron«taria principal (isto é, no alto da ilharga direita) «do theatro *agrião.*

«Seja-nos licito duvidar da veracidade do boa«to, em quanto se nos não mostrar o que ha de «commum entre Camões e a arte dramatica: por«que as comedias do *Amphitryão* e de el-rei *Se«leuco,* não cuidâmos que haja ahi quem nas en«corpore entre os titulos de gloria do autor dos «*Lusiadas* Com egual propriedade o poderiam «collocar sobre o hospital dos doidos, por ter es«crito umas trovas que se intitulam *Disparates na «India;* ou em cima do portão do cemiterio, por «ter feito um soneto que principiava .

«Alma minha gentil que te partiste.

«Rematar o theatro portuguez (*portuguez*, com «licença dos italianos) com um poeta épico, dei-«xando no esquecimento Gil Vicente sobretudo, «e ainda depois d'elle, Antonio Ferreira, Jorge «Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes &., se-«ria commetter uma injustiça, e deixar á geração «seguinte, para emendar, um erro do pezo de «muitos quintaes, depois, já se sabe, de bem e de-«vidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* «estrangeiros, que não deixariam de ir á biblio-«theca publica pedir para verem os dramas iné-«ditos de Camões. Que levantem muito embora «a Camões uma estatua de marmore ou de bron-«ze, se quizerem e puderem, e que a ponham «na praça do seu nome: outro tanto fizeram, «pouco ha, os castelhanos ao seu Camões da no-«vella em prosa, ao seu Miguel de Cervantes; «mas em cima do theatro seria uma adivinhação «de muito mau gosto...

«Confiâmos na illustração do governo de Sua «Magestade que tal se não ha-de permittir, quan-«to mais determinar.»

Nem sempre havia de estar o diabo atraz da porta; baixou segunda ordem á Academia, para se esculpir, em vez do épico, o dramatico. Dramatico tal, com as circunstancias que o acompanham, em nada cede ao épico, nem a ninguem.

Começou com alacridade a obra; foi voando

com furia entre as mãos do nosso Rodrigues, até que emfim appareceu com publico applauso sobre o theatro marmoreo, alvissimo, doiradissimo, e deserto, do Rocio de Lisboa.

Que de vezes, durante o lavor d'aquella estatua mais que heroica, e semicolosso, não passei horas agradaveis a conversar com o artista, sob a abobada sonora da sua vasta officina no extincto convento de S. Francisco!

¡Que de idéas brilhantes não faiscavam da alma do mestre, em frases curtas e graves, por entre o retinir do seu escopro e maço, sobre a pedra! Voavam as estilhas e lascas, desnudando cada vez mais as soberbas fórmas, que elle andava procurando, e que eu, a cada nova revelação, espreitava e palpava com enlevo; vinha pullulando do embrião o homem, do homem o poeta, e do poeta para ambos nós, o enthusiasmo!

— «Que mais digno uso do marmore—dizia o professor na sua complacencia de artista—do que immortalisar o genio! Que é a morte, quando uma penna basta para eternisar espirito e coração, e o corpo destructivel, um pouco de aço nol-o transforma em pedra!

«O verdadeiro embalsamar para cultos é a estatuaria.

«Porque razão, raça efémera d'ingratos, continuaremos a deixar dormir os heroes no esquecimento dos sepulcros? e a sua gloria, e os nossos prazeres, e as nossas lições magnificas, sobre tudo, nas trevas das pedreiras?

«Recordas-te do que dizia Cicero? *Honra, ali-*

menta as artes; todos se incendem na cubiça da gloria?

«*Pelo desprezo da gloria,* accrescentava Tacito, *se vai ao desprezo da virtude.* Juizes mais competentes na materia, não os podia haver.

«Demetrio Falarêo, fundo politico e filosofo, grande orador e poeta, sabia já o que nós vaidosos parecemos ainda ignorar, quando para galardões e incentivos a toda a variedade de prestimos, povoou Athenas com 360 estatuas de bronze de cidadãos benemeritos.

«Os vivos, geram moribundos; as estatuas, procriam immortaes.

«As industrias e sciencias necessarias pódem prescindir de corôas, pois lhes está patente a estrada da fortuna; mas as artes da imaginação, que na nossa terra têem por capitolio o hospital, que será d'ellas se nem este incenso tardio lhes queimarmos!» —

Assim discorria o discipulo e imitador de Machado de Castro, cheio de magnanima fé nos milagres da arte, e sentindo crescer o seu amor patrio e orgulho de portuguez, ao esculpir a effigie de Gil Vicente e já com a de Camões na fantasia.

Pois que a providencia no seu torrão de Portugal poz minas de marmore, como em Carrara e Paros; pois aqui faz nascer com abundancia os merecedores de fama, e por entre elles não faltam mãos primorosas que os enviem á posteridade criar emulos; e talvez até vencedores, estas mãos porque se não aproveitam? aquelle mar-

more, tornâmol-o a perguntar, porque dorme em bruto debaixo dos matos? aquelles varões que nos afamam e ensinam, porque se estão acabando de delir em pó, e não resurgem em quanto é tempo?

Oh! quizesse cada municipio, ao menos de cidade, a troco de um parco sacrificio (e grande que fosse) erigir na sua praça principal a estatua, sequer o busto, d'aquelle de seus filhos já finados com que mais se ufana! Cidades haveria em que, uma vez começada a generosa competencia desde Traz-os-Montes até o Algarve, estes brazões em alguns annos se numerassem ás dezenas. Só Lisboa!... ¿Que grande custo era o illustrar assim os seus largos, os seus caes, os seus passeios arborisados?

Os parentes mesmos d'estes mortos celebres, não se imporiam como dever muito agradavel o contribuirem com parte do necessario para essas ovações? talvez mesmo com a somma inteira? Quem o duvída?!

Representae-vos o passeio publico da capital, por exemplo, povoado d'estas imagens, mais ou menos sumptuosas! cada uma, poetificaria com o seu nome a uma das alamedas! os homens de alma, sentiriam accender-se-lhes brios ao contemplal-as, em quanto os inertes e os inuteis, póde ser que algum'hora se envergonhassem da sua pequenez! o pae, para espertar nos filhinhos o amor do estudo e trabalho, lhes narraria as vidas de esforço e constancia de cada um d'aquelles exemplares! os pensamentos das damas se

acostumariam a pouco e pouco a apreciar por cima das galas e graças passageiras, as qualidades que não fenecem! Finalmente, os estrangeiros, aprenderiam que não temos nós unicamente para admirações, o sol, os frutos, o Tejo, e a façanhosa historia dos nossos antepassados, e o Camões.

Os doze annos da primeira até esta segunda edição trouxeram com que devessemos accrescentar a presente nota, já aliás extensa, porventura em demasia; mas tão nosso e momentoso é o assumpto, que, se o não exhaurimos, para o que seriam necessarios volumes, tampouco nos sofrêra o coração que deixassemos de archivar para aqui o principal.

Que falle agora por nós o nosso bonissimo portuguez e amigo Antonio da Silva Tullio: [1]

«Está lançada a primeira pedra do monumento e estatua de Camões!

«Duzentos oitenta e dois annos depois da morte do grande poeta, e no mez de junho, que foi o em que elle se finou, desamparado e pobre, é que a nação portugueza acordou do somno da ingratidão, para levantar ao cantor das suas façanhas e navegações um padrão á sua immortal gloria.

[1] *Archivo Pittoresco* vol. v, numero 17, pag. 129 e seg.

«Foi tardio: mas as primeiras honras que se lhe «prestaram no acto do assentamento da pedra fun- «dâmental do seu monumento mostraram já que «a geração actual se ha-de purificar do labeo que «seus antepassados deixaram, por seculos, perma- «necer, sobre um povo tão brioso.

«Se o engenho poetico de Camões lhe grangeou «o predicamento de principe dos poetas portugue- «zes, com honras magestaticas foi solemnisada a «primeira ceremonia da inauguração da sua esta- «tua.

«Bem certo é que só a posteridade faz justiça «aos grandes homens! Em junho de 1580 descia «Luiz de Camões á sepultura amortalhado no len- «çol da caridade, desacompanhado, obscuro, des- «prezado. Em junho de 1862, o rei de Portugal, «com a sua côrte, legisladores, tribunaes, autori- «dades de todas as jerarchias; as academias, os «homens de sciencia, de lettras e artes, innumera- «vel concurso de cidadãos de todas as classes, «prestavam as homenagens, que só se costumam «conceder á realeza, a esse mesmo poeta, cuja es- «tatua iam erigir no bairro mais nobre da ca- «pital.

«Mais ainda. O proprio soberano reinante quiz, «por suas reaes mãos, collocar a primeira pedra «d'esse monumento, honrando assim a memoria «do cantor nacional, e com elle as lettras patrias «de que é fautor.

«A pompa e solemnidade com que este acto foi «celebrado, vai reproduzida na gravura que illus- «tra a primeira pagina d'este numero, desenhada

«fielmente pelo nosso collaborador artistico, o sr. «Nogueira da Silva, e a descripção da ceremonia «consta do auto que foi encerrado nō cofre de- «posto no alicerce do monumento, que é como se «segue:

AUTO DA SOLEMNIDADE
DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO MONUMENTO
QUE SE VAI ERIGIR
AO GRANDE POETA NACIONAL LUIZ DE CAMÕES

«Aos vinte oito dias do mez de junho do anno «do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, mil «oitocentos sessenta e dois, nesta cidade de Lisboa «e praça de Luiz de Camões, antes denominada «do Loreto, se procedeu á ceremonia da colloca- «ção da pedra fundamental do monumento que se «vai erigir ao grande poeta Luiz de Camões, por «subscripção nacional, promovida pela fórma se- «guinte:

«Em 1860, o estatuario portuguez Victor Bastos «modelou em gesso um monumento para se erigir «a Luiz de Camões, representando a estatua do «poeta fundida em bronze, de 4 metros de alto, «assente sobre um pedestal octogno de 7 metros «e 48 centimetros de altura, rodeado de oito esta- «tuas de pedra lioz, de 2 metros e 40 centimetros «que representam: Fernão Lopes (o primeiro his- «toriador portuguez)—Pedro Nunes (cosmogra- «pho)—Gomes Eannes de Azurara—João de Bar- «ros—Fernão Lopes de Castanheda (historiadores

«das nossas navegações)—Vasco Mousinho de Que-«bedo—Jeronimo Corte-Real—Francisco de Sá de «Menezes (cantores épicos dos nossos descobrimen-«tos e conquistas); devendo ter o monumento, «assim ideado, desde a superficie do terreno até «á sua maior altura, 11 metros e 44 centimetros.

«Exposto o modelo ao exame publico na sala «dos paços do concelho municipal de Lisboa, ao «mesmo tempo se instituiu uma commissão com-«posta das pessoas abaixo assinadas, não só pa-«ra julgar o referido modelo, mas tambem para «alcançar os meios de se lhe dar execução.

«Depois de approvado o modelo por Sua Mages-«tade El-Rei o senhor D. Pedro V, de saudosa e «indelevel memoria, e por seu augusto pae El-Rei «o senhor D. Fernando, que Deus guarde, assim «como pelos membros da commissão, publicou es-«ta em 14 de junho de 1860 uma circular dirigida «a todos os districtos, concelhos e parochias do «reino, e suas possessões, assim como aos consula-«dos de Portugal nas differentes nações, especial-«mente aos do imperio do Brazil, onde residem «tantos milhares de portuguezes, que sempre brio-«samente contribuem para todos os commettimen-«tos que engrandecem e honram a patria, sendo «a sua subscripção para este monumento a mais «avultada de quantas se recolheram, tanto de na-«cionaes como de estrangeiros.

«Realizada a somma necessaria para se dar exe-«cução ao monumento approvado, se contratou «com o referido estatuario Victor Bastos dal-o con-«cluido para se inaugurar em 1864, tendo-se pré-

«viamente decidido que se levantasse na praça do «Loreto. Para este fim se requereu á Camara Mu«nicipal de Lisboa a houvesse de conceder, e ao «governo de Sua Magestade a denominasse--praça «de Luiz de Camões.—A Camara Municipal não só «annuiu a este pedido, mas á custa da cidade man«dou fazer toda a obra necessaria para que na«quella praça se pudesse levantar o projectado «monumento.

«Estando já concluido o alicerce, e as obras ne«cessarias para a collocação da pedra fundamen«tal, o marechal duque de Saldanha, presidente «da commissão central dos subscriptores, assim «o communicou pelo ministerio do reino a Sua «Magestade El-Rei, que houve por bem mandar «expedir, pela secretaria do referido ministerio, «um decreto tão honorifico para a memoria do «grande poeta, como significativo do alto apreço «em que o mesmo augusto senhor tem as lettras «e as glorias patrias. É do theor seguinte:

«Havendo-me participado o marechal duque de «Saldanha, presidente da commissão central dos «subscriptores, para se levantar um monumento «ao grande poeta nacional Luiz de Camões, acha«rem-se concluidas as obras necessarias para a «collocação da pedra fundamental; e querendo «eu honrar a memoria do immortal cantor dos «altos feitos portuguezes, e das gloriosas navega«ções e descobrimentos em que para sempre se «afamaram no mundo, perante a civilisação, as «potentes armadas do senhor rei D. Manoel, meu

«inclito avô, manifestando por esta occasião o ju-
«bilo que me causa satisfazer-se no meu reinado
«uma divida que a nação tem ha seculos em aber-
«to, resgatada agora por uma subscripção espon-
«tanea dos meus leaes e amados subditos, em to-
«da a monarchia e fóra d'ella;

«Tenho resolvido ir collocar por minhas reaes
«mãos a pedra fundamental do monumento eri-
«gido ao immortalisado autor dos *Lusiadas*, na
«praça de Luiz de Camões. E mando que este ac-
«to se faça com toda a solemnidade, para o que
«se observará o ceremonial constante do pro-
«gramma que foi submettido á minha regia ap-
«provação, pelo mesmo duque presidente da com-
«missão central dos subscriptores, e que baixa as-
«sinado pelo ministro e secretario de estado dos
«negocios do reino.

«O mesmo ministro e secretario d'estado assim
«o tenha entendido e faça executar. Paço da Aju-
«da, em 11 de junho de 1862.—REI.—*Anselmo*
«*José Braamcamp*.

«Em virtude d'este decreto, se reuniram pelas
«seis horas da tarde nesta praça de Luiz de Ca-
«mões, a Camara Municipal de Lisboa, os minis-
«tros e secretarios d'estado, os membros de am-
«bas as camaras do corpo legislativo, os do corpo
«diplomatico, os grandes do reino, titulares e mais
«pessoas que formam a côrte, a academia real das
«sciencias de Lisboa, as corporações scientificas e
«litterarias, as deputações de todas as associações
«operarias, os redactores dos jornaes politicos e

«litterarios da capital, as autoridades ecclesias-«ticas, civis, e militares, e a commissão central «dos subscriptores que tem contribuido para a «erecção d'este monumento.

«Para esta solemnidade se tinha armado ao poen-«te da praça de Luiz de Camões, na varanda da «propriedade do cidadão Rafael José da Cunha, «uma tribuna forrada de velludo carmezim fran-«jado de oiro para Suas Magestades e sua real fa-«milia, e junto ao alicerce do monumento tres «pavilhões vistosamente adereçados. No do centro, «e sobre uma mesa coberta de velludo, estava o «modelo do monumento, e uma escrevaninha com «a penna de oiro cravejada de brilhantes,[1] que «fôra offerecida ao eximio poeta Antonio Feliciano «de Castilho, pelos portuguezes residentes na pro-«vincia de Porto Alegre, imperio do Brazil, e por «elle espontaneamente prestada para a assinatu-«ra d'este auto. O pavilhão do lado direito foi desti-«nado para os membros do corpo diplomatico, e «o do lado esquerdo para os do corpo legislativo.

«No meio do alicerce estava a pedra fundamen-«tal, aprumada e coberta com uma alcatifa car-«mezim. Junto do alicerce havia dois bufetes co-«bertos com bancaes de velludo carmezim. No do «lado esquerdo estava uma padiola forrada de «seda azul e branca, e sobre ella um cofre de «marmore. No do lado direito uma bandeja de «prata com um cofre do mesmo metal[1], e bem «assim seis salvas, contendo a primeira, este au-

[1] Vide a estampa a pag. 136 do já citado tomo e numero do *Archivo Pittoresco*.

«to escrito em pergaminho; a segunda, a lamina «com a inscripção commemorativa; a terceira, «as moedas nacionaes; a quarta, a trolha de pra- «ta com o cimento; a quinta, a colher; a sexta, «o camartello.

«A tribuna real, o pavilhão central, e todo o «espaço intermedio, estavam rodeados por duas «alas da guarda real dos archeiros. Numeroso «concurso de povo tomava parte nesta festivida- «de nacional e litteraria.

«Ás cinco horas da tarde as tropas da guarni- «ção de Lisboa formaram em frente da praça.

«Chegando Sua Magestade El-Rei o senhor D. «Luiz I, e seu augusto pae El-Rei D. Fernando, «em grande estado, foram recebidos por este cor- «tejo no vestibulo da tribuna real, indo depois «as diversas corporações tomar os logares que «lhes estavam destinados, occupando Suas Mages- «tades a tribuna real para receberem a conti- «nencia das tropas da guarnição que formavam «a parada.

«Em seguida encaminhou-se o prestito para o «centro da praça, indo adiante os porteiros da «real camara com as massas de prata; os reis de «armas, arautos e passavantes com as suas cotas; «e logo as corporações, autoridades e mais pes- «soas convidadas, guardando entre si a ordem «da precedencia; e por ultimo Suas Magestades «seguidos dos gentis-homens da real camara e «ajudantes de campo.

«Tendo Sua Magestade El-Rei subido ao pavi- «lhão real, o duque de Saldanha, presidente da

«commissão central dos subscriptores, leu este «auto, bem como a seguinte inscripção esculpida «em lamina de cobre prateado:

NOMINI IMMORTALI
ALOISII DE CAMOENS
LUSITANORUM POETARUM
PRINCIPIS
HOC MONUMENTUM
VOLUNTARIIS ELARGITIONIBUS
FUIT ERECTUM
CUIUS LAPIDEM AUSPICALEM
IN TANTI OPERIS MOLITIONEM
LUDOVICUS I.
PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REX
QUARTO KALENDAS MENSIS JULII
ANNO MDCCCLXII
PLAUDENTIBUS CIVIBUS UNIVERSIS
SOLEMNITER FIXIT.

«Este auto depois de assinado por Suas Mages- «tades, pelos ministros e secretarios d'estado, pe- «los presidentes das duas camaras legislativas, «pelo da Camara Municipal de Lisboa, e pela «commissão central dos subscriptores, ficará de- «positado no cofre para este fim destinado, bem «como a lamina commemorativa e as moedas «nacionaes, fechando-se á chave, a qual será en- «tregue por Sua Magestade El-Rei ao presidente «da Camara Municipal de Lisboa, para ser guar- «dada com o traslado d'este auto no archivo dos «paços do concelho, procedendo-se em seguida á

«collocação do mesmo cofre na cavidade da pe-
«dra fundamental do monumento, com as cere-
«monias do estilo.

«E para documento authentico de que esta so-
«lemnidade se fez pela fórma que dito fica, la-
«vrei e assinei o presente auto, eu Joaquim Pe-
«dro de Sousa, secretario da commissão central
«dos subscriptores — *Joaquim Pedro de Sousa — El-*
«Rei — D. Fernando — Marquez de Loulé — Anselmo
«José Braamcamp — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila
«— Gaspar Pereira da Silva — Visconde de Sá da Ban-
«deira — José da Silva Mendes Leal — Visconde de La-
«borim — Antonio Luiz de Seabra — Antonio Esteves
«de Carvalho — Duque de Saldanha — Francisco de
«Paula Sant-Iago — Carlos Krus — Joaquim Pedro de
«Sousa — Luiz Tiburcio Ferreira — Visconde de Me-
«nezes — Antonio Feliciano de Castilho — Antonio da
«Silva Tullio — José Maria Eugenio de Almeida — Conde
«do Farrobo — José Isidoro Guedes — José Pedro Colla-
«res — D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo — Ab-
«bade Castro — Antonio José Pereira Serzedello.

«Acabada esta leitura, que o nobre duque fez
«em voz alta e firme, foi elle que offereceu a Suas
«Magestades a penna de oiro para assinarem o
«auto, indo tambem, como acima se lê, assinado
«por todos os ministros de estado, pelos presiden-
«tes das camaras legislativas, pelo da camara mu-
«nicipal, e pela commissão central dos subscrip-
«tores.

«Depois foram apresentados em salvas de pra-
«ta a Sua Magestade El-Rei pelo vice-presidente

«da commissão central dos subscriptores, Fran-
«cisco de Paula Sant-Iago, o cofre de prata pe-
«lo presidente, o auto já assinado pelo secreta-
«rio, Joaquim Pedro de Sousa, a lamina com-
«memorativa, e pelo thesoireiro, Carlos Krus, as
«moedas nacionaes, encerrando o mesmo augus-
«to senhor estes objectos no cofre, que fechou á
«chave, entregando-a ao presidente da Camara
«Municipal de Lisboa, Antonio Esteves de Carva-
«lho, para ser depositada com um traslado do
«auto no archivo dos paços do concelho.

«Os membros da commissão central, Antonio
«Feliciano de Castilho, José da Silva Mendes Leal
«Junior, José Maria Eugenio de Almeida, e Anto-
«nio da Silva Tullio, tomando a padiola em que
«estava o cofre de marmore, a levaram até jun-
«to de Sua Magestade El-Rei, que, recebendo
«o cofre de prata das mãos do duque presidente, o
«metteu dentro no de marmore. Depois os mesmos
«quatro vogaes conduziram a padiola até ao ali-
«cerce, onde o mestre da obra, Joaquim Antu-
«nes dos Santos, pegando neste cofre, o deposi-
«tou na cavidade da pedra fundamental e lhe
«assentou a lage para esse fim apparelhada.

«Sua Magestade El-Rei, recebendo das mãos
«do vogal da commissão, José Isidoro Guedes, a
«colher, tirou da trolha, que lhe apresentou o
«vogal, conde do Farrobo, um pouco de cimento,
«que deitou nas juntas da pedra, e em acto con-
«tínuo a bateu com o camartello que lhe fôra
«offerecido pelo membro da commissão, viscon-
«de de Menezes. Uma girandula de foguetes, cor-

«respondida por uma salva real do castello de «S. Jorge e demais fortalezas, bem como dos na- «vios de guerra surtos no Tejo, annunciaram a «collocação da pedra fundamental do monumen- «to consagrado á memoria de Camões.

«Terminado o acto, voltou o prestito na mes- «ma ordem, acompanhando Suas Magestades á «tribuna real, em frente da qual desfilaram as «tropas, na presença dos mesmos augustos se- «nhores.

«Taes foram as honras prestadas ao autor dos «*Lusiadas* nesta solemnidade nacional.

«Foi um dia de festa para toda a cidade. As «habitações da praça de Camões estavam arma- «das de gala e á noite illuminaram-se todas.

«As damas que formam a commissão especial «que se encarregou de colligir donativos para o «monumento do mavioso cantor de D. Ignez de «Castro, assistiram a esta festividade nas varan- «das proximas da tribuna real.

«A commissão central merece o publico louvor «pela pompa e solemnidade com que, por sua «direcção, foi celebrado este magestoso acto.

«Se Camões vivéra, teria agora de repetir, não «por queixume, mas com ufania, o seguinte «quarteto da oitava 52 do canto VII do seu poe- «ma:

«Vêde, ninfas, que engenhos de senhores
«O vosso Tejo cria valorosos,
«que assim sabem prezar, com taes favores,
«a quem os fez, cantando, gloriosos.»

Progride com força a obra do monumento; duplice monumento: do poeta e do escultor; de Camões e de Bastos.

A pena é que obra, por tantissimos annos esperada, e que tinha de ser paga por taes mãos, não lograsse o que era de tudo o menos difficil: uma collocação conveniente. (Fados de Camões, que até no triunfo o hão-de perseguir!)

O mais nautico de todos os poetas do mundo, o cantor do Gama, o namorado do Tejo e de suas ninfas, puzeram-no de sequeiro, d'onde nem sequer ao longe pudesse enxergar nem rio, nem horisontes! e onde? num largo de todo o ponto prosaico, burguez e plebeu; sem assomo de architectura, de regularidade, ou de graça; num plano inclinado, num taboleiro por todas as partes desigual; em sitio finalmente tão estranho, que nem ao menos era ainda pertença da cidade no tempo do poeta.

Não estava ahi a chamar pelo marinheiro epico a praça dos Remolares? Responderam-me, quando na commissão a propuz, que era muito pequena. Não estava o largo de Belem a reivindical-o? redarguiram-me que era muito grande.

Pois bem: não se podia riscar á vontade uma praça nova do tamanho que lhes aprouvesse, no atêrro, á beira do Tejo? fazel-a moldar dos tres lados com edificios que não enxovalhassem por mesquinhos o monumento? Eram logo dois beneficios para a cidade em logar de um. Ahi, sim, que se entendêra o homem dos *Lusiadas;* dominaria as ondas, receberia as saudações dos

nautas descendentes dos que elle acompanhou; hospedaria os navegantes estrangeiros, que todos em suas linguas o admiraram, e primeiro que a nenhum outro objecto o procurariam com a vista ao remontarem a corrente.

Queria-se um Camões borrifado da salsuge marinha, que esse era o verdadeiro Camões, e não coberto de nuvens de poeira entre o estrepito dos carros e a vozeria dos vendilhões.

Paciencia! d'aqui mais a 300 annos o trasladarão; é bom deixar sempre aos netos alguma coisa que emendar.

Levantando mão d'esta parte ridicula do assumpto, não se me leve a mal o teimar um pouco mais na civilisadora idéa das estatuas honorificas.

Reproduzirei a carta[1] que a 12 de julho de 1857 dirigi ao nosso illustre artista Manoel Maria Bordallo Pinheiro a agradecer-lhe a estatueta do meu retrato por elle executada:

Carta d'um poeta a um escultor[2]

«*Meu admiravel escultor:*

«Quem não soubesse da nossa boa e antiga ami-«zade, havia de ter custo em explicar o nasci-

[1] Foi impressa no *Jornal das Bellas Artes* e no *Archivo Pittoresco*.

[2] «O sr. Manoel Maria Bordallo Pinheiro começou a sua car-«reira artistica, ensaiando primeiro que ninguem em Portugal a «gravura em madeira, desde a fundação do *Panorama*, e des-

«mento d'esta obra prima, em que vós repartis «commigo da vossa immortalidade. Eu mesmo, «se não medisse pelo affecto que vos consagro o «que vós me liberalisais, ficaria confuso com ta- «manha honra. A maior que as bellas artes pódem «fazer a um vivo, é de certo esta. A estatua é a «embalsamação antes da morte; a estatua é a «apotheóse; a estatua é a gloria solidificada. O «benemerito a quem ella se erige está-se já vendo «lá no fundo da posteridade como num espelho.

«Honras assim, meu amigo, devem-se conferir, «mas a custo e quasi avaramente; nem se neguem «aos que lhes tem jus, nem se prostituam aos «que a Providencia não privilegiou ao nascer.

«envolvido nesta arte largou-a aos seus discipulos para se entre- «gar exclusivamente ao desenho. Teve por mestre em pintura o «sr. Antonio Manoel da Fonseca. Fez-se retratista distincto e «pintor de quadros a oleo. Desejoso de ver e adiantar-se, foi «a Inglaterra, França e Hespanha. D'este ultimo paiz trouxe co- «pias suas d'originaes de Murillo e Velasquez, que lhe grangearam «merecida reputação. Passou á escultura em que se exercitou «sem mestre, á força de trabalho paciente e consciencioso. Ha «d'elle, além d'outras tentativas, um grupo de Camões e o Jáu, «digno de louvor. Occupa-se ao presente numa collecção de «estatuetas de portuguezes. O primeiro a que dedicou o seu en- «genho patriotico, foi o sr. A. F. de Castilho.

«Se se attende a que o sr. Bordallo só póde empregar na pra- «tica artistica os escaços remanescentes de uma vida occupada «no serviço publico, reconhecer-se-ha a justiça com que o sr. Cas- «tilho o qualifica de admiravel.

«Pedimos venia ao animo illustrado e benevolente do poeta, «e á modestia do escultor, para dar aqui publicidade a este «interessante e incitador monumento epistolographico; comple- «mento natural do outro, que no penultimo numero, com au- «xilio da gravura, ajudámos a levantar.

«Já que andais com a mão na massa de eter-«nisar (e que bem fadada mão!) haveis de me «consentir que, usando dos amplos direitos da «amizade velha, eu esboce ao vosso juizo algu-«mas ponderações, que, em todo, ou em parte, «porventura aproveitareis. Perdidas absolutamen-«te para um tal espirito nunca ellas hão-de ser, «pois m'as suggere o sentimento do verdadeiro «e do bom, que, não menos que o do bello, deve «presidir ás emprezas do artista em nossa edade; «edade séria, utilitaria, progressiva.

«Estudando-vos na minha estatua, folgo de «descobrir que neste particular pensais vós como «eu; pois déstes na commemoração das minhas «obras o logar primeiro á carta de alforria que «Deus me permittiu trazer á puericia. E que va-«lem realmente em comparação d'este codigo de «amor, depositario misterioso de tanta civilisa-«ção; que valem, que pesam, que avultam, uns «cantos passageiros, feitos pela ociosidade para «a ociosidade, dependentes do capricho da moda «e que as transformações da lingua e do gosto «poderão dentro em pouco deixar sepultados, «como tantos outros, de todos os seculos, nas «Necropolis das livrarias?! Amores, mythologias, «e mesmo historias, que são, se se comparam com «a arte de semear no semi-baldio do presente as «searas opímas do futuro?!! A redempção que eu «evangelisei á escola, e cujo triunfo já no meio «do martirio se começa a entrever, esta sim que «é obra de obras, e não de palavras; de benefi-«cencia effectiva, não de ternuras vagas; não de

«talento, nem de brilhar, nem de ambição egois-«tica, mas chã; obscura; calcada e fecundissima «como a propria terra; obra de crer e de que-«rer; obra fundida de fé, esperança e caridade; «obra que a Providencia ha-de infallivelmente «amparar contra perseguições e invejas, como a «coisa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como «a infancia que já a ama; carinhosa, como os «corações maternos que algum dia a adorarão; «sisuda, forte, e emprehendedora, como o espi-«rito viril da nova era.

«Propondo este ensino humano, fruto só de «boas diligencias, não mereci estatuas nem ad-«mirações; benevolencias, sim; tantas, pelo me-«nos, quantos têem sido os odios a estorvar-me «de toda a parte neste arroteamento que é para «todos, e que para todos ha-de ser por derradeiro.

«Quem falla dos seus amores, espraia-se e pa-«rece ás vezes jactancioso; é o que me succe-«deu agora: fallei da civilisação pela instrucção «popular, que é o meu dogma, a minha religião, «a minha poesia concentrada; fui diffuso e im-«modesto; volto ao que dizia. Ao pôrdes o meu «*Methodo* acima dos meus outros pobres escritos, «mostrastes vós que a filosofia do verdadeiro, «do bom, do util, vos não inspirava menos que o «senso profundo, innato e íntimo, do bello. Eis «aqui, pois, meu caro amigo, a ponderação que «eu, utilitario contumaz, me permitto dirigir-vos, «e que, se esta carta fôr parar á imprensa, de-«sejaria ver ajudada pelos bons engenhos que «professam educar a opinião.

«Dizei-me: quando, no fundo da vossa offici-
«na de escultura, levantais as mãos de um es-
«boço que sob ellas se vos está vivificando, para
«meditar um segredo da arte, ou esperar um
«novo raio de inspiração; quando, depois de pai-
«rardes com a vista em derredor por sobre mo-
«delos gloriosos de outros grandes mestres, re-
«cebeis na voz, na lingua mesma do vosso col-
«laborador romano, umas viraçõe longinquas da
«poetica Italia, d'essa grande mãe de heroes para
«as façanhas, e de artistas para os heroes; quan-
«do, sem transição, ou pela mais natural de todas
«as transições, reverteis em espirito dos ceos da
«Ausonia, tépidos, córados, impregnados da poe-
«sia grega, para estes, não menos poeticos, e não
«menos inspirativos ceos de Portugal, paiz que,
«semelhante a Saturno, cria filhos deuses, e os
«devora; quando então comparais mentalmente
«o pouquissimo que somos com o incommensura-
«vel que puderamos ser, que havemos de ser,
«logo que a alvorada da instrucção acordar
«o povo, que homens mais humanos o diri-
«jam, e leis mais sabias nos eduquem para ousar,
«para amar, para servir; se então a vista, des-
«abraçando-se das estatuas que vos rodeiam, vos
«sai meditativa a espairecer-se pela fronteira
«e contigua alameda do passeio publico, pro-
«saico vestibulo do vosso olimpico Pantheon;
«dizei-me, meu amigo, não sentis que nesse e
«nos outros campos de reunião de uma ca-
«pital como Lisboa, falta alguma coisa essen-
«cial que seria facilimo doar-se-lhes? Oh! certa-

«mente! Ali, abundam as arvores e as sombras; «as aguas e os cisnes; as flores e as mulheres; «os passarinhos e as crianças; ali se entrelaça a «convivencia; se deslembram cuidados; se dis- «traem penas; se assoalham modas; se pleiteam «luxos; e se bebe em ares balsamicos saude e «satisfação; tudo isso é muito, e bem haja o pri- «meiro que se lembrou de incluir nos recintos «das cidades populosas estes oásis da natureza «campestre esmerada pela arte; é muito, sim, «mas não basta. Nestes passeios está o *hoje* em «toda a sua pompa; mas onde estão nelles o *hon- «tem*, e o *ámanhã*, que tambem lá cabiam, e com «os quaes o hoje augmentaria os seus prazeres? «onde estão as estatuas, pelo menos os bustos, «ou sequer os nomes, dos que a morte apartou da «nossa vista, mas não da nossa memoria, que «elles penhoraram por seus feitos, por suas vir- «tudes, por seus escritos? em parte nenhuma. «Aqui o marmore transformou-se em cisnes, em «ninfas, em deuses de rios; além, em heroes «romanos; nunca num portuguez benemerito; «e não é isto esquecer a um tempo, futuro, pas- «sado, e presente?

«A effigie de um conterraneo preclaro pren- «de-nos pelo respeito ás gerações anteriores; en- «grandece-nos o espirito, juntando á nossa hora «actual uma existencia que não tinhamos; ac- «cende-nos emulações muitas vezes fecundas; «far-nos-ha porventura córar da nossa inutilida- «de; cerrar-nos-ha acaso os labios em meio de «uma frase nescia ou maligna; d'essas que tão a

«miudo nascem no meio dos ajuntamentos, que «só capricham de levianos; dará thema a con- «versações instructivas, a lições que em almas «tenras de filhos se gravem indeleveis; quantos «heroes não terão nascido de estatuas!!

«Depois, quando estrangeiros, passeando por «entre nós, nos desdenham pequenos, já póde «ser que andariam menos sobranceiros, se vis- «sem em multiplicados monumentos a demons- «tração de que somos grandes.

«Era isto, meu caro amigo, o que eu ha annos «ponderava á nossa gente. Ninguem ouviu; se «ouviram, não entenderam; se entenderam, não «acreditaram; se acreditaram, não lhes impor- «tou.

«Aproveitei o lanço de publicar o livro intitu- «lado *Camões*, para auspiciar com esse nome tão «nacional, não só este alvitre, mas outros igual- «mente exequiveis, faceis, prestantissimos: a fun- «dação de um Campo Elysio, cemiterio privile- «giado para os mortos famigerados, e inaugura- «do com o tumulo do cantor das *memorias glo- «riosas;* a assinalação official dos logares e edifi- «cios memoraveis pelo nascimento, vida, feitos, «ou morte de portuguezes celebres; e... que sei «eu? quantas coisas optimas se não pediam ali, «que já hoje poderiam ter dado tanto fruto! e «nem sequer da imprensa me saiu um eco!

«Ambicionei entrar véreador na gerencia mu- «nicipal, só para ver se dava impulso a estas «fundaçõesinhas maximas; propuz-me candidato, «não me escutaram.

«Por tres vezes me tenho dirigido aos paços «do concelho, como procurador dos nossos de- «funtos e ausentes, ausentes da memoria e gra- «tidão de seus prodigos herdeiros, e nem uma «só resposta, nem sequer um *não*, para meu des- «canço e final desengano, alcancei nunca. Quem «nos explicará, e quem absolverá estas indiffe- «renças, estas desmemoriações, chegadas quasi a «descortezes? Dizem que rescendem a poesia as «minhas propostas; e que pedir poesia a verea- «ções, o mesmo é que esperar ananazes de abo- «boraes; não o creio. Se o corpo municipal não «teve ainda vagar para se embeber d'estas idéas, «e desferir um pequeno vôo para cima do ex- «clusivamente fisico, material, e immediato, quem «nos diz que não chegará ámanhã a sua hora, e «se não fôr este, quem sabe se não será o pri- «meiro que após este se eleger?! Terra de poesia «foi sempre a de Portugal! e não creio que, só «pelo facto de haver um homem aqui sido elei- «to para fazer aceiar e alumiar ruas, apagar in- «cendios, matar cães, e alindar passeios, fique «*in perpetuum* condemnado a não sentir nem «perceber o bello noutra esfera de idéas menos «prosaica e vulgar. Medo tenho de que fosse o «ter sido eu o alvitrador, o que, logo á nascen- «ça, augurou em mal estes negocios, tão singelos «de si, como sympathicos e patrioticos. — «Tudo «que abençôo cai» — dizia Chateaubriand; cuido «que a mesma sina tive eu no berço.

«Vede vós, meu amigo, se podeis quebrar estes «ininteligiveis encantamentos. Parece-me que sem

«muito custo o lograrieis. Esculpi, para tentati-
«va, o busto de algum eximio portuguez (antes
«finado do que vivo, que será diminuir-lhe im-
«pedimentos) o de Filinto, por exemplo, o de
«Bocage, o de Garrett, ou de Silvestre Pinheiro,
«ou de Ferreira Borges, ou de S. Luiz, de Fer-
«nandes Thomaz, Visconde de Santarem, Corrêa
«da Serra; e pedi á Camara Municipal outorga
«para os collocardes em qualquer dos tres pas-
«seios publicos da côrte, não á custa do seu co-
«fre, mas a expensas nossas, e dos mais amigos
«da gloria portugueza que ambicionarem haver
«parte nesta oblação. Obtida a annuencia, impos-
«sivel de recusar, e aberto o primeiro exemplo,
«imital-o-hão, além de vós mesmo, outros artis-
«tas, tomados de generosa emulação; veremos á
«porfia os cinzeis de Assis Rodrigues, de Victor
«Bastos, de Cagiani, e de outros, que após esses
«accorrerão com alacridade ao stadio de honra,
«augmentar de anno para anno a população im-
«mortal dos nossos jardins. Onde até aqui só se
«viu com pomposo alardo uma exposição de
«arbustos floridos, resplandecerá permanente a
«de homens nados e criados neste uberrimo
«torrão, para bem o servirem em vida, e fica-
«rem-no exhortando e ennobrecendo depois da
«morte. Que razão se levantaria contra isto?
«nenhuma; em favor mil, não sendo a minima
«o incremento que assim receberiam os estudos
«artisticos, e o gosto publico, até agora em in-
«fancia e ao desamparo.

«Para tudo aqui serem facilidades, imaginae

«com que alvoroço a familia de cada persona-«gem memoravel se faria uma festa de ir collo-«car, a expensas suas exclusivas, o homem ou a «mulher do seu nome e do seu sangue, naquel-«las sombras honorificas, naquelle Elysio sem «Lethes, naquelle Pantheon vasto, ridente, des-«coberto ao sol, inundado de fragrancias, cheio «dos hymnos das arvores, das aves, e das aguas.

«Commettei, commettei a empreza, meu ami-«go! meu artista! meu portuguez! e boas fadas «que vol-a bafejem!

«Bem póde ser, que mais intellectualisada a «nação, e mais apurada no sentir dentro em al-«guns annos, chegue a pôr entre as suas leis «mais queridas a d'estas posthumas recompen-«sas, que estimulam e fertilisam o porvir. Espe-«remos que algum dia, quando menos egoistas, «ou mais discreta e mais nobremente egoistas, «uma pragmatica amoravel, que não se enver-«gonhe de ser poetica, repute negocio do estado «o decretamento de taes ovações, e que talvez «até aos representantes do povo se confira o di-«reito e o dever de votarem elles, em nome da «patria, as estatuas publicas remuneratorias. As-«sim o praticou, mais de uma vez, em Roma o «seu senado.

«Ousemos acreditar, meu bom amigo; é já um «bom principio para conseguir. O passeio publi-«co, diante da vossa officina, vos recorde cada «madrugada o nosso empenho.

«Mãos á obra! depare-vos Deus para o vosso «primeiro busto, com que já conto, melhor assum-

«pto por parte do talento, do que d'esta vez o «tivestes. Por parte do coração e bons desejos, «basta e sobra que vol-o offereça igual; superior, «ainda elle o não criou.

«Concluo supplicando-vos repartais os meus «agradecimentos com os vossos collaboradores «nesta magnifica *surpreza* com que me viestes «confundir. Coelho, gravando a estatua com a «mestria que todos lhe admiram; Leite, illus-«trando-a com aquelle primor de estilo brotado «do coração, que lhe affiança um dos primeiros «logares entre os escritores portuguezes; a redac-«ção do *Archivo Pittoresco* consociando-os a am-«bos nas suas paginas, deram-me antecipado ta-«manho premio, que o não chegaria eu a justi-«ficar com um seculo de tão perseverantes e «patrioticos trabalhos, como os que me têem «consumido estes ultimos oito annos.

«A elles e a vós abraça do coração o vosso ad-«mirador e amigo obrigadissimo.

«Lisboa 12 de julho de 1857.»

POLICIA

(Tomo I pag. 13, linha 13—*Junto á porta da rua um croque etc.*)

«Ordenou o dito Senhor (El-Rei D. Manoel) que «todo official mecanico tiuesse na cidade de Lis-

boa, aa porta de sua tenda e casa em que viuesse e stiuesse, hum croque em haste de 16 palmos, teendo casa em que coubesse. E quando não coubesse na casa, fosse da grandura que na casa coubesse. E fossem obrigados com os ditos croques a acodir a qualquer arroido, que se fizesse na rua em que viuessem, ou per onde fossem fugindo alguns malfeitores: e trabalhassem quanto possiuel lhes fosse por os prenderem; e entregarem presos aas Justiças. E não o cumprindo assi, não dando e mostrando tal razão, que os absoluesse de culpa, pagassem mil reaes, ametade para quem os acusasse, e a outra ametade para a piedade etc.»

Dvarte Nvnez do Lião.
Leis extravagantes etc.

LATIM

(Tomo I pag. 47, linha 11 — *Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma.*)

Sobre os conhecimentos latinos e outros de D. Sebastião, oiçamos o seu chronista D. Manoel de Menezes:

«No Estudo do Latim mostrou El-Rei grande «emgenho, e memoria nas Liçoens, que lhe lião, «porque em breve tempo precebia paginas, e fo-

«lhas inteiras de Versos, e Prosa, ainda que fos-
«sem muy escuros, no que o não excedia outro
«algum, e chegou a grande conhecimento dos Au-
«thores Latinos, por escuros que fossem, de tal
«sorte que indo hum dia pela sésta, governando já
«o Reyno, ter com elle o Padre Amador Rabello,
«cõpanheiro do Mestre, o achou lendo por huma
«Prefacção de São Jeronymo, ou Santo Agostinho
«que para a entender teria bem que fazer qual-
«quer Mestre; porque lendo o dito Padre algu-
«mas regras lhe parecéraõ muy escuras, e pre-
«guntando se tinha alguma duvida lhe respon-
«deo, que a fosse vendo, e elle hiria juntamente
«convertendo em Portuguez; e assim o fez tão
«claramente sem tropeçar em cousa alguma, que
«ficou o Padre muito admirado, não esperando
«tanto delle, e por ser fundo o pego, em que se-
«meteo. Ouvio tambem Mathematica, e fez nella
«taes progressos, que sobre a Esphera de João Sa-
«crobosco, fez huns Comentarios muy doutos, e en-
«genhosos; o que visto pelos peritos na Materia,
«não acharaõ que emendar, antes taõ acertados,
«como de algum bom Mestre da Materia.

«Por sua grande curiosidade, e vivo emgenho
«alcãçou alguns principios das outras Artes, e
«Sciencias, e folgava por recreaçaõ de se achar
«em algumas Conclusoens de Filosofia, e Theo-
«logia, quando se defendiaõ em alguns Conven-
«tos.»

Porque razão naquella edade se fazia tamanha conta do latim que até principes e reis, damas,

princezas e rainhas, punham peito a sabel-o, traduzindo-o, fallando-o, e não raro escrevendo-o com apuro e elegancia? E porque razão hoje em dia, não só damas o não aprendem (nem poderiam aprender, á vista do veto que lhes poz um proloquio tolo) senão que nem o aprendem homens, nem o aprendem litteratos, e, o que mais é, litteratos que talvez o aprenderam escarnecem d'elle? A primeira pergunta facil se depára a resposta, e vem frizando: havia poucos escritos em lingua vernacula, e nenhum que nem por sombras orçasse pela maxima, brunida e esmerada perfeição dos exemplares em prosa e verso de Roma, da boa velha Roma, tão gentil peccadora a principio, e depois tão santa, e duas vezes nossa mãe. A litteratura castelhana, a italiana e franceza, pouco se avantajavam da nossa, e não tinham lá coisa que valesse os Ciceros e Virgilios, os Plinios e Ovidios.

Mas a segunda pergunta já se não deixa responder tão facilmente; digo, responder com satisfação da consciencia. O que só tenho ouvido allegar por parte dos nossos anti-latinos, é, que esse estudo come annos da vida e val pouco; val pouco, dizem elles, porque já em latim se não falla nem disputa; val pouco porque todo o conteudo da prosa e verso dos romanos autores é *fóssil;* val pouco porque tudo isso se póde ler em traducções; e menos ainda val, porque nos idiomas modernos e no patrio, tanta coisa excellente em materia e forma nos chama de todas as partes pela attenção, que seria simpleza trocar este

oiro por aquelles avelorios. Nenhum d'esses dizeres deixa de ter sua verdade, mas a consequencia que d'elles tiram é que não é logica.

O estudo do latim não é méro luxo; d'elle se formou, por elle cresceu e se poliu o portuguez; por elle se póde ainda enriquecer, e curar-se, em parte, dos ruins humores que o vão contaminando cada vez mais. A tediosa prolixidade do estudo do latim, não é culpa d'elle, senão só dos methodos; com methodo e mestre bom, se póde aprender em um anno; Lemare o demonstrou em França pela pratica; (é argumento á *fortiori*, porque do latim ao francez vai tresdobrado caminho que do latim ao portuguez) e a demonstral-o pela pratica me offereci eu já tambem; ora esse anno, e o dobro que fosse, não daria de si unicamente o que alguns superficiaes imaginam.

O habito de analisar numa lingua tão perfeita, cria no espirito uma propensão logica, uma necessidade de exacção, cujas vantagens são incontestaveis para quem ha-de escrever; habilita para a afinação da prosa, e para os effeitos artisticos do estilo; dois predicados essenciaes para a duração e immortalidade das obras; e nos familiarisa com o pensar de grandes homens, que não escreviam de empreitada, por aposta, ou para negocio como hoje, pois quem no original não leu os bons autores, por mais e mais insignes traducções que d'elles devorasse, não os leu nem os conhece.

Revolvamos com mão diurna e nocturna os livros modernos das sciencias, das artes, e de todo

o genero, que a nossa terra, ou quaesquer outras tenham produzido, produzam, ou houverem de produzir merecedores de attenção; de uns nos virá doutrina; d'outros elegancia; d'alguns tambem elegancia e doutrina; com elles todos nos poderemos fazer fortes na materia da nossa occupação ou gosto particular. Mas, se ambicionardes deixar á posteridade coisa que lhe mereça applausos de classica, se quereis sacar maravilhas d'esta mal avaliada harpa, *chamada lingua portugueza,* que meia duzia de velhacos afrancezados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso povo readquira, e melhorado, o que maus administradores lhe têem perdido por incuria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor de patria ao verem por documentos irrefragaveis, que o francez não é, como elle blazona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrario, o portuguez é no seu collocar e frasear, dez vezes, cem vezes, mais logico, mais rhetorico, mais poetico, e mais musico, que o francez; [1] se nos importa em summa (e deve-nos importar) o sermos portuguezes, tornemo-nos ao latim.

O portuguez está no latim e o latim no portuguez.

[1] Pobre lingua do agente verbo e paciente! sem inversões, afogada em *ee,* esmiunçada em monosyllabos como o chim com agudos demais e sem um unico esdruxulo; sem energia de prosodia, e de tão pouco rithmo, que sem rima não póde dar verso que por verso se conheça e demais a mais eivada de calemburs, trocados e derivações, como os nossos classicos os chamam.

E não o creiam só porque o dizemos nós, os que somos portuguezes e de portuguezes nos prezamos; consultem o erudito e judicioso castelhano Feijó, no tomo 1.º do *Theatro Critico*, Discurso xv onde honradamente diz: «Que a lingua portu«gueza ou gallega se deve considerar dialecto se«parado da latina, não subdialecto, ou corruptella «da castelhana, quanto a mim se prova, com evi«dencia, do maior parentesco que ella tem com «a latina do que a nossa (a castelhana). Para quem «conhece estas linguas, não póde haver duvida, «em que, geralmente fallando, as vozes latinas «degeneraram menos na portugueza.»

E de que assim devia ser, acha elle na historia mui cabal explicação.

Poucas palavras mais sobre isto que na primeira edição se ponderava:

A tendencia que ao presente se nota na direcção dos estudos publicos, vai mais para favorecer a escola primaria, que as do latim; é tambem essa a minha. O indispensavel deve ser anteposto ao que, rigorosamente fallando, o não é. Se cada escola de latim custa tanto como duas ou tres escolas elementares, votâmos que a supprimam para as criarem. Quem pretender versar-se no idioma do antigo imperio romano, que pague á sua custa a satisfação d'esse louvavel ap-

petite. Á custa do pão intellectual do povo não póde ser.

Accresce porém que a maioria dos que em latim se dão por approvados ahi a cada canto, apenas o varejou pelas pontas das ramas; não se chegou a saborear nelle; e tão pouco o absorveu, digeriu e assimilou, que andados poucos annos se lhe tornou de lingua estranha, estranhissima, e totalmente inintelligivel.

O faciendum para gente sisuda, seria pois olhar-se uma vez com seriedade para a maneira como em geral se fazem, ou se fingem fazer, este e outros ensinos.

Será ou não verdade, que o do latim, substituido aos methodos velhos outro mais filosofico, se póde perfazer num ou dois annos, quando muito, no logar de quatro ou seis? Verdade e reverdade. Logo, é romper empachos futeis, e metter desenganadamente mãos á obra; é fundir num systema judicioso, claro, e harmonico, o que de melhor propozeram no assumpto Lemare, Jacotot, e Robertson; tratar até ao ponto possivel a lingua morta como lingua viva; dar menos a decorar por atacado, confusa, secca, e indigestamente; e dar infinitamente mais, e tudo, a analysar e a comprehender. Tudo o que se comprehendeu, decorou-se e ficou; não fazer da estirada charneca da grammatica estrada, pois o não póde ser, para a traducção; mas começar francamente pela traducção, e vir trazendo para ella, e por ella, os principios e as regras grammaticaes. A cada um d'estes principios, e a cada

uma d'estas regras, juntar logo, e bem palpavel, a sua razão íntima de ser; e ainda depois d'estas facilitações, empregar, sem desdens ridiculos e nescios, a summa facilitação: a mnemonica, as formulas metricas e rimadas.

Quem bem sabe quão pouco dista do latim o portuguez; quem bem chegou pela reflexão a liquidar que o portuguez é na sua quasi totalidade o proprio latim disfarçado, e como as conversões de um para outro idioma occorrem pela maior parte d'um modo regular e uniforme, já não póde regeitar como utopia o que propomos.

Quem isto aqui expõe não está contando um sonho de theorista ocioso, um alvitre que no exito poderia ser confirmado ou destruido; recommenda o que a sua propria experiencia lhe averiguou como indisputavelmente verdadeiro e prestadio.

O seu *Curso* inedito *de lingua latina*, seria, se lh'o quizessem acceitar, uma revolução tão fecunda para este ensino, como para o das primeiras lettras o foi o *Methodo Portuguez*.

—«Então porque o não publica?»—

Outros que o façam depois d'elle morrer. Saiu-lhe tão cara a reformação do *a b c*, que lhe falta já animo para provocar a infallivel e tremebunda guerra do *hora horæ*. *Non bis in idem*.

Outro alvitre menos temerario que o precedente (é fadario nosso instarmos por criações uteis; hão-de nol-o perdoar).

Vamos lançar para aqui, para este humilde repositorio de bons desejos, extractos de duas car

tas que dirigimos ao nosso muito sabio, e honrado confrade academico, o aio de Suas Magestades e Altezas, ò sr. conde da Carreira; nelles se contém em resumo o nosso pensamento:

Em 16 de setembro de 1862

.....

«Noutro objecto conversámos nós, sobre o qual «continuei a pensar até agora, e a cujo respeito «peço licença a v. ex.ª para expôr aqui um al«vitre, que, se a v. ex.ª aprouver, bem poderá «vir a dar de si grandes vantagens.

«Assentámos, e toda a gente de instrucção e gos«to concordaria comnosco, cuido eu, em que ha«veria grande utilidade em se emprehender a col«lecção dos classicos romanos impressa com boas «traducções em portuguez. Concordámos em que, «procurando-se bem, não faltariam escritores en«tre nós aptos para collaborarem em tão vasto como «formoso monumento; mas entendemos ao mes«mo tempo que o maior *busillis* da empreza se«ria a publicação d'esta, não obra, senão livra«ria. Neste particular, só muito de leve acenado «por mim, persuado-me de que v. ex.ª concorda «tambem commigo.

«A Academia Real das Sciencias folgaria, sem «duvida, de ser a promotora e a emprezaria da «edição se o pudesse; infelizmente não póde.

«Livreiros impressores com posses e animo para «grandes emprezas, não os ha-de haver tão cedo «em Portugal.

«Os litteratos, esses então ainda que os submet-

«tessem á prensa-hydraulica mais possante não «estilavam de si o oiro necessario para taes gas-«tos.

«Quando eu era ainda mais utopista do que «hoje sou, lembrava-me sempre das Côrtes quan-«do se tratava do nosso credito litterario; mas «qual seria o parlamento que se atrevesse diante «de uma imprensa que pela maior parte ignora «o latim e o portuguez, a approvar uma lei dan-«do meios pecuniarios para a impressão de livros, «e livros antigos? nenhum de certo.

«Neste desamparo occorre logo um expediente, «que até devia ser o primeiro lembrado: é a boa «vontade d'El-Rei.

«O senhor D. Pedro V criou o Curso Superior «de Lettras e foi uma bella herança que nos dei-«xou, se Deus a quizer abençoar; ainda não dá «frutos mas já se póde prever que os ha-de dar.

«Esta fundação do senhor D. Pedro V merece «bem completada pelo senhor D. Luiz, e tenho fé «em que a pouco e pouco o ha-de ser.

«Então, digo eu, porque se não havia de lem-«brar a Sua Magestade que a traducção dos clas-«sicos romanos é um complemento quasi indis-«pensavel, e, fallando com mais propriedade, in-«dispensavel, para aquella parte do curso, que versa «essencialmente sobre a litteratura antiga? As ra-«zões d'este meu dizer, aliás obvias, já eu as apon-«tei e foi na carta em que me desculpava perante «o chorado Principe de não acceitar a cadeira de «*Litteratura Moderna*, carta hoje publica no jor-«nal a *Revista Contemporanea;* e ainda no prologo

«aos *Fastos* tornei a martellar no ponto; que eu «sou dos taes verdadeiros paulistas que obedecem «á sentença do seu S. Paulo prégando as verda- «des uteis opportuna e importunamente.

«Outra consideração que porventura não será «perdida para El-Rei:

«Quão proprio não viria na fausta conjunctura «em que nos achâmos, o determinar Sua Mages- «tade a fundação de um monumento, como este, «mixto de glorias italianas e portuguezas! seriam «as musas a completar e coroar a aliança inter- «nacional tão auspiciosamente encetada pelo amor.

«Todos estes arcos que a tanto custo se andam «levantando, são para serem demolidos logo que «se lhes houver passado uma vez por baixo; hão- «de-se apagar com as luminarias, e dissipar-se «com o fumo das salvas e os ecos dos vivas; mas «o padrão litterario, esse ha-de ficar para todo «sempre.

«Não acha v. ex.ª plausivel este alvitre? não o «acha digno de ser por v. ex.ª mesmo suscitado «a Sua Magestade? espero que sim; e se o fôr, «confio em que Sua Magestade o abraçará gostoso; «e não será este um dos menos bellos frutos do «seu consorcio, nem dos menores louvores do seu «reinado.»

.....

.....

Em 22 de setembro de 1862

«Illmo e ex.^mo^ sr.

«*Meu respeitavel confrade e amigo:*

«Beijo as mãos a v. ex.ª pela boa sombra que «v. ex.ª está prestando ao meu alvitre, em favor «das lettras romanas e portuguezas. O Camões ti- «nha razão: só quem sabe da arte, é que a es- «tima. Eu não podia ir bater a melhor porta.

«Avalio bem a difficuldade pecuniaria da em- «preza. Mas se v. ex.ª me dá licença haveria tal- «vez um modo de a attenuar. Eil-o aqui: O mi- «nisterio do reino dispõe legalmente de alguns «contos de réis annuaes para auxilio de publica- «ções uteis; então se d'ali se deduzisse uma boa «porção para se irem imprimindo d'anno a anno «os livros que se fossem apurando do nosso que- «rido *Corpus Auctorum Latinorum*, não teriamos «o problema resolvido, sem onus algum para o «bolsinho d'El-Rei, sem razão de queixa para pes- «soa alguma, a contento, e com muito applauso, «de todos? Eu acho que sim. Mas se El-Rei sym- «pathisa com a empreza, como espero, porque é «bonissima, fallando Sua Magestade com o minis- «tro do reino, e significando-lhe a sua vontade, «este, que é homem illustrado e amigo das let- «tras, poderia ainda suggerir mais alguma facili- «tação, ou algum recurso novo, para se levar a «effeito a fundação d'este monumento, o maior «sem duvida da litteratura portugueza.

«Outra consideração para nos criar animo:

«Por mais que forcejemos, é claro, e de primei-

«ra intuição, que as traducções, taes como se «querem, e devem ser, têem de levar muito tem- «po a fazer, a corrigir, a apurar, e por conse- «guinte poucos volumes se poderão imprimir em «cada anno, e nos primeiros um ou dois annos «muito menos ainda; logo, os gastos de retribui- «ção aos traductores (retribuição que eu julgo «indispensavel) e bem assim o custo do papel e «da impressão, pouco pódem avultar, especial- «mente nos primeiros tempos.

«Haveria ainda outras lembranças para faci- «litar a coisa, taes como a insinuação pelo go- «verno aos governadores civis, para promoverem «subscripção pelas Camaras Municipaes etc. etc. «etc. Estes poucos ás vezes sommam muito.

«O que a mim me parece essencial, se a coisa «tem de se fazer ou de se tentar, é que appareça «a tempo de figurar como commemoração histo- «rica, e que saia com todo o possivel aspecto de «obra regia, ou, por outra, approvada e favore- «cida por El-Rei, e publicada sob os seus auspi- «cios.».....

.....

E acaba-se aqui a nota.

FOROS DE POETAS

(Tomo I pag. 47, linha 29—*Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assimelham.*)

Isto, e o mais que nesta falla se põe na boca

de D. Sebastião, não desdiz da alma nobre que lhe devemos attribuir.

Nenhuma duvida tive em passar para expressões d'elle, o que ao poeta Ronsard havia escrito o seu amigo e protector Carlos IX numa epistola:

L'art de faire des vers, dut-on s'en indigner,
doit être à plus haut prix que celui de régner.
Tout deux également nous portons des couronnes:
mais roi, je les reçois; poète, tu les donnes;
ta lyre qui ravit par de si doux accords,
t'asservit les esprits dont je n'ai que les corps;
elle t'en rend le maitre et te sait introduire
où le plus fier tyran ne peut avoir d'empire.

Muitos reis, desde Alexandre Magno até Frederico Grande, e de Frederico Grande até nossos dias, terão pensado como Carlos IX; porque em realidade, a verdadeira poesia é tal imperio e sacerdocio, que não ha desconhecel-o, nem escurecel-o. Os poetas ruins e intrusos, desautorisam tão pouco aos legitimos e ungidos, como os clerigos díscolos aos bons pastores, e os tyranetes aos principes humanos e illustrados: sim, muitos haviam de ter pensado como Carlos IX; mas nenhum tão galharda e altamente o expressou. O que a mim sobre tudo me fez força para emprestar estas suas idéas ao nosso rei, foi a maravilhosa consonancia, que em tudo, e logo á primeira vista, se descobre entre D. Sebastião e Carlos IX.

Carlos, nascido em 1550, só chegou com a vida

e reinado ao anno de 1574; Sebastião, nascido em 1554, só chegou com a vida e reinado ao anno de 1578; lá, 24 annos; cá, 24 annos; Carlos, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro e altivo; Sebastião, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro e altivo; Carlos como Sebastião, e Sebastião como Carlos, cubiçando guerra, e amando nas caçadas e montarias as imagens d'ella; Sebastião como Carlos, e Carlos como Sebastião, folheadores de livros, instruidos para o seu tempo, e folgando de escrever, e conversar homens sabios; o francez, deixando na historia da sua França com a *Noite de San Bartholomeu*, uma nodoa de sangue; o portuguez, deixando na historia do seu Portugal com a *Jornada d'Africa*, uma pagina inteira apagada com sangue! aquelle, morre morte miseravel nas garras dos remorsos; na d'este, que horrendo papel não deveram tambem os remorsos representar!

Não é tudo: para D. Sebastião, ha contemporaneo um poeta, como Camões, que lhe dedica o seu poema; para Carlos IX, ha contemporaneo um poeta, como Ronsard, a quem o proprio soberano se não dedigna de escrever.

E ainda tambem ha parallelo entre Ronsard e Camões, se bem que o primeiro morreu, e o segundo não ha-de morrer. Ambos amantes da patria; ambos verdadeiros genios; ambos eruditos; ambos procurando de sobejo parecel-o. Camões, appellidado o *Principe dos poetas do seu tempo;* Ronsard, *surnommé le Prince des poètes de son tems.* Communidade em engenho; communidade em

defeitos; e só, para vergonha nossa, não communidade em fortuna; ainda que tambem nisto compensação: Ronsard, presenteado por cidades e soberanos, vive nos regalos do luxo; Camões, definha nas amarguras do desterro e miseria: mas depois de Ronsard, vem Malherbe, que o eclipsa; depois de Camões, a poesia portugueza, viuva e requestada, ainda não enxugou as lagrimas com segundas bodas. Os versos de Carlos IX mais acertam ainda agora em Camões do que tinham acertado em Ronsard, no auge dos seus triunfos.

AUTO DAS BOAS ESTREIAS

(Nota nova nesta segunda edição)

(Tomo 1 pag. 48, linha 17 e seguintes—*Sabeis que as donzellas, poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia?*—Pag. 97, linha 10—*Venha o Auto.)*

No *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores poetas portuguezes,* por José Maria da Costa e Silva, obra que pela morte de seu autor ficou infelizmente incompleta, infelizmente digo, porque apesar de varias inexacções, e alguns juizos mal assentes, não deixava de ser um bom auxilio para a historia litteraria, lê-se no tomo II a pag. 289 e ávante, tratando do classico Antonio de Castilho, o seguinte:

«Estavam perdidas todas as esperanças de ap-
«parecer alguma poesia de Antonio de Castilho,
«quando um acontecimento, venturoso para as
«lettras patrias, veiu reanimal-as, mostrando a pos-
«sibilidade de apparecerem algumas, quando ha-
«ja zelo em examinar as bibliothecas publicas, e
«particulares do reino. Em carta datada do 1 de
«janeiro de 1848, o sr. L. F. Leite, mancebo de
«grandes esperanças pela sua applicação, e saber,
«remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao redac-
«tor, e proprietario do excellente periodico a *Re-*
«*vista Universal Lisbonense*, o ill.mo sr. Sebastião Ri-
«beiro de Sá, a copia de um *Auto* de Antonio de
«Castilho, que elle deparára em um livro de 625,
«com o titulo de *Miscelanea de versos e prosas*, to-
«do escrito de lettra de mão.

«Esta preciosidade poetica não podia ser diri-
«gida a pessoa mais zelosa da gloria, e das lettras
«da nossa patria: elle a deu logo á luz no nume-
«ro 35 do seu jornal, d'onde passo a transcrevel-o,
«para que os leitores, pelas dimensões d'este de-
«do, possam calcular a grandeza do gigante, e
«avaliar a perda que tem sofrido o nosso Parna-
«so com o sumisso dos escritos poeticos d'este au-
«tor tão elegante, e correcto.

«Este *Auto* intitula-se *da Boa Estreia*, e foi re-
«presentado nos Paços da Ribeira, na presença
«d'El-Rei D. Sebastião, e da sua côrte, aos 23 de
«junho de 1578; e o seu objecto é bem agoirar a
«expedição, que então se preparava contra os moi-
«ros de Marrocos, que tão funestos resultados te-
«ve para o rei, e para o reino.

«O estilo e systema dramatico d'esta composi-«ção indica um discipulo de Gil Vicente: ha po-«rém nelle, além da maior pureza de linguagem «e mais sonoridade dos versos, muito mais apu-«rada fabricação de coplas, e viveza de expressão, «o que mostra o progresso, que a arte tinha fei-«to; juntando-se a isto a circunstancia de todo «o drama ser escrito em portuguez, sem mistu-«ra de castelhano, como se observa nas obras «dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, «e Luiz de Camões.

«Sem que este drama possa julgar-se uma com-«posição extremada, não póde comtudo negar-«se que ha nelle trechos de boa poesia, e que a «sua representação, sendo bem executada, devia «recrear e agradar muito pela pompa do espec-«taculo e pela musica dos córos. Os interlocuto-«res são os seguintes, que parecem pouco proprios «para se acharem juntos:

«Ermitão.
«O Deus Marte.
«Fada Marinha.
«Côro de Seraphins.
«Côro de Diabos.
«O Mouro.»

Segue transcrevendo o *Auto*, e semeando-o de notas encomiasticas.

O nosso sabio bibliographo e academico, o sr. Innocencio Francisco da Silva, diz sobre isto no tomo I do seu *Diccionario* a pag. 108:

«Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo VII, a pag. «413 e seguintes, appareceu pela primeira vez um «*Auto* chamado da *Boa Estreia*, que ahi se diz «ser de *Antonio Castilho*, e que fôra representado «*ao muito alto e poderoso senhor rei D. Sebastião* «*nos Paços da Ribeira aos* 23 *de junho de* 1578. «Ali se declarava outrosim que esta peça incog- «nita a Barbosa, e a todos os nossos bibliogra- «phos, *fôra recentemente descoberta na ilha de S.* «*Miguel* pelo sr. Luiz Filippe Leite em um volu- «me manuscrito *que continha muitas outras poesias* «*ineditas de varios autores.* Alguns escrupulosos «quizeram achar neste procedimento uma espe- «cie de burla ou zombaria feita ao publico, quan- «do viram pouco tempo depois (em 1849) o *Auto* «de que se tratava impresso textualmente no *Ca-* «*mões* do sr. Antonio Feliciano de Castilho a pag. «79 e seguintes,[1] e dado ahi como composição pro- «pria e original d'este sr., que sendo *Anto-* «*nio Castilho* não era de certo aquelle em cujo «nome a obra fôra apresentada aos leitores! O «que porém não deixa de merecer neste caso «memoria especial, é que o *precioso descobrimento* «illaqueasse a desprevenida boa fé do sincero «José Maria da Costa e Silva, levando-o a feste- «jar *um acontecimento tão venturoso para as lettras* «*patrias*, e a introduzir no seu *Ensaio Biographico-* «*Critico*, tomo II, pag. 289 e seguintes, o pretendi- «do *Auto* palavra por palavra. É para admirar o «tom ingenuo e serio com que elle trata o as-

[1] 97 e seguintes da presente edição.

«sumpto; e o modo como procede, tanto na ana-«lyse do *Auto*, como nas reflexões que lhe ajun-«ta, sem desconfiar nem remotamente do logro «em que caía; e muito mais se deve estranhar «que tudo isto viesse á luz já em 1851, isto é, «dois annos depois de aclarado o enigma, e quan-«do a chave do negocio estava a todos paten-«te.»

O caso foi assim:

O sr. Luiz Filippe Leite, mancebinho ainda então, mas em quem já vinha alvorecendo com o amor aos estudos o grande engenho litterario, e a poesia que tanto para o diante o haviam de illustrar, coadjuvava-me como secretario e amigo nas minhas tarefas de estudioso e escritor.

Lendo, escrevendo, e discursando, amenisavamos o melhor dos dias, e as noites quasi inteiras, no voluntario desterro da ilha de S. Miguel.

Da excellencia das suas faculdades, assim como dos delicados sentimentos moraes que lh'as realçam, ninguem poderia prestar mais convicto testemunho do que eu; e glorio-me de o haver feito nas diligencias que empreguei perante o governo para que se transferisse de mim para elle o encargo, com que Sua Magestade me honrára, de fundador e director da Escola Normal Primaria de Lisboa. Mantenha-o Deus ali por largos annos, e a instrucção elementar do nosso povo, amores meus e amores d'elle, ambição d'elle e ambição minha, breve lhe haverá devido o mais auspicioso desenvolvimento.

Largo a digressão, que me levaria muito longe, e torno-me a S. Miguel:

Acabava eu de lhe dictar, e elle de me escrever, o ultimo verso do *Auto*; esmorecia o candieiro, e entrava-nos já pelas janellas a aurora a rir, talvez da nossa perseverança no trabalho, quando me occorreu, não sei como, a lembrança de verificar se a recem-finda composição poderia de feito passar por antiga, e da escola de Gil Vicente, como fôra o meu intuito.

D'ahi a carta ao nosso bom amigo Ribeiro de Sá, assinada por Luiz Filippe Leite, e remettendo-lhe a copia do *Auto* para a sua *Revista Universal*. Mais nada. O restante já os leitores o conhecem. Não foi uma fraude: foi um mero brinco, d'estes com que tantas vezes se entruda na républica litteraria sem offensa para ninguem. E que outra coisa podia ser, se dentro em pouco o drama, em que o *Auto* figurava, havia de sair á luz, e desatar todo o enigma?

Ora, verdade verdade, tambem eu, assim como o sr. Innocencio, me admiro de que pudesse cair em laço tal o bom do Costa e Silva; e tão em cheio tão em cheio, que andou com as notas exaltando como versos do meu velho, os que a terem levado logo o meu nome, nem menção porventura lhe mereceriam. Digo isto por me lembrar ainda do seu poema satirico *A Visom*, impresso com o seu poema da *Heroina d'Aragom* em 1832.

Tendo-se espalhado em Lisboa, que eu havia morrido, quando não estava senão enterrado no meu deserto da Castanheira do Vouga, o poeta

que andava vivo e solto por Lisboa, aproveitou a occasião para debicar no meu livrinho do *Amor e Melancolia*. Isso é que foi *A Visom*. Quando me viu poucos annos depois resuscitado, não folgou muito.

Mas todas essas nuvemzinhas litterarias as varreu o tempo; e agora que o pobre Costa e Silva jaz devéras defunto, não seria bem alargar mais estas memorias.

TALENTOS FEMINIS

(Tomo 1 pag. 48, linha 17—*Donzellas poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia*—Pag. 95, linha 20—*Damas seguidas da Rainha D. Caterina e da Princeza D. Maria*—Pag. 115, linha 12—*Aproximae-vos: Luiza Sigêa, Publia Hortensia de Castro, Joana Vaz, Angela Sigêa*—Pag. 115, linha 18—*Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos*—Pag. 116, linha 22—*A Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão sinal para que ninguem se levante, se retiram.*)

A introducção da princeza e da rainha em scena, é um pequeno anachronismo. Neste S. João de 1578 ambas eram já finadas: a primeira fallecêra a 10 d'outubro de 1577; a segunda, em 12 de fevereiro de 1578. A differença de oito e de quatro mezes, não é para comparar com a de tres seculos, que medearam de Eneas até Dido, mas não impediram a Virgilio de fazer morrer Dido d'amores por Eneas. ¿Se até aos épicos se perdoam

taes liberdades, como se não absolveria um longe d'ellas no theatro, onde tudo são tropeços e embaraços?

O meu fim no evocar para entre os vivos ambas estas boas defuntas, mórmente a princeza e algumas de suas damas, foi trazer á memoria e consideração de potentados duas verdades, muito certas e muito uteis: primeira, que o saber ennobrece até a nobreza; segunda, que o saber, quando é posto em alturas, e acompanhado de virtudes, se não faz nascer talentos no povo, faz pelo menos com que se aproveitem, e prospêrem, os que lá nascem.

Notorio é como no paço portuguez (já desde El-Rei D. Manoel com especialidade) se amavam e seguiam estudos. Regala-se a gente de pintar na imaginação um D. Manoel a escrever per si cartas famosas, já em portuguez, já em latim; a revolver historias e a alumiar aquelles mesmos, por quem mandava compor os nobiliarios; a praticar já com os architectos, pintores, e estatuarios mais peritos, já com os capitães e navegadores mais assinalados; outras vezes, a folgar com o melancolico e namorado Bernardim Ribeiro; com a real familia, nas primeiras representações que em Portugal se viram, dadas no paço mesmo, e a entreter-se familiarmente com o seu Gil Vicente, rei e descobridor tambem, e com os poeticos filhos do poeta, e com o infante D. Luiz de engenho não menos dramatico, e com o estudioso D. Theodosio, e com o poligloto Diogo Sigéo, e suas dignas filhas etc. etc. etc.

É saboroso o imaginarmos um D. João III a epistolar, como seu pae, nas duas linguas! a entremear com os cuidados da povoação do Brazil, e continuação das conquistas orientaes, o trato das lettras e sciencias! a replantar com mestres estrangeiros de mão cheia a Universidade! a diffundir escolas pelas possessões longinquas! a recrear-se com os dois mui doutos bispos escritores e inda agora mestres, Antonio Pinheiro e Jeronymo Ozorio, com o fecundo e infatigavel André de Resende, com o compilador poeta, musico, e debuxador Garcia de Resende e com tantos outros engenhos cortezãos, cujas producções, ou amostras d'ellas, este nos conservou no seu *Cancioneiro* (eco ainda vivo da curiosidade [1] litteraria d'essa edade) e emfim a colher com delicia os frutos já sazoados do prodigioso talento d'aquelle Gil Vicente, de cuja musa elle, o rei, era collaço, pois na camara da rainha a viram e festejaram pela primeira vez quando a elle lhe festejavam o nascimento.

Que enlevo o representarmo-nos D. Sebastião no meio das suas melancolias devotas, influxo dos jesuitas, propendendo tão fortemente para os livros, entre cujo sedentario commercio, e o correr d'aventuras, não vai pouca paridade! — «Era mui «curioso — diz fallando d'elle, o nosso D. Antonio «Caetano de Sousa — dado á lição dos livros, e «com grande gosto de os ter exquisitos: estimava «os homens eruditos, que eram amigos de livros,

[1] Por cerca de trezentos andam os nomes dos poetas portuguezes udos e miudos colligidos no *Cancioneiro* de Resende.

«agradando-se muito d'aquelles que se applica-«vam; e andavam investigando, e revolvendo li-«vrarias publicas, pelo que costumava dizer, expli-«cando-se com um termo ordinario mas gracioso: «*que as livrarias eram tavernas dos homens de bem.*» —

Elle, a manusear, como de casa, os poetas e prosadores da antiga Roma! a conviver com o sabio e sapiente D. Aleixo de Menezes, seu aio; e com os secretarios d'estado Miguel de Moura, e Pero de Alcaçova Carneiro, (tres luzeiros d'estadistas) e com Antonio de Castilho, seu Chronista Mor! e com Diogo de Teive! e com Jeronymo Côrte Real! e com Francisco de Sá e Menezes, primeiro conde de Matozinhos! e com o famigerado theologo, Diogo de Paiva de Andrada! e com o piedoso escritor fr. Thomé de Jesus! e com tantos e tantos!

Elle a merecer desde annos verdes o que Luiz Vicente lhe escrevia, dedicando-lhe as obras de Gil seu pae « ..... sei que já agora nessa tenra edade de V. A. gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas ..... » e o que lhe escrevia Camões dedicando-lhe os *Lusiadas:*

«.....subindo ireis ao eterno templo;
«..... .....
«dae vós favor ao novo atrevimento,
«para que estes meus versos vossos sejam:

e o que na sua carta (verdadeira carta de guia de reinantes) lhe discursava Ferreira, o poeta filosofo. E por esta occasião será bom observarmos, que tanto essa doutrinal carta lhe caiu, que so-

bre parecerem destilladas d'ella quasi todas as maximas do memorial (de sua lettra) que fez antes de assumir o governo, lhes encorporou, textualmente, o verso com que a carta do Ferreira vai cerrada:

Inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

Mas o que sobretudo me encanta e maravilha nesses tres reinados, mais e muito mais que a grande quantia de talentos varonis que então brilharam, dos quaes eu mencionei varios no decurso do drama, e muitos outros se pódem ver no catalogo de artistas por D. Francisco de S. Luiz, é o apreço que rainhas e princezas davam ás boas artes, e com que em torno a si nas donas e donzellas de seus estrados as faziam resplandecer. Parnaso, e não fabuloso, povoado de musas visiveis, era ahi o paço.

D. Leonor: — viuva de D. Manoel, cultivava as linguas sábias. O que sua filha, a formosa infante D. Caterina, nellas primou, canta-o a fama, e o comprova o que d'ella existe impresso.

D. Maria: — filha dos infantes D. Duarte e D. Izabel, e neta de D. Manoel, foi, por saber, piedade e belleza aventurar a Alexandre Farnes, duque de Parma, e assombrar a Italia. Do saber, que se estendia ao latim, ao grego, á poetica, á mathema-

tica, á filosofia e theologia, e da piedade, que não discrepava muito de santidade, nos conservam documentos obras suas; da belleza e graça nos diz, entre outras coisas, no seu epithalamio a esse casamento, o dr. Antonio Ferreira:

Quantos Maria vêem se alegram e espantam.

D. Caterina:—sua irmã, mereceu o que Venus, no mesmo epithalamio dizia, fallando com sen filho Amor:

Eu digo das duas filhas a primeira
do Iffante clarissimo excellente
da clara mãy imagem verdadeira
neta do Rey primeiro do Oriente.
Porque não farás tu que tambem queira
accrescentar a luz resplandecente,
com que o Mundo se faz mais rico, e claro
co'o fruito de tal tronco ao Mundo raro?
Tambem te deffendiam *Caterina*
clarissima Princeza as castas Musas;
em cujo choro d'alto assento dina
de Minerva te dava mil escusas:
venceste em fim aquell'alma peregrina
com a força, de que tu, se queres, usas;
já ao seu sangue o seu amor juntaste,
e daquelle alto sprito triumphaste.

A nossa D. Maria porém, isto é, a princeza que em scena vimos a par com a, egualmente nota-

vel, viuva de D. João III, a todas eclipsou pela multiplice instrucção, com que desde a infancia soube ir marchetando as virtudes e realçando a formosura, como se deprehende das suas elegantes epistolas na lingua de Cicero, uma a Carlos V, outra a sua mãe já então rainha de França, agradecendo-lhe o havel-a obrigado a estudar tão galharda lingua. Era sua casa uma academia mui cabal de senhoras versadas nas humanidades e em todo o genero de prendas, de algumas das quaes existem obras, d'outras só memoria. Não será empregar mal o tempo ajuntarmos para aqui as de que temos achado noticia, ás quaes aggregaremos varias outras d'esses reinados que nem todas pertenceriam ao paço, mas que a influição do paço, porventura concitaria reflexamente.

Luiza Sigêa:—Diogo Sigé, ou Sigêo como o cá chamam, era um sabio, de nação francez, que de Toledo se passou já com filhas, para Portugal nos fins do reinado de D. Manoel, ou principiado o de D. João III. Fez este rei grande conta d'elle, e provavelmente se não ajudou pouco de seus conselhos para o muitissimo que perfez a bem das lettras e sciencias. De Diogo Sigêo foram discipulas, suas duas filhas, Luiza, e Angela. Luiza Sigéa ou Sigé soube o latim, o grego, o hebraico, o syriaco, o caldaico, o arabigo, sem contar o francez, o castelhano, e o portuguez, e verisimilmente o italiano. Em cinco linguas escreveu ella uma carta, que anda impressa, ao Pontifice Paulo III

A princeza a tomou a si, e d'ella fez sua mestra com grande amor; á princeza é dedicado o poema latino *Cintra* que viu a luz publica, debaixo do nome da mesma Luiza; além d'estes opusculos compoz um dialogo *De differentia vitæ rusticæ et urbanæ*. Outras obras se lhe atribuem, como cartas e versos, e até (mas sem duvida falsamente) um poema *Arcana Amoris et veneris*, estampado muito mais modernamente, e de todo alheio da sua modestia e compostura. Casou em Portugal com D. Francisco Cuevas, fidalgo de Burgos, senhor de Vilanasur. Foi celebrada em prosa e verso, como portento, por todos os sabios e engenhos mais distinctos do seu tempo, e nomeadamente por André de Resende sob o titulo de *Luduvicæ Sigææ tumulus*, impresso em Lisboa em 1561. Deixou: noticias da sua vida numa carta; e um filho por quem a sua descendencia se multiplicou em Hespanha. O jurisconsulto e famoso poeta toletano, João Merulo, lhe fez o seguinte epitaphio:

Loisiæ Sigææ Toletanæ sui seculi Minervæ. Toletum nascentem excepit,
Lusitania honores, et divitias dedit,
Burgi maritum unicumque filium,
Et, pro dolor! ante diem sepulchrum
Anno salutis MDLX. Octob. die
XIII.

O epitaphio porém, que na campa se lhe abriu, feito pelo seu viuvo, val muito mais, e reza assim:

D. O. M.
Loisiæ Sigææ fœminæ incomparabili,
Cujus pudicitia cum eruditione linguarum,
Quæ in ea ad miraculum úsque fuit
Ex æquo certabat!
Franciscus Cuevas mœrentiss.
Conjugi B. M. P.
Vale beata animula conjugi dum vivet
Perpetuæ lachrymæ.

Angela Sigêa:—pertenceu tambem á casa da princeza, do que era digna por sua erudição nas linguas; na musica excedeu ainda a sua irmã.

Publia Hortensia de Castro:—traslado o que a seu respeito commemorou na minha *Revista Universal* de 5 de outubro de 1842 o meu amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára:

«Corria o primeiro quartel do decimo sexto se-«culo, d'esse seculo tão de portuguezes, e, pelo «que já ouvireis, não menos de portuguezas; «quando a Thomaz de Castro, cavalheiro de no-«bilissima geração, nasceu uma filha na villa, «entre as outras, distincta pela antonomasia de «Viçosa. Não nos maravilhára se ouviramos no-«mear Ignez, Leonor, ou Izabel a filha do no-«bre cavalheiro; mas Publia Hortensia, a filha «de um Castro, e de um Castro quinhentista, caso

«é que sempre nos tem dado em que scismar. É «certo porém, que com este nome de matrona ro- «mana entrou no pantheon feminino esta amazo- «na lettrada, esta George Sand (mas honesta) de «tres seculos. Tal foi o furor, melhor disseramos, a «monomania estudiosa, que entrou no corpo e al- «ma da menina Castro, que, deixando o estrado «de Villa Viçosa, e os lavores do sexo, eil-a que «parte em trajos de estudantinho, para a nova, «e então mui florente Universidade de Coimbra, «em companhia de seu irmão Jeronymo de Castro, «que só entrava no segredo d'esta estranha meta- «morphose. Ali cursou humanidades, filosofia, e «theologia; que val o mesmo que dizer todas as «sciencias e lettras em seu tempo conhecidas. «Dos seus progressos na filosofia não ha mais «que dizer, senão repetir o que o mesmo André «de Resende, testemunha de vista, escreveu a um «amigo nesta substancia: —«A coisa mais para ver, «e capaz de vos dar maior satisfação, foi Publia «Hortensia de Castro, rapariga de 17 annos, tão «versada nas maximas de Aristoteles, que dispu- «tando em conclusões publicas com muitos sa- «bios, não houve argumento, por mais cavilloso, «que não solvesse com summa promptidão, e não «menor graça.» —A infante D. Maria, filha d'El- «Rei D. Manoel, cuja casa era uma academia de eru- «ditas damas, a tomou para seu serviço, movida «das recommendações do infante Cardeal D. Henri- «que. Na presença d'estes principes defendeu mais «conclusões. E parece que a edade lhe não apo- «quentava o espirito, porque já em tempo do

«governo d'El-Rei D. Filippe II, e perante elle, sus-«tentou em Elvas outras conclusões theologicas; «acto, que lhe mereceu d'aquelle monarcha a mer-«cê de uma tença de 20$000 reis — pelas suas mui-«tas lettras e saber. — Depois de ter escrito alguns «livros de differentes assumptos, em prosa e verso, «nas linguas latina e portugueza, nenhum dos «quaes chegou a dar-se á estampa, falleceu no es-«tado de solteira a 10 de outubro de 1595, e jaz «sepultada no claustro do convento da Graça de «Evora. — Seja-lhe a terra leve.

«Propomos o seu exemplo, mais para ser admi-«rado, do que imitado das nossas donas.»

Joanna Vaz, ou *Joanna Vázia:*—natural de Coimbra, foi aia da rainha D. Caterina, amiga das Sigêas, e do gremio litterario da nossa princeza. Chamavam-na a filosofa, pela singular agudeza com que disputava nas sciencias; possuia as linguas doutas; dos poetas, tinha larga lição e os imitava. Escreveu epistolas a Paulo III, em latim, em grego, e em hebraico, e varias poesias latinas. D'ella fallam com louvor, Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca*, André de Resende num poema endereçado á princeza e numa epistola inedita a *ad Joannam Vasiam*, e Ayres Barbosa nos seus epigrammas etc.

Paula Vicente: —moça da camara da princeza D. Maria, filha, e, segundo querem, collaborado-

ra de Gil Vicente nas comedias que fez depois de velho. Comedias suas, que não chegaram a ver a luz, consta que as houve de mui particular sabor. Fez uma Arte da lingua ingleza e hollandeza, e imprimiu uma compilação das obras de seu pae. Sôa que fallava muitas linguas, que tinha boas noticias em architectura civil, e alem das prendas de bordar e pintar com perfeição, a de representar com summa naturalidade e graça, de sorte que, não sendo formosa de sua pessoa, por suas prendas e instrucção era muito festejada.

D. Lianor de Noronha:—filha do marquez de Villa Real (D. Fernando); nasceu em Evora em 1488, e falleceu em 1563. Traduziu e offereceu á rainha D. Caterina, mulher de D. João III, a *Coronica geral de Sabellico* impressa em Coimbra em MDL. Na dedicatoria diz:—«Que tresladou para «uso das damas da Rainha, de Latim em lingua-«gem Portuguez, uma Chronica geral pera que «não gastem tão bem aventurado tempo pera nós, «como este, em que Vossas Altezas reinam, em «ler fabulas, senão verdades.

« Deome atrevimento pera offerecer esta mea-«lha de serviço—diz ella—a V. A., ser velha como «a que a lançou no thezoiro do templo, a que «Nosso Senhor acceitou a vontade, como espero, «que V. A. faça á minha, que não sam menos «pobre em saber que a outra na fazenda. »—

Louvam-na, entre outros, Duarte Nunes do Lião, e Jorge Cardozo.

D. Antonia Rojas:—diz d'ella Damião Frois Prim no seu—*Theatro Heroino:*

«Dona Antonia de Rojas, Portugueza de nação, «ainda que ignorâmos o lugar, que lhe deo o «nascimento, mas pelo appellido parece origina- «ria de Castella, pois diz que sua mãy Izabel de «Rojas viera de longes terras, e que ella nascêra «em hum verde valle de Lusitania. Teve hum fi- «lho chamado Pedro de Vasconcellos, que mili- «tou na guerra do mar, e foy morrer á India, «pelejando contra infieis, cujas prendas exagéra «Dona Antonia em huma obra, que escreveo de- «pois da morte de ElRey Dom Sebastião, a que «fez hum Soneto. Em hum volume manuscripto «se achão as obras seguintes: *Intervallo para tris- «tes—Historias fabulosas em prosa Portugueza, mis- «turada com versos—Principio das amargas trage- «dias da Autora, em dóze, que chama scenas, prosa, «e verso Portuguezes—Processo da vida e morte de «huma amante—Tragedia lastimosa de Dona Antonia «de Rojas na morte de seu unico filho; prosa, e ver- «sos, oitavas, sonetos, e outros versos Divinos, e Hu- «manos. Origem authentica de Nossa Senhora de «Monserrate traduzida de prosa em verso.* »

D. Guimar de Jesus:—escreveu: *Consolação do nosso desterro—Incendio do amor*, impresso em lettra quadrada em 4.° por ordem do Cardeal Rei dedicado á Rainha D. Leonor.

D. Helena da Silva:—religiosa cisterciense falle-

cida em 1590; escreveu em castelhano um poema da paixão de Christo, e a vida de N. S. com versos colhidos em Virgilio.

Julia da Ponte: foi (diz o *Theatro Heroino*) da familia de Spilimberg. Compoz diversas obras com grande louvor de muitos escritores, e floresceu pelos annos de 1580.

D. Izabel de Castro e Andrada:—merece lida a noticia que o supracitado Damião Frois dá d'ella:

«D. Izabel de Castro, e Andrada, filha herdeira «de Alvaro Peres de Andrada, commendador de «Saõ Pedro de Torres Vedras, Senhor do morgado «da Annunciada, e de Dona Guimar Henriques, «filha dos Condes da Feira, foy de singular for-«mosura, e de tantas virtudes, que se contaõ della «muitas maravilhas. Casou com Dom Fernando «de Menezes, Senhor do Louriçal, do Conselho de «ElRey, e Capitaõ General de Tras os montes; «depois de cincoenta e quatro annos de idade, «teve milagrosamente dous filhos: Dom Henri-«que de Menezes, e Dona Maria de Castro, mu-«lher de Dom Joaõ de Menezes, Alferes mór.

«Defendeo Dona Izabel de Castro na Igreja do «convento de Varatojo conclusoens de Filosofia, «Theologia, e lettras humanas, e dando ao mes-«mo convento para huma Ermida da Paixão de «Christo hum forno de cal da sua nobre quinta,

«que lhe está vesinha, deixou n'ella escrito o ad-
«miravel Soneto, que anda impresso na historia
«Serafica, e outro que se imprimio no Poema de
«Araucana de Alonso de Ercila, da Impressaõ em
«que foy dedicado ao conde de Lemos e Andra-
«da seu parente, naquelle tempo Embaxador em
«Portugal. Este mesmo Soneto imprimio Manoel
«de Faria e Sousa, no comento das Rimas de Ca-
«moens, no fim da primeira centuria dos Sonetos
«da primeira parte, em que dá grandes elogios a
«esta Senhora dizendo, que fora mestra do mes-
«mo Camoens. Morreo santamente em mil qui-
«nhentos noventa e cinco, e jaz enterrada na ca-
«pella mór do convento da Annunciada de Lis-
«boa da Ordem de Saõ Domingos.»

Digo a verdade: quando me ponho a considerar o que as mulheres são pela natureza, e o que deixam de ser pelas preoccupações e tyranias da sociedade; quando me lembro de tantas, que em todos os tempos e logares se assinalaram por talentos, e hombrearam com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil difficuldades que para elles não existem; quando encontro este meu conceito, não só inteiro, senão ainda avantajado em tão grave e sisudo autor como é o do *Theatro Critico*, [1] doe-me o coração de ver como taes almas se desaproveitam; como se mette um sexo (metade da especie humana!) na roda dos engei-

[1] Tom. 1.° discurso XVI *Defensa de las Mugueres.*

tados! É peccar contra justiça e natureza; é defraudal-as de sua herança; e a nós, de mais prazeres e mais delicados, que nos ellas puderam dar; as sciencias e as artes, de novos lustres; e as gerações ulteriores, a pobre infancia, das suas instituidoras naturaes e mais proficuas.

Instruidas, animadas, laureadas as mulheres distinctas e sublimes, que estimulo para os lidadores no campo da intelligencia! no carcaz do amor, que novas settas enfeitiçadas!

Completa-se hoje a educação feminil, ajuntando aos lavores e prendas manuaes, a dança e musica; o desenho, a pintura e uma ou duas linguas vivas, já são luxo muito raro. A dança e a musica, são graças; quem o nega? e como taes, de juro e herdade pertencem ao seu sexo; mas, custando muito em cabedal, e em tempo, são apenas um enfeite passageiro. Concluida a festa do noivado, fechou-se o piano, encapotou-se a harpa; como quem dissera: — «Está concluida a vossa missão; já seduzistes.» — A dança, vai só até ás primeiras raias da velhice: é como as viração perfumadas que só pertencem á primavera. E depois, todos esses recreios são para as salas, e para o turbilhão.

Os livros, não: são companheiros, amigos, consoladores, guias, mestres, e thesoiros para todas as edades, condições e fortunas. Velando o somno do filho, amamentando-o, se continúa o estudo no sacrario íntimo da familia. Se um chôro ou um riso, que saem do berço, o interrompem, bem fóra estão de o supprimir. «Applico-me para

um dia instruir o meu filho; illustro-me, e aperfeiçôo-me, para dar a minha filha um modelo, e testar-lhe um nome, com que se possa gloriar.» ¿Esta reflexão não é bem obvia ao coração materno? ¿sobretudo quando a razão se acha convenientemente esclarecida?

O assumpto era para um tratado, e não para uma nota. Possa o quasi nada que nella apontámos suscitar em paes e mães um pouco de sisuda meditação! Encaminhe Deus este memorialsinho onde dê proveito! que eu, de minhas mãos o sólto, com aquelle estribilho do Ferreira no epithalamio á nossa princeza de Parma:

Boa estrella te leve hora doirada!

FECUNDAÇÕES INTELLECTUAES

(Tomo I pag. 50, linha 15 — *Valente, e Poeta* — Pag. 116, linha 10 — *Antonio, que é um dos que tinham ficado á porta da varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se* — Pag. 158, linha 23 — *Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada e a quebra sem o largar* — Pag. 204, linha 26 — *Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... Sim, mestre, cantarei, repoisae vós.)*

Quanto a serem os Jáos naturalmente soberbos, vingativos, valentes, dizem-no os autores; póde-se consultar, entre outros, João de Barros na dé-

cada IV, livro I, cap. XII. Quanto a poeta, o Jão do meu original francez não o era; fil-o eu tal, não só pela razão que a El-Rei dá o Camões na scena dezoito do acto primeiro, quando diz: *Dicipulo meu? talvez; mas alumno da formosa natureza oriental, e inspirado de seus ares creadores. É a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; como não seria a terra dos poetas?* Não só, repito, por essa razão o baptisei poeta, senão tambem, e principalmente, por me parecer que isto da poesia, em sendo num homem verdadeira, e muita, como era em Camões, de força se ha-de pegar mais ou menos a quem com elle communica: *Dize-me com quem lidas...* reza o nosso rifão velho. Ora, se assim corre (como em verdade corre, e todos sabem) com as qualidades ruins, tanto no mundo moral como no fisico; se os melões ao pé dos aboboraes sabem a aboboras, e em companhia de ciganos só ciganos se criam, porque não haviam os espiritos que transsudam o bello ideal, como canforeiras e canelleiras exhalam aromas sem se sentir, porque não haviam aos espiritos do seu trato contagial-os com a sua praga santa, e gloriosa maldição, mas que só fosse superficialmente?

Tenho eu para mim, que o ser uma terra mais industriosa, ou mais sabia que outra, ou mais artista neste ou naquelle ramo, ou mais galante e chistosa, ou mesmo mais bruta ou devassa, não virá tanto de differenças de ares, como de influxos de pessoas. E quando não, porque não cria a Grecia hoje nem um arremedo d'aquelles grandes

varões, que antigamente produzia aos cardumes? Porque é Pariz o fóco do bom gosto? a Alemanha o viveiro das filosofias? a Inglaterra o exercito grande dos fabricantes? a Italia o enxame dos musicos, escultores, e pintores? a Hespanha a terra classica dos hyperboles? Porque diz a historia, o seculo de Péricles? o seculo de Augusto? o seculo de Leão X? o seculo de Médicis? o seculo de Luiz XIV? Porque ha edades de fanatismo, edades de licença, edades guerreiras, edades sedentarias e estudiosas, edades só politicas e falladoras? Não póde ser acaso, senão influições de homens, que por alguma sua condição, ou intrinseca, ou externa, possam introduzir moda, e fazel-a pegar. Entre nós temos exemplos e muitos; cito só dois: D. João V favoreceu estudos, os historicos principalmente; e o seu reinado só, deixou livros de historia para uma bibliotheca. Em nossos dias, deu-se pela primeira vez uma especie de impulso, com certas mostras de apreço e semi-favor, á arte dramatica; e os dramas pullularam. O que nesta parte temos visto nascer, excede já ao que nos haviam feito desde Gil Vicente.

É este um axioma em que eu hei-de martellar opportuna e importunamente a poderosos, a saber: que a Providencia lhes deu procuração bastante para curarem do seu grande negocio da perfectibilidade; assim como tambem é verdade que o diabo, por baixo de mão, lhes deu outra para lhe pôrem embargos; e quando *poderosos* digo, não digo só reis, rainhas e principes, millio-

narios ou ministros de estado; comprehendo no rol, bispos, governadores, magistrados, parochos, mestres, superintendentes de estabelecimentos, donos de fabricas, e até simplices paes de familias; pois o que uns pódem no muito, outros o pódem no pouco; aonde uns vão rasgadamente, outros chegam rodeando; uns dizem: *faça-se*, e faz-se; outros fazem-no sem dizer nada. Que todos pódem, e conseguintemente que todos devem, e devemos, contribuir para a civilisação, a qual, com ser immensa, se compõe em todas suas partes de elementos minimos, isso, no simbolo dos apostolos da filosofia é o primeiro artigo. Nem todos o praticarão, mas descrer d'elle, ninguem.

E deixando agora o Jáo, que eu suppuz poetificado pelo Camões, e pela poesia nobilitado nos affectos, até á façanha de pedir esmola para elle (porque a verdadeira poesia entendo eu que é uma fidalguia d'alma) seguirei ainda um pouco na idéa que trazia, ou que me vinha trazendo a mim, pois que desde muitos annos me senhoréa, qual é a de se favorecer o desenvolvimento de todos os talentos uteis, e bastára dizer de todos os talentos; o musico não é menos homem para o genero humano que o lavrador; nem o poeta menos prestadio que o pedreiro.

—«A proposito do triste Jáo!?...»

Que dúvida! Com menos bom thema ainda, prégaria eu o meu sermão: assim elle tenha ouvintes! e algum dos ouvintes se converta!

Se eu fosse alguma coisa mais que escrevedor, v. gr. governador civil (do que Deus me ha-de

livrar, e me livraria eu mesmo) não me gastaria nestas razões especulativas; em vez de riscar, edificaria; que chão em que, e materias com que, não faltam ahi. Como o não sou, nem hei-de ser, vou alvitrando em sêcco por estas notas, que é um espairecer que a ninguem faz mal. A alma de um amigo dos homens ha-de-se deixar correr como o vento, por onde ella quizer: que, assim como o vento, leva sempre em si muita semente, que vai espalhando. Milhões d'ellas se perderão; mas sempre algumas, ainda que tarde seja, poderão vingar. Ora pois, sem mais venias, eis aqui o que eu, vai já em oito annos, sollicitava a bem da mocidade, que foi sempre os meus amores, e tanto mais o vai sendo, quanto mais d'ella me vão os annos desviando.

Era na *Revista Universal Lisbonense*, em 18 d'agosto de 1842, e sob o titulo de *Um arbitrio utilissimo para a litteratura:*

«Desde o principio das sociedades humanas «que pende um grande pleito entre a natureza e «a fortuna; pleito em que ambas são autoras, e «ambas rés: queixa-se a natureza, pela voz de «seus filosofos, de que a fortuna lhe esperdiça «muitas e muitas das suas melhores producções; «queixa-se a fortuna, pela voz de quasi toda a «gente, de que a natureza é escaça de coisas e «pessoas proprias para completar no mundo uma «existencia feliz. O abbade Dubos pretendeu de- «cidir parte d'esta questão, affirmando que ne- «nhum engenho especial nascia, a quem o acaso

«não viesse depois a facilitar os meios de reali-«zar a sua vocação. A biographia de muitos ho-«mens illustres acode com brilhantes exemplos á «theoria do abbade Dubos; mas o abbade Dubos «não tinha razão: não fallando já nos povos ru-«des e silvestres, omittindo até as nações atraza-«das, em que as artes e sciencias apenas princi-«piam, e entre as quaes todavia não pódem dei-«xar de nascer talentos e genios, condemnados a «perecer na atmosfera crassa e fria que os ro-«deia, quem ha ahi que por pouquissimo que te-«nha reflectido nas pessoas e coisas que viu em «sua vida, se não convencesse de que muita obra se «fez mal, porque se não commetteu a bom mes-«tre? e que muito prestimo se desaproveitou por «mingoa de ousadia propria, por desfavor ou ini-«misade dos influidores, por desconcerto ou con-«trariedade das circunstancias! não, evidente-«mente não tinha razão o abbade Dubos.

«A filosofia especulativa e experimental, que «pariu, e vai criando a liberdade para rainha do «mundo, procura, por instincto, concluir, por mu-«tua e afortunada composição de ambas as par-«tes litigantes, esta cançadissima demanda da na-«tureza e da fortuna; nobre e louvavel empenho «a que todos devem incessantemente dar a mão. «A dois se reduzem principalmente os meios por «onde tal, ou semelhante resultado se ha-de con-«seguir: 1.º a maxima generalisação das luzes, e «o arroteamento e cultivo intellectual, não de «alguns, senão de todos; 2.º a generalisação do «systema de concursos para todos os objectos onde

«os concursos se possam applicar. Resolvido o 1.º «d'estes dois problemas, a educação revelará to- «das as vocações para que se possam aproveitar; «resolvido o 2.º, decedidamente se aproveitarão: «pela primeira via, calam-se as lamentações por «parte da natureza; pela segunda, as queixas por «parte da sociedade: a primeira, descobre a to- «dos o seu verdadeiro caminho providencial; a «segunda, lh'o abre, e lhe facilita o percorrel-o: «o primeiro expediente, encherá o mundo de gen- «te grande; o segundo, por mão d'essa gente «grande, o encherá de grandes coisas: o primei- «ro, será o *fiat lux*; o segundo, o *fiant omnia*.

«Ora, a filosofia da liberdade (nas terras onde «a liberdade tem filosofia, onde ella é meio e não «fim) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito «das difficuldades de todo o genero, e sempre re- «crescentes, a derramar as luzes quanto, e até «onde póde; e a procurar, para cada objecto, os «sujeitos mais idoneamente alumiados: ¿quando «começaremos nós outros a trilhar esta verdadei- «ra estrada da perfectibilidade? sabe-o Deus; mas «não dá mostras de ser mui cedo, porque em tres «milhões e meio de habitantes apenas por ora tres «duzias e meia d'elles sabem ler por cima. Pen- «sem, e pensem muito nisto os que legislam, e «os que governam, e todos os que por qualquer «modo se acham por seus haveres, por sua posi- «ção, ou por outro qualquer genero de influen- «cia, no caso de poderem contribuir para a ins- «trucção do povo; taes como os governadores, «administradores, parochos, e fidalgos provincia-

«nos, que por seus cabedaes, crédito, e respeito, «são ainda agora em suas villas e aldêas, ou pó- «dem ser, verdadeiros patriarchas, principes, e «exemplares. Mas, repetimol-o, esses annos doira- «dos de muita luz só pódem vir a cabo de mui- «tos annos de acertados e geraes esforços; será «um bello dia esse; mas receio que só nossos fi- «lhos lhe vejam a alvorada.

«Deixemos pois ao tempo o cumprimento do seu «officio, por que do homem só depende o semear «e plantar; mas o fazer medrar e copar depois «as selvas, e povoal-as de harmonias e encanta- «mentos, só pertence á Providencia, que vai pau- «sadamente e a ponto mettendo na obra mil ou- «tros agentes, de que porventura nem sequer «temos idéa. Insensivelmente subimos com o dis- «curso até esta grande e desconsolosa altura, em «que não temos que fazer, senão estender para «baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as «mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos «e tomemos o pequeno assumpto a que nos di- «rigiamos: pequeno, comparado com estas altas «ponderações, mas, por de possivel, facil, e pro- «xima realização, importantissimo. É um *Projecto «de Lei* que ennobrecerá ao deputado que o pro- «pozer, e á camara que o adoptar; e ao governo «que o der á execução, grangeará bençõs copio- «sas.

«Sabido é como neste prospérrimo torrão de «*Portugal* tem a natureza, e teve sempre, mara- «vilhosa feracidade, assim de frutos, como de va- «rões; e que o desprezo de uma e de outra abun-

«dancia, foi o que nos poz e nos conserva em tan-
«to extremo pobres e arrastados. Já se voltaram
«os olhos e as vontades para os interesses mate-
«riaes; isto é, para as producções da terra, e pa-
«ra as artes e industrias, que d'ahi nascem im-
«mediatamente; Deus lhe ponha a virtude, que
«bem boas coisas são todas essas, mas ha-se mister
«de começar tambem a aproveitar alguma par-
«te da gente boa, que por ahi nasce espontanea-
«mente, e em tanta copia. Nunca talvez foi por
«cá maior a de mancebos desenganadamente
«feitos e talhados para as boas lettras; todos os
«dias vemos, com espanto, abrirem-se flores d'es-
«tas, promettedoras de frutos sazoados para a ci-
«vilisação, e para a gloria da patria; e todos os
«dias as vemos, com lástima, cair, murchar e per-
«der-se; ou se arribam a fruto, darem-no péco
«e pedrado. D'estes mancebos conhecemos nós:
«uns, a quem a pobreza tolheu o passo para os
«estudos; outros, a quem a falta de bons guias
«desencaminhou; outros, de quem travou o re-
«moinho da politica, e os afogou nesse pégo de
«que não ha resurreição; outros, a quem a cruel
«humanidade de poderosos protectores empregou
«nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de
«todas as tarefas da cidade; ¡deram-lhes o pão
«roubando-lhes a alma, e cuidaram ter sido ge-
«nerosos! Dubos, com a sua theoria, era eviden-
«temente um insensato; ¿haverá porém remedio
«para todos estes homicidios? ou para alguma
«parte d'elles? Não só o ha, senão facilimo.

«Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou «das cidades, uma, ou mais, d'essas casas, que a «piedade erigíra para conventos, e onde, conjunc-«tamente com muitas excellencias moraes e reli-«giosas, medravam, como em ares seus proprios, «muitas lettras e muitos talentos; ajunte-se-lhe a «porção de terra sufficiente para manter um li-«mitado numero de moradores; mettam-se de «posse d'essa bemaventurança, assim os mance-«bos, cujo espirito houver dado claro annuncio «de suas forças, como os velhos, que persevera-«ram fieis ao estudo, em paragem tão madrasta «d'elles; dêem a uns e outros os livros, o reman-«so, a abundancia, o exercicio saudavel para o «corpo e para a alma, o habito e a necessidade «do estudo; e ver-se-ha que maravilhas saem «d'este fecundo commercio da experiencia e scien-«cia da velhice, com a força e a energia da mo-«cidade; nada ahi faltará: nem a seiba, que vivi-«fica, nem a cultura, que aperfeiçôa! cada eda-«de receberá da outra o que lhe falta; temperar-«se-ha a fraqueza; comedir-se-ha a petulancia; «e a arte, por todos os modos servida e ajudada, «logrará em pouco tempo a sua maior altura re-«lativa. Uma tal casa, seria ao mesmo tempo um «asilo de inválidos, isto é, uma sagrada paga de «divida nacional, e um seminario ubérrimo de «talentos, isto é, um pequeno cabedal posto pela «nação a enormes e honrosissimos juros.

«Este pensamento, que ha muitos annos tra-«ziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, «por medo ao prosaico *ramerrão* d'este nosso mun-

«do, só agora nos afoitámos a dal-o ao publico; «se com esperança ou não, não o dizemos; e foi «o motivo, que nos quebrou o encantamento, o «sabermos que já um portuguez, em todo o sen- «tido portuguez, e por todos os modos respeita- «vel, o tentára por sua parte realizar. Foi este «portuguez o conde de Lavradio. Comprára elle «o convento e cêrca dos carmelitas a par de *Co- «lares:* captivado da formosura, solidão, e silen- «cio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era «accommodado para o estudo, para o contenta- «mento do animo, e para a criadora liberdade «da fantasia, traçou consagrar a casa ao publico «proveito, recolhendo nella mancebos favoreci- «dos da natureza, e desamparados da fortuna, «sugeitando-os a um instituto moral, litterario, «e hygienico, que amplissimamente os desenvol- «vesse; e mandando-os depois ás capitaes mais «illustradas, para receberem a derradeira mão «de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quan- «do, pela edade e pelo estudo, não corressem pe- «rigo de se irem perverter e vir para sua terra «despresar, e vilipendiar a lingua, o bom siso e «os bons costumes de seus maiores. Obra era esta «digna de seu autor; e já hoje existíra, se novos «deveres contraídos pelo generoso fidalgo, o não «constrangessem a levantar mão do seu primeiro «empenho. Não é logo utopia, nem sonho de poe- «ta o que lembrâmos. Tentem-no, tentem-no, «pelo amor da patria! Se fôr necessario accres- «centar á doação de uma casa e pouca terra al- «guns outros meios, appelle-se para a generosi-

«dade dos portuguezes opulentos, que talvez haja «ainda ahi algum opulento, que seja portuguez. «Com donativos se fundaram muitas coisas boas «nestas boas terras: misericordias, collegios de or- «fãos e orfãs, seminarios ecclesiasticos, hospitaes, «albergarias, recolhimentos, mosteiros; com do- «nativos se mantêem asilos d'infancia desvalida, «asilos de velhice mendiga, e escolas; ¿porque ra- «zão com donativos se não consagraria uma nova «misericordia aos filhos predilectos da natureza, «engeitados da fortuna? Não seria monumento «de menos piedade; e seria de todos o mais aben- «çoado pelas gerações que vierem, começando «logo pela que immediatamente nos seguir.»

Depois de sete annos que isto supplicava, presumindo que a razão publica poderá ter dado mais um passo, tórno hoje a supplical-o, de mãos postas aos pés dos ricos e poderosos: não peço para mim; sou como o Jáo, peço para o talento; para o talento desvalido.

Este seculo XIX, que á boca cheia condemna a bruteza do seculo XVI para com o Lusiada dos *Lusiadas*, não deverá incorrer na mesma culpa e penna de coração de ferro, e entendimento tapado. Poderosos e ricos, para vos resolverdes emfim ao milagre, tão facil, e que tantos ha-de dar de si, deixae-vos entrar da poesia uma hora sequer na vossa vida, pintae na fantasia do vosso coração, e saboreae desde já por antegostos as delicias que vos esperam, quando muito a miúdo visitardes a vossa peregrina fundação! quando

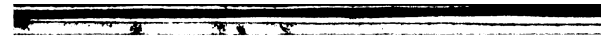
virdes aquelles commensaes, uns imberbes, outros encanecidos, todos irmãos, todos contentes, todos inspirados, todos abençoando a vossa fortuna, que fez a sua para ornamento da patria sua e vossa! vede-os agora, no trafego da bibliotheca ajudando-se mutuamente! agora, divididos pelo homizio de suas cellas, e meditando a sós! já pelo jardim conversando e aspirando flores na primavera! já no estio meditando Virgilio, ou Lamartine, ou Chateaubriand á sombra espessa do bosque! no outono em passeios! de inverno, em leitura á roda do lume, que é passeios, bosques, e jardins, sem distracções nem cançaço!

O que ahi havereis semeado, nem vós o adivinhais! os agradecimentos publicos vol-o dirão, quando obras d'arte esmeradissimas começarem a trasbordar e diffundir-se da vossa colmeia de espiritos: bem ufanos que vos deveis sentir, e todos vos hão-de dar razão.

Digo-vos sem lisonja, não sei qual sorte será mais para invejar: se a de taes protegidos, se a de taes protectores: elles, poderão vir a fazer *Lusiadas;* mas vós, a elles mesmos os havereis feito.

Lendo-se o que na *Chave do Enigma* lançámos de pagina 313 a 320 se verá que ainda continuâmos a afagar a nossa idéa velha. Cada dia mais nos confirma nella, ainda que esperanças de a vermos realizada bem poucas nos restam já.

FIM DO SEGUNDO TOMO.



UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06301 0287